



Orientação





I

*Dom Pedro quarto; imperador e rei,  
Por primogenitura e pela lei;  
'Stendendo sobre um colossal imperio  
Seu aureo sceptro n'um e outro hemisfério –;  
Outorga a carta: - abdica a dupla c'rôa,  
E a constituição, aos povos dôa!...  
Despindo então o manto, cinge a espada,  
E organisa a liberal cruzada,  
P'ra derrubar a ouzada usurpação  
De Dom Miguel primeiro, seu irmão!*

XXV

*Aponta para o Porto, qual o norte  
Que tem de ser-lhe salvação ou morte.  
A nobilíssima cidade abriu  
Os braços seus com lealdade e brio.  
Cavam-se fossos, erguem-se trincheiras;  
Com mais uns mil reforçam-se as fileiras.  
Se cada vez estreitam mais o cêrco,  
O Porto ri-se com desdém do aperto.  
Arrosta; e Vencedor ou não, na guerra,  
Só morto vemos o heroe por terra!*

*Uma vontade ainda! E' a ultima na terra!  
A' heroica cidade, invicta em toda a guerra;  
N'esta hora, a mais solemne; eu faço doação,  
A par de grato amor, do grato coração.  
E digam! Oh mar'chaes; ao nobre e invicto Porto,  
Que guarde o coração do seu soldado morto!*

Guilherme Read Cabral (s/d),  
Glórias e Primores de Portugal  
Typographia da Casa Editora Alcino Aranha & C.a

**A Meus Pais**

## Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor Sérgio Veludo Coelho, pela disponibilidade, incentivo e envolvimento pleno na orientação do projeto.

À Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, em especial à Dr.<sup>a</sup> Manuela Rebelo pela sua disponibilidade.

Ao colégio de Nossa Senhora de Lourdes e aos outros colégios participantes, em especial, aos meninos e meninas que tornaram possível a concretização deste projeto, mostrando sempre empenho nas tarefas propostas.

Aos meus pais pelas vezes em que os momentos em família tiveram de ser encurtados.

Às minhas amigas (Andreia, Inês, Catarina, Márcia e Paulinha) pelo incentivo e motivação.

Aos meus colegas (Carla e Rui) por toda a colaboração.

À Ana e ao Vitor companheiros de outras caminhadas.

À Anabela, à Cátia e ao Paulo pela partilha de bons momentos durante a realização deste mestrado.

Renata Romano Marques

## SIGLAS E ACRÓSTICOS

**Abp** – Aprendizagem baseada em Projetos

**BMAG** – Biblioteca Municipal Almeida Garrett

**BMP** – Biblioteca Municipal do Porto

**CIEd** – Centro de Investigação em Educação

**CITCEM** – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultural, Espaço e Memória

**CNSL** – Colégio de Nossa Senhora de Lourdes

**ESSE** – Escola Superior de Educação

**FLUP** – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**FPCEUP** – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

**GC** – Grupo Controlo

**GE** – Grupo Experimental

**VINSL** – Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa

## **Resumo:**

As dinâmicas sociais, políticas e económicas catalisadoras de mudança, transformam as cidades e os lugares ao longo do tempo deixando marcas que podem ser descobertas a partir do património. Muitos desses elementos patrimoniais constituem-se como fontes de evidência histórica, contando, a partir de uma narrativa visual e simbólica, a história dos lugares e dando a conhecer os seus intervenientes. Descobrir este património é desvendar a cidade de outros tempos e de outras gentes, perpetuando a memória coletiva e fortalecendo a identidade e o sentido de pertença, contribuindo deste modo para a sua preservação e salvaguarda. Neste sentido, o presente projeto de mestrado aborda o Liberalismo do início do século XIX, na cidade do Porto, propondo um roteiro pedagógico para a infância onde o conhecimento da História Local é construído a partir da descoberta do património em presença na cidade. Pretende-se com este projeto, promover estratégias ativas de construção do conhecimento a partir de tarefas desafiadoras e significativas, levando as crianças a conhecer e a refletir sobre o papel da sociedade portuense, do início do século XIX, na implementação da Monarquia Constitucional e nas transformações políticas e sociais da época.

**Palavras-chave:** Educação Histórica, Educação Patrimonial, Porto Liberal, Roteiro Pedagógico, D. Pedro IV

## **Abstract:**

The catalyzing social, political and economic dynamics of change transform cities into places over time leaving marks that can be discovered from heritage. Many of these heritage elements constitute sources of historical evidence, telling, from a visual and symbolic narrative, the history of the places and making known their actors. To discover this heritage is to unveil the city from other times and other people, perpetuating the collective memory and strengthening the identity and sense of belonging, thus contributing to its preservation and safeguarding. In this sense, this master's project addresses the liberalism of the early nineteenth century in the city of Porto, proposing a pedagogical roadmap for childhood where knowledge of Local History is constituted from the discovery of the heritage present in the city. The aim of this project is to promote active knowledge-building strategies based on challenging and meaningful tasks, leading children to know and reflect on the role of early 19th century Porto society in the Implementation of the Constitutional Monarchy and the political and social transformations of the time.

**Keywords:** Historical Education, Heritage Education, Porto Liberal, Pedagogical Script, D. Pedro IV.

## ÍNDICE GERAL

<b>Introdução</b>	9
<b>1. Instituição de Acolhimento</b>	12
1.1. Identificação da entidade acolhedora	12
1.1.1. Porto Liberal – “Porto Liberal, uma rota direta ao coração	14
1.2. Objetivos do projeto	15
1.3. Metodologia	15
<b>2. Educação Histórica e Patrimonial: contextualização teórica</b>	17
2.1. Educação histórica e patrimonial: contributos da investigação nacional	17
2.2. Porto: Uma cidade com Coração Real! Uma proposta de educação histórica e patrimonial	20
<b>3. O liberalismo na cidade do Porto: da historiografia ao património</b>	29
3.1. As invasões francesas e a cidade do Porto	29
3.2. Da revolução liberal de 1820 ao embarque do exército libertador na ilha terceira	39
3.3. O cerco do Porto 1832-33	44
<b>4. Porto: uma cidade com Coração Real! A proposta para a infância</b>	48
4.1. Metodologia	48
4.1.1. Desenho Do Estudo	48
4.1.2. Caracterização da Amostra	49
4.1.3. Instrumento De Recolha De Dados	51
4.1.4. Procedimento	51

4.2. Roteiro Pedagógico	53
4.2.1. Desafio 1: Quem é este rei?	54
4.2.2. Desafio 2: Genealogia de d. Pedro IV	57
4.2.3. Desafio 3: Friso cronológico	60
4.2.4. Desafio 4: Gravura	62
4.2.5. Desafio 5: Visita ao património_monumento a D. Pedro IV	65
4.2.6. Desafio 6: Jornal com História	67
4.2.7. Desafio 7: Visita ao património_monumento ao Heróis da Guerra Peninsular	70
4.2.8. Desafio 8: Conta-me História: a transferência da corte para o Brasil	72
4.2.9. Desafio 9: Revolução de 1820	73
4.2.10. Desafio 10: Monarquia Absoluta vs Monarquia Constitucional	76
4.2.11. Desafio 11: As Guerras Liberais	78
4.2.12. Desafio 12: Porto: uma cidade com Coração Real_percurso pelo património	80
4.2.13. Porto: uma cidade com Coração Real! A exposição de um percurso pedagógico	82
4.3. Apresentação e discussão dos resultados	86
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	95
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	99
<b>APÊNDICES</b>	103

## ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular	37
Figura 2 - Alminhas da Ponte da autoria Teixeira Lopes (pai)	38
Figura 3 - Escultura de Souto Moura evocativa da tragédia da Ponte das Barcas (lado do Porto)	39
Figura 4 Método Quasi-Experimental.	49
Figura 5 – Cronograma de ação	52
Figura 6 – Questão desafio – Desafio 1	55
Figura 7- Desafio 1 – Atividades com os alunos	52
Figura 8- Desafio 2 – Atividades com os alunos	52
Figura 9- Desafio 3 – Atividades com os alunos	61
Figura 10- Desafio 4 – Atividades com os alunos	63
Figura 11- Desafio 4 – Atividades com os alunos	64
Figura 12- Desafio 5 – Atividades com os alunos	66
Figura 13- Desafio 6 – Atividades com os alunos	69
Figura 14- Desafio 7 – Atividades com os alunos	71
Figura 15- Desafio 9 – Atividades com os alunos	75
Figura 16- Desafio 10 – Atividades com os alunos	77
Figura 17- Desafio 11 – Atividades com os alunos	79
Figura 18 - Desafio 12 – Atividades com os alunos	81
Figura 19 – Montagem da exposição	83
Figura 20 – Montagem da exposição	85
Figura 21 – Desafios preferidos pelos alunos	85

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da amostra por género	50
Tabela 2 – Distribuição da amostra por idades	50
Tabela 3 – Desafios com História_ Roteiro de atividades	53
Tabela 4 – Percentagem de respostas corretas por item de resposta, obtidas pelos GE e GC no Pré-teste e no Pós-teste.	87
Tabela 5 – Médias e desvios-padrão	89
Tabela 6 – Resultados do teste <i>t</i> para amostras emparelhadas	89

## INTRODUÇÃO

A história dos lugares esconde-se em pequenos pormenores, despercebidos à maioria dos que por eles passam, ou exhibe-se em monumentos, muitas das vezes, também despercebidos pelos mais distraídos. Foi precisamente durante o primeiro ano do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, na unidade curricular de Desenvolvimento e Turismo: Travessias Geoculturais, que dei conta de uma grande *distração*. Desconhecia, até ali, que entre o vasto património presente na cidade, existia um de inigualável valor. O coração de um rei! O coração do rei Soldado. Como é que eu não sabia deste facto? (Em minha defesa, eu não sou do Porto.) Mas como professora do primeiro ciclo deveria ter este conhecimento, de forma a enriquecer o conhecimento dos meus alunos sobre o meio local e o património. Esta descoberta levou-me a refletir sobre a importância da educação patrimonial na infância e o papel do professor na preservação e salvaguarda do património. Embora este mestrado não esteja ligado diretamente ao ramo da pedagogia, considerou-se oportuno aliar a experiência profissional aos estudos do património, propondo uma abordagem pedagógicas ao nível da educação formal e não formal.

O presente relatório surge, então, no âmbito de Projeto de Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, para a obtenção do grau de mestre,

pela Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, estruturando-se da seguinte forma:

No capítulo 1, é apresentada a instituição de acolhimento, apresentados os objetivos do projeto, bem como a metodologia.

No capítulo 2, faz-se uma contextualização teórica relativamente à Educação Histórica e Patrimonial em Portugal. São abordadas as perspetivas das investigações de relevo destacando-se os estudos desenvolvidos na Universidade do Minho, bem como, as propostas pedagógicas para educação histórica em articulação com a educação patrimonial.

No capítulo 3, apresenta-se uma narrativa histórica sobre os acontecimentos ocorridos na cidade do Porto durante a instauração do Liberalismo em Portugal. Abordam-se as invasões francesas e a guerra peninsular, a revolução de 1820, suas causas e consequência para a história nacional, e o Cerco do Porto. Ainda, no decurso deste capítulo, são apresentados os elementos patrimoniais em presença na cidade relacionados com estes acontecimentos e abordados durante a implementação do projeto em contexto formal de aprendizagem.

O capítulo 4, explicita a implementação do projeto em contexto formal de aprendizagem. Apresenta-se a metodologia de ação, o desenho de estudo, os instrumentos de recolha de dados, a definição da amostra, bem como a discussão dos resultados. Neste capítulo, dá-se especial atenção ao roteiro pedagógico, clarificando as opções metodológicas e a utilização dos recursos.

As considerações finais refletem as etapas em que desenvolveu o projeto, a levantam questões que se foram afigurando relativamente ao papel da Educação Patrimonial.

## **1. INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO**

Este capítulo introdutório apresenta a instituição de acolhimento deste projeto, identificam-se os objetivos que se pretendem alcançar e explicita-se a metodologia adotada.

### **1.1. IDENTIFICAÇÃO DA ENTIDADE ACOLHEDORA**

**Denominação:** Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa

**Morada:** Largo da Lapa, nº 1, 4050-069 PORTO

De acordo com o Capítulo I, Artigo 1.º dos seus Estatutos, A Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa ( V.I.N.S.L.), fundada em 1757, “é uma instituição criada no âmbito da Igreja Católica, pessoa jurídica canónica de natureza pública, que adquiriu personalidade jurídica civil mediante participação escrita da sua ereção canónica, feita pelo Ordinário Diocesano aos serviços competentes, encontrando-se registada como IPSS nos termos legais, sendo constituída por todos os Irmãos que, pertencendo à Igreja, aceitem os deveres que aqui se encontram consignados.”

### **MISSÃO**

A Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa tem como Missão promover o culto à Nossa Senhora da Lapa e divulgar a doutrina cristã, promover e proteger a saúde, fomentar a educação e a cultura, praticar a

solidariedade social, proteger os Irmãos e defender e preservar o patrimônio cultural material e imaterial.

### **VISÃO**

A Visão da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa é ser uma Instituição atuante e dinâmica, capaz de responder aos desafios do seu tempo e consolidar a sua posição de referência no plano religioso, no setor da saúde e no panorama social e cultural, através de uma cultura de solidariedade, de uma melhoria contínua das suas práticas e da elevação da qualidade dos serviços prestados. Além disso, é seu propósito prestar um serviço cada vez mais certificado e qualificado, nas suas diversas valências, tendo sempre em vista a satisfação das necessidades dos Irmãos e de todos que procuram os seus serviços.

### **VALORES**

A Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa e os seus profissionais orientam a sua conduta pelos seguintes valores:

- **Respeito** pelos princípios da doutrina cristã;
- **Respeito** pelo legado histórico;
- Elevados padrões de **qualidade** na prestação de serviços;
- **Respeito** pela individualidade da pessoa;
- **Solidariedade** para com todos os que recorrem aos seus serviços;
- **Ética** e **rigor** na conduta institucional;
- Responsabilização e **sustentabilidade**;
- **Transparência, generosidade e partilha.**

Este projeto desenvolveu-se no contexto da Rota Porto Liberal, projeto da V.I.N.S.L em parceria com outras instituições da cidade.

### **1.1.1. Porto Liberal – “Porto Liberal, uma rota direta ao coração”**

A Rota Porto Liberal é um projeto da V.I.N.S.L. em parceria com a Câmara Municipal do Porto, o Exército, a Direção Geral do Património Cultural, a Santa Casa da Misericórdia do Porto e a Direção Regional de cultura do Norte. Distinguida com o prémio de Informação Turística em 2018, esta rota pretende “conectar-se com as pessoas que, no século XIX, fizeram Invicta a esta que já era a *mui nobre e sempre leal* Cidade do Porto” (Rota Porto Liberal), através dos lugares, edifícios, ruas, paisagens, coleções, memórias.

Esta rota propõe um passeio autónomo por dezasseis lugares que foram palco dos confrontos entre ideais absolutistas e liberais, desde a Revolução de 1820 até à vitória liberal na guerra civil de 1832-34:

- Museu militar do Porto: onde se pode conhecer as coleções e a ligação ao exército de D. Pedro IV;
- Rua do Heroísmo;
- Biblioteca Municipal do Porto;
- Rua do General Sousa Dias;
- Mosteiro da Serra do Pilar;
- Casa dos Guedes da Silva Fonseca;
- Igreja dos Congregados;
- Praça da Liberdade: local de execução dos mártires da liberdade e do monumento a D. Pedro IV, o Rei Soldado;
- Museu e Igreja da Misericórdia do Porto: onde se conhecer a memória e identidade da instituição na sua relação com o liberalismo e com D. Pedro;
- Cadeia e Tribunal da Relação do Porto;
- Academia Real da Marinha e Comércio;
- Museu Nacional Soares dos Reis: casa que foi quartel-general provisório de D. Pedro IV e o primeiro museu público de arte do país;
- Quartel-general de D. Pedro IV: rua de Cedofeita n.º 395;

- Rua dos Mártires da Liberdade;
- Quartel de Santo Ovídio;
- Igreja de Nossa Senhora da Lapa: local onde se guarda o Coração de D. Pedro IV.

## **1.2. OBJETIVOS DO PROJETO**

Pretende-se com a realização deste projeto atingir os seguintes objetivos:

- Contribuir para a dinamização da Rota Porto Liberal, a partir, de uma proposta de educação histórica e patrimonial a dois níveis de intervenção: educação formal e educação informal;
- Divulgar o património histórico e cultural ligado aos locais e aos protagonistas da Revolução Liberal de 1820 e da Guerra Civil 1832-34;
- Refletir sobre a importância da educação histórica e patrimonial desde a infância para a divulgação, preservação e salvaguarda do património local.

## **1.3. METODOLOGIA**

Metodologicamente este projeto desenvolveu-se em três fases:

- Num primeiro momento, realizou-se a revisão bibliográfica relativamente à temática em estudo com recurso à pesquisa em repositórios online, em bibliotecas (BMP, BMAG, Biblioteca da FLUP, Biblioteca da FPCEUP, Biblioteca da ESE) e no Arquivo Municipal do Porto. Nesta fase, clarificaram-se conceitos e deu-se

início à construção de uma base teórica de suporte centrada nas temáticas da Educação Histórica e Patrimonial e da Implementação do Liberalismo no início do século XIX em Portugal e na cidade do Porto.

- Num segundo momento, definiram-se os objetivos, a estratégia de ação e a metodologia de intervenção. Construíram-se os materiais didáticos e os instrumentos de recolha de dados (pré e pós teste). Procedendo-se ainda às formalidades e contactos com as instituições cooperantes.
- Numa terceira fase, realizou-se a intervenção com o grupo experimental e aplicaram-se os pré e pós-teste (antes e após a intervenção) a ambos os grupos (experimental e controlo). Durante esta fase procedeu-se também à organização, análise e discussão dos resultados.

## **2. EDUCAÇÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL: CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

Neste capítulo, abordam-se os contributos da investigação e dos estudos empíricos realizados, na última década, a partir da nova linha de investigação proposta por Isabel Barca. Apresenta-se também a justificação das opções metodológicas e a escolha dos recursos implementados durante o projeto Porto: Uma Cidade com Coração Real em contexto formal de aprendizagem.

### **2.1. EDUCAÇÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL: CONTRIBUTOS DA INVESTIGAÇÃO NACIONAL**

A Educação Histórica e Patrimonial tem vindo a afirmar-se, no nosso país, a partir de uma nova linha de investigação que articula a Educação Histórica e a Educação Patrimonial desenvolvida pela Universidade do Minho a partir da obra pioneira em Portugal da investigadora Isabel Barca, *O Pensamento Histórico dos Jovens*. Os vários estudos realizados ao longo da última década no âmbito do mestrado de Supervisão Pedagógica em Ensino da História e Ciências Sociais e dos doutoramentos em Educação em História e Ciências Sociais, bem como a organização de vários seminários em Educação Patrimonial têm fomentado este “estreitamento de laços epistemológicos e empíricos” (Solé, 2015: 7).

Esta linha investigativa centrada na cognição histórica de crianças e jovens em Portugal, alicerça o seu constructo na investigação iniciada na década de 70 no Reino Unido e desenvolvida ao longo das décadas seguintes, destacando-se os projetos coordenados por Peter Lee e Daniel

Shemilt (Lee & Ashby, 1987; Shemilt, 1980, 1987) *School History Project* (SHP) e *Concept of History and Teaching Approaches 7-14* (CHATA) e *History 13-16*, sobre o desenvolvimento da compreensão histórica nos alunos. Estas investigações e as subsequentes vêm contribuir para a reflexão em torno da educação histórica e da necessidade de adequação de métodos e estratégias desafiadoras e significativas para a construção do pensamento histórico nos alunos. Neste sentido, “tem emergido uma diversidade de estudos acerca das ideias dos alunos, baseados em categorizações segundo níveis de progressão e em conceitos de segunda ordem como o de evidência, constituindo um importante contributo para a Educação Histórica” (Pinto, 2016, p. 82).

De acordo com Barca (2001, p. 20) “a educação histórica deverá implementar programas de ação que promovam uma aprendizagem sustentada, embora gradual, *em e sobre a História*, tal como é entendida hoje.” Neste sentido, a aprendizagem pode ser um processo em que o aluno tenha gosto em aprender, e esta deve processar-se em contextos concretos, tendo em conta a cognição, as evidências prévias dos sujeitos e a natureza específica do conhecimento. Como nos dá conta a investigação recente, “os estádios de desenvolvimento mental não são invariantes, como Piaget propôs. Há crianças de sete anos com pensamento histórico ao nível das de catorze anos e vice-versa” (Barca, 2001, p. 20).

O processo de aprendizagem de história deve privilegiar uma abordagem construtivista, onde o aluno desempenha um papel ativo na construção do conhecimento. Ao professor cabe o papel de orientar os alunos a partir de um conjunto de procedimentos que devem ser cuidadosamente preparados. Na proposta de aula-oficina de Isabel Barca, o professor deverá orientar as suas metodologias para:

- a.** A exploração das ideias prévias dos alunos acerca do conteúdo substantivo e da natureza do saber histórico; parte-se do mundo conceptual dos alunos para ajudá-los a reformularem ou a aprofundarem as suas ideias em História;
- b.** A formulação de questões desafiadoras, de forma que a História seja um meio de orientar os jovens sobre os problemas da vida humana e não um conjunto de análises estereotipadas sobre um passado morto, sem sentido para os jovens;
- c.** A proposta de tarefas de interpretação cruzada de fontes históricas com pontos de vista diferenciados, para que os alunos aprendam vários níveis de leitura do que é ou não é dito, uma competência essencial não só para a História como para a literacia em todas as dimensões;
- d.** A implementação de tarefas de aula variadas, em que se contemplem momentos de trabalho intelectual individual e de pequeno grupo (em pares, por exemplo), planeados quanto a questões a resolver e fontes a utilizar;
- e.** A análise da evolução conceptual ocorrida nas aulas através de fichas breves e simples, em momentos pré e pós-unidade didática – um “termómetro para medir” o pensamento histórico dos alunos;
- f.** O envolvimento dos alunos na reflexão sobre as suas próprias aprendizagens, através de exercícios de metacognição, que imprimem autoconfiança e sentido de autonomia responsável. (Barca, 2007, pp. 63-64).

A partir deste modelo pedagógico o aluno vai sendo desafiado a construir o seu conhecimento a partir de experiências significativas. Nesta abordagem o património como recurso, potencia aprendizagens diversificadas e a vários níveis de desempenho. O papel do professor é fundamental, na medida em que é ele quem toma as decisões didáticas que fazem a diferença no desenvolvimento das competências dos seus alunos. Os estudos têm demonstrado que as crianças são capazes de desenvolver o espírito crítico, de fazer inferências e de se apropriarem do conhecimento

histórico mesmo a partir de idades mais precoces, desde que tenham as ferramentas necessárias e uma estimulação cognitiva que assim o permita.

## **2.2. PORTO: UMA CIDADE COM CORAÇÃO REAL: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL**

O projeto, *Porto: uma cidade com Coração Real*, teve como principal enfoque a elaboração e aplicação de materiais pedagógicos orientados para a didática do património histórico e cultural sobre a temática do movimento liberal do início do século XIX na cidade do Porto. Pretende-se, com este trabalho, contribuir para a divulgação, preservação e salvaguarda do património histórico e cultural a partir da infância, desafiando o envolvimento ativo dos alunos desde cedo.

Estruturalmente, as aulas em contexto formal de aprendizagem desenvolveram-se semanalmente, ao longo do segundo e terceiro períodos, à terça-feira de manhã, no horário de Abp (Aprendizagem baseada em Projetos), aliando o Património Local e a História Local e Nacional. Pretendia-se com este projeto desenvolver nos alunos a consciência histórica a partir de evidências patrimoniais, através de um contacto direto com fontes históricas presentes no meio local, e desenvolver competências de interpretação, análise e espírito crítico face ao património e a sua correlação com os acontecimentos, factos e personagens históricos.

Metodologicamente as atividades foram apresentadas em forma de desafios e denominadas de *Desafios com História*, levando os alunos à descoberta e construção do conhecimento, a partir de tarefas de pesquisa com recurso a diversas fontes históricas (escritas, iconográficas, observação

direta em contexto), não sendo a sala de aula “o espaço onde se transmitem informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação em que os interlocutores constroem significações e sentidos” (Schmidt, 2002, p.57).

Aliando a Educação Histórica e a Educação Patrimonial, estas atividades partiram do levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos centrando-se na descoberta de elementos patrimoniais ligados ao movimento liberal do século XIX presentes na cidade e a sua relação com a História Local e Nacional.

No primeiro desafio, foi apresentado aos alunos uma imagem de um pormenor do Monumento a D. Pedro IV, localizado na Praça da Liberdade, e foram colocadas três questões-desafio que pretendiam identificar os conhecimentos prévios dos alunos relativamente a este património e despertar a curiosidade para a sua descoberta.

Os desafios seguintes levaram os alunos a conhecer a genealogia de D. Pedro IV e a sua cronologia a partir da exploração do mini site do Palácio Nacional de Queluz, “D. Pedro D’Alcântara de Bragança – Imperador do Brasil – Rei de Portugal”, concebido no âmbito museológico do Quarto D. Quixote e dos 180 anos da morte do monarca. Uma gravura alusiva à inauguração do Monumento desafiou a criatividade artística e preparou o olhar para os pormenores, seguindo-se a visita ao local para observação direta e recolha de evidências históricas a serem trabalhadas *a posteriori*, nomeadamente, os elementos contidos no pedestal alusivos ao desembarque das tropas liberais e à entrega da urna com o coração do rei à cidade. De forma a enquadrar o contexto político e social do início do século XIX, visitou-se o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular, assistiu-se ao documentário da RTP, Conta-me História: a transferência da corte para o Brasil e estudou-se a Revolução Liberal de 1820.

As atividades posteriores desafiaram os alunos a debater a Monarquia Absoluta e a Monarquia Constitucional, a conhecer a Primeira Constituição Portuguesa, as guerras liberais e o Cerco do Porto. Em jeito de conclusão, realizou-se um *Percurso Teatralizado* desde o colégio até à Igreja da Lapa,

passando pelo local onde, durante o Cerco do Porto, esteve instalada a antiga bateria do Cemitério dos Ingleses (atual Largo da Maternidade) e pelo antigo Campo de Santo Ovídeo (palco da Revolução de 1820). Concluída esta fase, os alunos foram desafiados a organizar uma exposição para apresentação do projeto a toda a comunidade educativa.

Segundo Barca (2004: 135) “Para acompanhar a mudança conceptual dos alunos tendo como alvo o desenvolvimento destas competências, as tarefas a realizar nas aulas têm de ser claramente explicitadas. Imaginar a aula em concreto, a priori, é fundamental para o sucesso em termos de perspetivação das aprendizagens a promover.” Neste sentido, e de forma a atingir os objetivos pretendidos, a revisão bibliográfica precedeu a definição de estratégias pedagógicas alicerçando a ação no contributo da investigação e estudos empíricos realizados na área da Educação Histórica e Patrimonial, e centradas nas potencialidades do uso de fontes patrimoniais no pensamento dos alunos sobre a evidência histórica e a construção da consciência histórica.

Como ponto de partida, foi tido em linha de conta as ideias prévias que, como salientam Ashby, Lee e Shemilt (2005) os alunos trazem quando chegam à sala de aula, sendo “necessário procurar nas ideias manifestadas pelos jovens, de forma sustentada, um sentido que se relacione com o quadro conceptual do saber histórico” (Barca, 2009, p. 20). Atendendo a esta perspetiva, o plano de aula teve em atenção o levantamento das ideias prévias no início de cada sessão. Este momento inicial era apresentado em forma de desafio com a dupla função de não só conhecer as ideias dos alunos, mas também de os desafiar na procura de respostas às questões apresentadas.

Outro aspeto que foi considerado durante a planificação de cada aula, foi a metodologia a desenvolver tendo em conta a perspetiva construtivista da aprendizagem dando ênfase ao papel ativo do aluno na construção do próprio conhecimento. Neste ponto, a metodologia adotada assemelha-se à estrutura de aula-oficina preconizada por Isabel Barca.

O modelo da aula oficina tem por base a teoria construtivista, onde o aluno é o agente da sua formação com ideias prévias e experiências diversas, enquanto o professor é o investigador social e organizador de atividades problematizadoras. Deste modo, o professor desafia e orienta o desenvolvimento das competências de interpretação/cruzamento de fontes ao longo da aula, utiliza tarefas desafiadoras, avalia sistematicamente as aprendizagens na evolução das ideias dos alunos entre o momento inicial e final da intervenção educativa (Barca, 2004, pp. 134-136).

De acordo com Cooper (2004, p. 60) as crianças são “capazes de operar com conceitos de validade e de resolver questões históricas progressivamente mais complexas, podendo aprender conceitos históricos abstratos interligando-os com os concretos”. Neste sentido, as visitas de estudo a locais com valor patrimonial constituem-se como experiências significativas permitindo o contacto dos alunos com fontes patrimoniais e o desenvolvimento do pensamento histórico a partir do diálogo entre o passado e a sua interpretação. Pinto (2016, p. 32) refere também que “a exploração educativa do património, de forma sistemática e fundamentada (...), poderá permitir o desenvolvimento de múltiplas competências pelas crianças e jovens, nomeadamente no âmbito da compreensão histórica, estimulando a capacidade de “ler” objetos, edifícios e sítios históricos, em termos de educação formal e, mesmo, não formal.” Pinto (2012, p. 195) explicita que:

Já em 1980, Shemilt entendia que mediante o trabalho de campo sobre um dado tópico se pode promover o interesse e o conhecimento dos vestígios visíveis do passado, apoiando também os alunos na prática de lidar com fontes de vários tipos, relacionando-as, reconstruindo a vida diária e os materiais, e explicando a mudança. Por sua vez, com um trabalho mais aprofundado seria possível reforçar a compreensão dos alunos sobre a natureza da investigação histórica requerendo a empatia acerca das ideias e motivos dos seus antecessores (...)

Solé & Almeida (2016) também mencionam que a exploração educativa do património histórico local de forma sistemática e fundamentada permite o desenvolvimento de “capacidades de interpretação, com base na evidência, em contacto direto com fontes patrimoniais, contribuindo para o desenvolvimento de aprendizagens significativas, sobretudo no âmbito da compreensão histórica” (p.140). Ainda de acordo com as mesmas autoras, a utilização das fontes patrimoniais como recurso didático no ensino da História permite: aprender a interrogar; desenvolver estratégias que auxiliem a decodificar a informação; realizar inferências; e desenvolver interpretações sobre o passado relacionando-as com o presente.

Neste sentido, e perspetivando, à partida, a utilização do património como um recurso com potencialidades pedagógicas definiram-se as visitas a realizar durante o estudo da temática. Esta estratégia é, então, reforçada pelo contributo dos estudos acima mencionados. Assim, a seleção dos monumentos e locais a visitar teve como critérios: a sua relação com o Movimento Liberal do século XIX e a potencialidade de exploração das evidências históricas presentes nesses locais.

A escolha da estátua equestre de D. Pedro IV surge, evidentemente, como a primeira opção para ponto de partida de toda a proposta pedagógica. D. Pedro IV (o Rei Liberal, o Rei Soldado) é a personagem histórica que na historiografia sobre o século XIX surge como o grande defensor dos ideais liberais, resgatando o poder usurpado pelo seu irmão D. Miguel. É na cidade do Porto que, à frente do Exército Libertador, D. Pedro vai resistir durante meses a um conturbado período de guerra, fome e doenças, o Cerco do Porto. Cidade à qual deixa, como forma de gratidão por todas as privações

provocadas às suas gentes, o seu coração. Relíquia que se encontra na Igreja da Lapa, o ponto de chegada de todo o projeto.

Entre o ponto de partida e o ponto de chegada, selecionou-se também o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular de modo a contextualizar o período em questão. Considerou-se necessário recuar um pouco na cronologia, de forma, a levar os alunos a refletir e compreender os antecedentes do Cerco do Porto e as condições políticas, económicas e sociais que estiveram inerentes ao período histórico em estudo.

Na impossibilidade de visitar outros locais de interesse como o Palácio Nacional de Queluz (local de nascimento e morte de D. Pedro IV), ou o local de desembarque do Exército Libertador recorreu-se à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação como recurso. Recurso também utilizado para a realização de algumas tarefas de pesquisa e investigação relacionadas com a construção dos monumentos mencionados anteriormente e de informações relativas a acontecimentos e factos históricos. A utilização destas ferramentas possibilita uma maior interação entre o aluno e o objeto de estudo, permitindo não só a proximidade aos lugares fisicamente distantes como também o desenvolvimento de competências de seleção, análise e reflexão perante o material digital encontrado. A fase inicial de trabalho autónomo realizado maioritariamente em grupo, utilizando as ferramentas digitais, precede uma fase intermédia em que os alunos analisam as informações recolhidas, fazem inferências e opções de acordo com o desafio proposto. Seguidamente, e em grupo/turma os alunos são desafiados a comunicar/partilhar as suas conclusões, a refletir sobre as questões colocadas e sobre o processo de construção do próprio conhecimento.

Atendendo à faixa etária dos alunos e tendo em conta as possibilidades didáticas do cinema enquanto estratégia motivadora para a compreensão de acontecimentos históricos, escolheu-se para análise e reflexão o documentário da RTP “Conta-me História: A transferência da Corte para o Brasil”. Segundo Cipolini (2008, p. 19), “O filme pode ser utilizado como instrumental didático ilustrando conteúdos, principalmente referentes a fatos históricos; como motivador, na introdução de temas psicológicos, filosóficos e políticos, estimulando o debate; ou como um objeto de conhecimento, na medida em que é uma forma de reconstrução da realidade.”

A opção de utilizar este recurso prendeu-se com a abordagem cômica da narrativa histórica e a possibilidade de análise e discussão de aspetos históricos e ficcionais do filme, identificando elementos do passado e do presente que se misturam de forma intencional para conferir às suas personagens alguma comicidade e prender o interesse dos mais novos.

Abud (2003) refere que:

(...) o filme promove o uso da percepção, uma atividade cognitiva que desenvolve estratégias de exploração, busca de informação e estabelece relações. Ela é orientada por operações intelectuais, como observar, identificar, extrair, comparar, articular, estabelecer relações, sucessões e causalidade, entre outras. Por esses motivos, a análise de um documento fílmico, qualquer que seja seu tema, produz efeitos na aprendizagem de História, sem contar que tais operações são também imprescindíveis para a inteligibilidade do próprio filme (p. 191).

De acordo com Alves& Ribeiro (2014):

Ensinar a partir do cinema significa, portanto, desafiar o olhar do sujeito, estimular as suas percepções com a imagem em movimento; acordar o seu olhar analítico, na medida em que ele perceba que o que vê é uma construção – entre muitas possíveis – de uma dada realidade social, desenhada por alguém comprometido com um mundo de valores e que traça sempre um cenário subjetivo (p.167).

O recurso a este material fílmico “Conta-me História” prendeu-se também com a experiência pedagógica ao longo dos últimos cinco anos na utilização deste recurso na aula de Estudo do Meio. A abordagem histórica apresentada durante os vários episódios e as diversas temáticas revelam-se do agrado dos alunos, prendendo a sua atenção na sequência da narrativa e o gosto pela História. É de salientar também que o debate final e a discussão dos aspetos do filme permitem o desenvolvimento de uma atitude mais reflexiva por parte dos alunos, levando-os a articular conhecimentos e a estabelecer relações de causalidade.

Tendo também em conta a importância do uso das imagens nesta idade e a capacidade de imaginação a partir das representações iconográficas selecionaram-se algumas pinturas. Segundo Burke (2004, p. 20) “independente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica”, no entanto, torna-se necessário ter em atenção que estas não são simples representações dos lugares ou das épocas, mas extensões dos contextos sociais em que foram produzidas. Neste sentido, o professor deve fazer uma leitura crítica das imagens percebendo o contexto em que surgem, a intencionalidade da obra e o significado dos elementos que a constituem. Pois, de acordo com Sardelich (2006, p. 457), “ler uma imagem historicamente é mais do que apreciar o seu esqueleto aparente, pois ela é construção histórica em determinado momento e lugar, e quase sempre foi pensada e planejada.”

Na mesma linha de pensamento, Silva (2010, p. 181) refere que:

As imagens não são espelhos da realidade, nem devem ser utilizadas na condição de ilustração de temas, numa perspetiva ingenuamente *realista* como se as imagens retratassem alguma realidade histórica. Daí ser preciso ainda analisar a relação entre ver e saber, com o intuito de esclarecer/compreender a fusão entre receção e produção como processo para novas interpretações.

Cientes desta problemática e da importância de um olhar atento e de uma análise crítica das imagens como recurso, as obras apresentadas aos alunos foram antecipadamente analisadas e a sua discussão preparada, com o objetivo de levar também os alunos a procederem a uma observação detalhada e reflexiva perante as obras. Estas, no entanto, preconizavam momentos históricos e apresentavam elementos que se pretendiam abordar e refletir com os alunos. Também com o mesmo propósito, além da iconografia sobre a época, foi utilizado como recurso, o capítulo sobre as *Guerras Liberais*, da banda desenhada de Artur Correia adaptada da *História Alegre de Portugal* de Manuel Pinheiro Chagas.

Todos os recursos foram cuidadosamente escolhidos e analisados criticamente à luz dos contributos dos estudos realizados nas diversas temáticas do conhecimento. Nesta multiplicidade de temáticas que o estudo do património e a sua abordagem dialética com o estudo da História concentra, e aliando a experiência pedagógica, foi possível fazer uso de diversas fontes e recursos de modo a munir os alunos de ferramentas diversas para o estudo do património local relacionando-o com a História (local e nacional).

### **3. O LIBERALISMO NA CIDADE DO PORTO: DA HISTORIOGRAFIA AO PATRIMÓNIO**

Tendo em conta que a “História é sempre uma escolha, resultante de fatores de várias ordens” como o salientam Torgal e Roque (1993, p. 12), na introdução do quinto volume da História de Portugal de José Mattoso, este capítulo estrutura-se com base na historiografia sobre o Liberalismo em Portugal. A escolha dos pontos abordados e a sua narrativa não pretendem apresentar uma abordagem exaustiva e pormenorizada relativamente à temática, mas contextualizar o período em estudo, centrando a sua atenção no contexto nacional e privilegiando os acontecimentos que marcaram a cidade do Porto, relacionando-os com o património a ser trabalhado com as crianças. Neste capítulo, abordam-se as invasões francesas e a afirmação das ideias liberais, a revolução liberal de 1820 e as mudanças económicas, políticas e sociais resultantes, bem como, o Cerco do Porto.

#### **3.1. AS INVASÕES FRANCESAS E A CIDADE DO PORTO**

Quando em 1806 Napoleão decreta o bloqueio continental, impondo a toda a Europa o encerramento dos portos aos navios ingleses, Portugal fica sob duas ameaças: uma invasão francesa ou a usurpação das suas colónias pela Inglaterra. Em agosto de 1807 é apresentado em Lisboa um “ultimatum: ou Portugal declarava guerra à Inglaterra, ou os exércitos franco-espanhóis invadiam o País” (Oliveira Marques, 1991, p. 87). A partir daqui, e para que o bloqueio se efetivasse em pleno, a “França considerava não ter outra opção senão a de ocupar Portugal e fechar os seus portos pela força” (Coelho, 2009, p. 14).

Em outubro do mesmo ano, Napoleão firma com o ministro espanhol Godoy (Príncipe da Paz) o tratado de Fontainebleau, “no qual a corte de Espanha se comprometeria a auxiliar os franceses a conquistar Portugal, que ficava retalhado em três minúsculos reinos – Lusitânia Setentrional (Minho e Douro), para a filha de Carlos IV (...), o principado dos Algarves (Alentejo e Algarve), para o Príncipe da Paz, e a Lusitânia Central (Trás-os-Montes, Estremadura e Beiras), que Napoleão reservava para ulteriores destinos” (Selvagem, 1991, pp. 494-495).

Sem encontrar resistência por parte do exército português, Junot à frente do exército franco-espanhol entra em Portugal em finais de novembro de 1807. Estando o exército invasor às portas de Lisboa já “os membros da coroa portuguesa seguiam para o Brasil por sugestão da marinha britânica e por ela escoltados” (Vicente, 2009, p. 17). O Príncipe Regente aquando da sua retirada manda afixar pelas ruas de Lisboa um decreto a explicar as razões da sua saída.

*Tendo procurado por todos os meios possíveis conservar a neutralidade, de que até agora têm gozado os Meus Fiéis, e Amados Vassallos, (...) E querendo eu evitar funestas consequências que se podem seguir de uma defesa, que seria mais nociva do que proveitosa, servindo só de derramar sangue em prejuízo da humanidade, (...) Tenho resolvido, em benefício dos mesmos Meus Vassallos, passar com a Rainha Minha Senhora e Mãe, e com toda a Real Família para os Estados da América, e estabelecer-me na Cidade do Rio de Janeiro, até à Paz Geral. (...) Sou servido Nomear para a Minha Ausência governarem, e regerem estes Meus Reinos (...) Tendo por certo que os Meus reinos, e Povos serão governados e regidos por maneira que a minha consciência seja descarregada; e eles governadores cumpram inteiramente a sua obrigação, enquanto Deus permitir que Eu esteja ausente desta capital, administrando a Justiça com imparcialidade, distribuindo os prémios e castigos conforme os merecimentos de cada um. Os mesmos Governadores o tenham assim entendido, e cumpram na forma sobredita, e na conformidade das instruções, que serão com este*

*Decreto por Mim assinadas; e farão as participações necessárias às repartições competentes.*

Palácio de Nossa Senhora da Ajuda em vinte e seis de novembro de mil oitocentos e sete

Com a Rúbrica do Príncipe N. S.

Deste modo, obedecendo às ordens do príncipe, “a aristocracia e o alto clero prontamente se mostraram colaborantes com os franceses, ao contrário do povo e do baixo clero, que sussurravam uma revolta latente” (Coelho, 2009, p. 15).

Desde cedo Napoleão ordenava a Junot que dissolvesse o Exército português e que tomasse medidas para desarmar os portugueses temendo que estes se insurgissem contra a ocupação francesa. O que viria a acontecer na sequência da retirada da bandeira nacional, hasteada no castelo de S. Jorge, e a sua substituição pela bandeira de Napoleão a 13 de dezembro. O povo revoltou-se e os tumultos deram origem a violentas retaliações, prisões e fuzilamentos. Na sequência deste episódio, Junot decreta a dissolução do exército português a 22 de dezembro de 1807. Os soldados menos experientes foram obrigados a ingressar a Legião Portuguesa ao serviço do imperador, comandados por militares portugueses, como o marquês de Alorna, Gomes Freire de Andrade e Martins Pamplona com experiência de combate na campanha do Rodilhão e da guerra das Laranjas (Coelho, 2009, p. 15).

Napoleão, em resposta à carta de Junot dando conta dos acontecimentos, mostra descontentamento perante a sua atitude branda, incitando-o ao uso da força e do terror como forma de atuação, e alertando-o novamente para a importância de desarmar os habitantes.

*Recebo a sua carta de 20 de dezembro. Vejo com pesar que desde o dia 1 de dezembro, data da sua entrada em Lisboa, até 18, em que começaram a manifestar-se os primeiros sintomas da insurreição, nada fez. Eu não cesso, contudo, de lhe escrever dizendo: «desarme os habitantes; despeça todas as tropas portuguesas; dê exemplos severos; mantenha-se numa atitude de severidade que o faça temer. Mas parece-me que a sua cabeça está cheia de ilusões e que não tem nenhum conhecimento do génio dos portugueses e das circunstâncias em que se encontra. Não reconheço nisso um homem educado na minha escola. Não quero pôr em dúvida que, em consequência dessa insurreição, tenha desarmado a cidade de Lisboa, mandado fuzilar umas sessenta pessoas e tomado as convenientes medidas. (...) sereis, vergonhosamente, expulso de Lisboa, logo que os ingleses tenham operado um desembarque, se continuardes a atuar com essa lentidão.*

Junot assume, então, o governo do país a partir de fevereiro de 1808, numa série de decretos onde estabelece um novo governo que durará até à Convenção de Sintra (30 de agosto).

Entretanto, a 13 de dezembro de 1807, a cidade do Porto tinha sido ocupada pelas forças invasoras espanholas sob o comando do general D. Francisco de Taranto y Llano de acordo com o Tratado de Fontainebleu. De acordo com as crónicas da época, na sua curta atuação na cidade do Porto (acaba por falecer em janeiro do ano seguinte) não se impôs como ocupante, tentando manter uma boa relação com a aristocracia e a burguesia da cidade, evitando o confronto com a população e proibindo as tropas de qualquer abuso.

Com o agravamento do mal-estar em Espanha e temendo que as tropas espanholas se virassem contra os franceses, Junot envia para o Porto o general Quesnel com a intenção de supervisionar o comando de D. Domingos Ballesta substituto de Taranto. A presença dos oficiais franceses

caracteriza-se pela perseguição, repressão e encarceramento de muitos portuenses acusados de conspiração contra o governo francês.

Só a partir da sublevação de 2 de maio de 1808 em Espanha, contra a prisão da família real e a usurpação do trono por José Bonaparte, irmão do imperador francês, e com a retirada das tropas espanholas que, entretanto, “abraçavam a causa antifrancesa – é que se proporcionaram condições para um levantamento popular, iniciado, no Porto.” (Martelo, 2009, p. 44). A 6 de junho, Quesnel e a sua guarnição são presos sob ordem de Ballesta, a bandeira nacional hasteada, no forte de S. João da Foz, e aclamado o Príncipe Regente. Apesar de rapidamente se desencadearem outras sublevações (Chaves, Braga e Vila Pouca de Aguiar), no Porto esta situação só viria a durar três dias, pois, entretanto, o Brigadeiro Oliveira e Costa receoso de represálias volta a arriar a bandeira nacional e proclamar fidelidade a Junot.

Entretanto as revoltas iam sucedendo noutras localidades do Norte e, rapidamente, os portuenses voltam a levantar-se contra a ocupação francesa saindo vitoriosa a libertação do Porto. É, então, constituída a Junta Provisional do Supremo Governo do Reino, presidida pelo bispo do Porto D. António José de Castro. “Os seus objetivos eram assegurar a defesa da cidade e promover o enquadramento da população, no sentido de evitar o caos. Para além destas metas, a junta pretendia iniciar a reorganização das unidades de tropas regulares, desmobilizadas por Junot, e angariar fundos para despesas de guerra” (Coelho, 2009, p. 31).

No início de agosto, as tropas britânicas desembarcam na praia de Lavos comandados pelo general Arthur Wellesley, futuro duque de Wellington, marchando sobre Lisboa. Com a derrota nas batalhas da Roliça e Vimeiro,

segue-se a retirada das tropas de Junot do território português, sendo assinada a Convenção de Sintra (30 de agosto de 1808).

Em Lisboa, é restabelecido o Conselho de Regência, ao qual se junta “o bispo do Porto e outros representantes das juntas que tinham sido formadas durante a insurreição contra os franceses” (Thomson, 2018, p. 32). D. João, por recomendação de Wellesley, nomeia o oficial britânico William Carr Beresford como marechal e comandante-chefe, para reorganizar e treinar o exército português.

Em 1809, ocorre a segunda invasão francesa. Napoleão ordena a Soult que entre pelo Norte e conquiste Lisboa. A primeira tentativa é entrar pelo Minho, mas não conseguindo, segue para Chaves que se entrega sem opor resistência. “Em Braga, em pânico com a chegada dos franceses, populares conduzidos por milicianos, assassinam o general Bernardim Freire e outros oficiais, quando pretendia organizar a defesa. Soult chega ao Porto (...) onde a violência popular é idêntica: abrem-se as portas da Cadeia, soltam-se os presos, há assaltos a suspeitos de afrancesados, julgamentos populares, mortes e assassinatos, incluindo o do antigo governador-de-armas, preso na Relação” (Serén, 2009, p. 95).

De acordo com Coelho (2009, p. 57) “a guarnição da cidade era composta por uma amálgama de tropas regulares, ordenanças e civis armados, sob o comando de poucos oficiais disponíveis e todos sob o comando do bispo do Porto, muito esforçado, mas que poucos conhecimentos possuía das realidades militares e de como defender, eficazmente, uma cidade por tropas experimentadas como as francesas”.

Quando Soult chega à cidade a desordem reinava, o que precipitou os acontecimentos desastrosos da Ponte das Barca. A população encurralada e em pânico precipita-se para a ponte acontecendo a tragédia. Segundo o

relato do general Brun, ajudante de campo do Marechal Soult, (in Oliveira, 2009, p. 141):

*Mal chegou a derrota, eles precipitaram-se em massa para a ponte. Esta era formada por estrados colocados sobre barcas, e estas estavam ligadas entre si por cabos e cordas, que atravessavam o rio lado a lado. Duas dessas barcas submergiram-se sob o peso dos fugitivos e ter-se-iam afundado completamente se as cordagens as não tivessem sustido. No entanto, mergulharam uns oito ou nove pés e tudo o que estava em cima dos estrados foi coberto pela água. Para mais, como a multidão era em massa compacta, os detrás empurravam os da frente para o abismo. Quando chegamos à margem não vimos fora de água senão cabeças, ombros e braços, que a menor oscilação fazia desaparecer na corrente.*

Durante três dias a cidade, as tropas francesas levam a cabo uma onda de terror: pilhagens, assassinios e violações. António Ferreira de Andrade, vereador e membro da Junta do Governo, relata :

*No dia 29, das oito para as nove da manhã, o inimigo (lançou) um ataque geral, o Povo se pôs em desordem... e a linha foi cortada e assaltadas as trincheiras... E se salvou cada um como pôde, as ruas e as mais insignificantes quelhas da Cidade, num instante, se cobriram logo de cavalaria e infantaria inimiga e, a poucos minutos, entrou o saque geral, arrombando quantas portas tinha a Cidade desde o dia 29 até o dia 31 à noite...; e nos arrabaldes... tudo foi saqueado, seleiros abertos, roubados, e lançando o resto por terra; campos, searas de trigos, centeios e cevadas, por estas três quatro léguas em volta de tudo foi cortado. (in Oliveira, 2009, p. 141)*

Soult instala-se no palácio dos Carrancas e após três dias faz cessar as atrocidades e procede à ocupação efetiva da cidade, começando uma política de apoio à população desfavorecida e a introdução de medidas de desenvolvimento económico da cidade. Pretendia, desta forma, cair nas

boas graças dos portuenses e obter o apoio destes na sua pretensão de rei do Norte de Portugal. No entanto, as suas tropas continuavam a pilhagem, casas abastadas ou pobres e igreja viam os seus bens serem roubados.

Enquanto a Norte as ordenanças portuguesas, sob o comando do brigadeiro Silveira, iam conquistando zonas a leste do rio Tâmega, a Sul as tropas inglesas iam sendo reforçadas com as unidades de um renovado Exército português. Em meados de abril, começam as movimentações do exército anglo-luso sob comando de Wellesley, Beresford e Silveira em direção ao Porto.

Ao aperceber-se da situação e antes que ficasse encurralado no Porto, Soult parte em retirada a 12 de maio lançando fogo à ponte das barcas. “O regresso do exército francês à Galiza, perseguido pelo exército de Silveira e o de Beresford, (que segue por Chaves) é um pesadelo para franceses e portugueses. Loison e Soult deixam as estradas embrenham-se nas serras, queimando, matando, destruindo povoações e campos. (...) faziam tudo aquilo que a guerra ensinava para criar miséria e desânimo nos povos em luta” (Serén, 2009, p. 96).

A treze de maio, Wellesley faz uma proclamação à cidade dando conta da vitória sobre os franceses e exigindo tranquilidade e condenando qualquer ato de vingança para com as tropas francesas que ainda permaneceriam na cidade vítimas de doença ou presas. No mesmo documento, apresenta ainda a nomeação do coronel Trant para Comandante da Cidade.

#### Habitantes do Porto

As tropas Francesas foram expulsas desta Cidade pela bravura, e disciplina do Exército que comando: Eu exijo dos seus habitantes, que passiva, e humanamente se comportem para com as referidas Tropas, que aqui se acharem doentes, ou prisioneiras: pelas Leis da Guerra eles

têm direito à minha Proteção, e é meu dever prestar-lha; e será (...) consistente com a Generosa Magnanimidade da Nação Portuguesa o não serem vingados nestes infelizes indivíduos os ultrajes, e calamidades que a mesma Nação sofreu, porque eles só foram instrumentos de outros mais Poderosos, que ainda existem em armas contra nós. É pois por conseguinte que eu ordeno, que os habitantes desta Cidade permaneçam tranquilos nas suas casas, e que pessoa alguma que não seja pertencente ao Corpo Militar se apresente armado nesta Cidade (...) (in Coelho, 2009: 87).

Terminava assim para a cidade do Porto a segunda invasão francesa. A memória deste período conturbado e difícil encontra-se assinalado no Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular, projetado para a comemoração do centenário das Guerra Peninsulares. O projeto da autoria do arquiteto José Marques da Silva e do escultor Alves de Sousa foi o vencedor do concurso público. A colocação da primeira pedra teve a presença de D. Manuel II, em 1909, no entanto, a obra teve alguns atrasos, tendo sido concluída por Henrique Moreira e Sousa Caldas e inaugurada só em 1952.

Constituído por uma coluna de granito com capitel de dórico onde o exército anglo-luso, representado pelo leão, domina a águia imperial francesa. Junto da base, sobre o fuste, vêem-se as figuras, em baixo relevo, dos generais. Na base, um conjunto escultórico de bronze mostra o povo e o exército, juntos, a serem conduzidos pela Vitória (elemento feminino) que segura na mão direita uma espada e, na esquerda, a bandeira nacional; na parte posterior, é lembrada a “tragédia da ponte das barcas”. Duas datas são ainda visíveis: de um lado, MDCCCVIII, data do início da Guerra Peninsular e da



Figura 1 - Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular  
Fonte: própria

Sublevação do Porto; e do outro lado, MDCCCIX, data da segunda invasão francesa.

Ainda a marcar a memória deste tempo, encontramos na Ribeira, a alusão ao desastre da ponte das barcas junto do local onde, a 29 de março 1809, a população em pânico tenta salvar-se da chegada de Soult e das suas tropas.

As Alminhas da Ponte, baixo relevo da autoria de Teixeira Lopes (pai) construído em 1897, e o Monumento criado por Souto Moura para assinalar o bicentenário da tragédia (2009) fazem homenagens às gentes de outro tempo.



Figura 2 - Alminhas da Ponte da autoria Teixeira Lopes (pai) – Fonte: DGPC

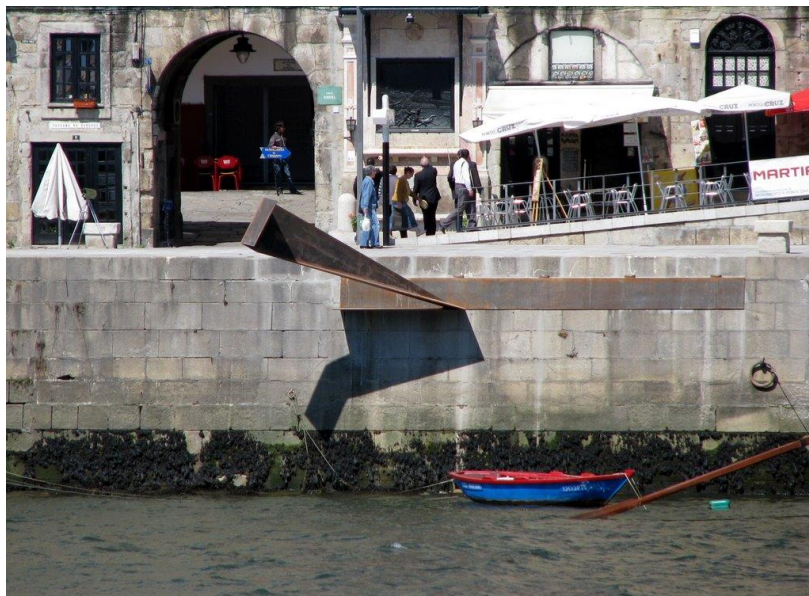


Figura 3 – Escultura de Souto Moura evocativa da tragédia da Ponte das Barcas (lado do Porto)  
Fonte: mapio.net

### 3.2. DA REVOLUÇÃO LIBERAL DE 1820 AO EMBARQUE DO EXÉRCITO LIBERTADOR NA ILHA TERCEIRA

Soldados! Acabou-se o sofrimento (...). Soldados, o momento é este (...). Camaradas vinde comigo. Vamos com nossos irmãos de armas organizar um governo provisório, que chame as cortes a fazerem uma Constituição, cuja falta é a origem dos nossos males (...). Cada um de vós o sente. É em nome e conservação do nosso Augusto Soberano, o Senhor D. João VI, que há de governar-se. A nossa Santa Religião será guardada (...). Os soldados que compõem o bravo exército português hão de acorrer a abraçar a nossa causa, porque é igualmente a sua (...). Tende confiança num chefe que nunca soube ensinar-vos senão o caminho da honra.

(...) Os homens sábios têm de contar um dia este feito, maior que mil vitórias (...).

Viva El-Rei o Senhor D. João VI! Viva as Cortes e por ela a  
Constituição!  
Porto, Campo de Santo Ovídio, 24 de agosto de 1820

A 24 de agosto de 1820, aproveitando a ausência de Beresford que se tinha deslocado até ao Brasil para pedir mais poderes e privilégios ao rei, triunfa no Porto a Revolução que instaura o Liberalismo em Portugal. Após o fracasso da primeira tentativa de expulsar os ingleses e outros estrangeiros do controlo militar do país, com a denuncia da conspiração, a prisão dos conjurados e a condenação à forca de doze oficiais do Exército, entre os quais o general Gomes Freire de Andrade, os opositores ao regime convenceram-se da tirania dos governantes e na necessidade urgente de agir.

Assim, logo em janeiro de 1818, no Porto, é fundado por Manuel Fernandes Tomás (juiz desembargado da Relação do Porto), José Ferreira Borges (advogado), José da Silva Carvalho (juiz dos órfãos) e João Ferreira Viana (importante comerciante da cidade do Porto) o *Sinédrio*. A este grupo juntar-se-iam outros membros de profissões liberais, homens de negócios, funcionários públicos e oficiais das Forças Armadas.

Faziam parte do Sinédrio: os juristas Manuel Fernandes Tomás, José Ferreira Borges, José da Silva Carvalho, João da Cunha Souto Maior e José Maria Xavier de Araújo, todos eles altos funcionários ligados à magistratura e à advocacia; os comerciantes e proprietários do Norte, João Ferreira Viana, Duarte Lessa, José Maria Lopes Carneiro, José Gonçalves dos Santos Silva e José Pereira de Meneses; e os militares José de Melo de Castro de Abreu Pereira, coronel de Milícias, Bernardo Correia de Castro Sepúlveda, também coronel, mas de Infantaria, e Francisco Gomes da Silva, médico militar no Porto. (Serrão & Marques, 2002, p. 550).

De acordo com as memórias de um dos seus associados, José Maria Xavier de Araújo, o grupo reunia-se mensalmente para debater ideias, observar a opinião pública e acompanhar os acontecimentos em Espanha, devendo cada membro guardar lealdade e segredo.

A guerra peninsular tinha devastado o país, destruído cidades, vilas, aldeias e propriedades agrícolas. As atividades económicas estavam abaladas, enquanto o Brasil estava em franca expansão económica. Os ingleses ocupavam os principais cargos, enquanto o rei permanecia no Brasil, não mostrar vontade em regressar.

Insatisfeito com a situação em que se encontrava o país, o Sinédrio foi conseguindo agregar à sua ação o apoio de alguns militares e preparando a revolução que viria a acontecer a 24 de agosto de 1820.

A 24 de agosto, o coronel Cabreira proclama no Campo de Santo Ovídio (Porto) as pretensões do movimento. Salvar a pátria pela razão e justiça e não pela anarquia. Propunham um governo provisório que convocaria Cortes e destas sairia uma Constituição, «cuja falta é a origem de todos os males». Houve missa campal e salvas de tiros. Foi um dia especial. (Boléo, 2014, p. 78).

Várias forças militares marcharam até à Praça Nova e depois de reunidos com as autoridades civis da cidade decidiram eleger uma Junta Provisional do Governo Supremo do Reino da qual faziam parte representantes do clero, da nobreza e da magistratura.

As forças do Minho e de Trás-os-Montes aderiram rapidamente, no entanto, houve oposição em algumas guarnições provincianas. Só com a sublevação de Lisboa, a 15 de setembro, e a formação de uma Junta na capital há uma clara evolução da situação. Em outubro é selado o acordo de Alcobaça, unificando as duas Juntas (Porto e Lisboa) na Junta Provisional do

Governo Supremo do Reino e a criação de uma Junta Preparatória das Cortes. Entretanto, William Carr Beresford regressa do Brasil e é impedido de desembarcar, sendo obrigado a regressar a Inglaterra.

As clivagens entre a facção militar mais conservadora e os civis mais esclarecidos, onde pontificava Manuel Fernandes Tomás, entram em conflito e assim, em Lisboa, (...) deu-se mais um golpe – a Martinhada, entre 11 e 17 de novembro, onde duas facções do exército quiseram impor a soberania militar aos magistrados e advogados, que já dominavam as Cortes. O motivo era agora as instruções eleitorais publicadas a 31 de outubro, e para a qual o exército não tinha sido consultado. (...) Foram afastados os elementos civis, que num contragolpe, regressam ao poder no dia 17 do mesmo mês (Bolé, 2014, p. 81).

A 10, 17 e 24 de dezembro de 1820 realizaram-se as eleições seguindo o modelo de Cádiz. “Processaram-se por sufrágio universal e indireto, abrangendo todos os cidadãos maiores de 25 anos. Cada freguesia elegia 1 eleitor por 200 fogos, que por sua vez votaria, na sede da comarca, os deputados da nação” (Ventura, 1995, p. 100).

As Cortes começaram a trabalhar a 24 de janeiro de 1821, adotando importantes medidas. Extinguiram a Inquisição e o Tribunal do Santo Ofício, demitiram os oficiais ingleses, deram amnistia a presos políticos e aboliram uma série de impostos e reduziram outros.

Em fevereiro de 1821 D. João assina o decreto que aprova a futura Constituição, ainda em elaboração pela Cortes Gerais de Lisboa. Embarcando para Portugal a 25 de abril de 1821 e desembarcando a 4 de julho em Lisboa após não haver manifestações adversas. Luz Soriano refere “Eram onze horas da manhã do dia 3 de julho de 1821 quando toda a população de Lisboa deixava, precipitada, as suas casas de habitação, para

correr aos cais e praias do Tejo, e ali sem artifício algum receber entre vivas e aplausos de saudação a presença de um monarca, por tantos anos ausentes do reino” (Soriano, 1889, p. 175).

Entretanto as Cortes de Lisboa exigem o regresso do herdeiro, mas este recusa-se a regressar acabando por dar a independência ao Brasil.

A primeira Constituição portuguesa é assinada a 23 de setembro de 1822 e jurada por D. João VI a 1 de outubro, no entanto, a rainha, D. Carlota Joaquina recusa-se a jurar a Constituição de 1822 e é desterrada na quinta do Ramalhão. D. Miguel, absolutista como a mãe, vai encabeçar a contrarrevolução e desencadear os movimentos de oposição a seu pai (*Vilafrancada e Abrilada*).

“Um período agitado. Liberais e absolutistas escreviam falsas proclamações em nome uns dos outros, cada qual tentando o possível para desacreditar os contrários, atribuindo-lhes opiniões exageradas. Colavam-se esses papéis durante a noite, às escondidas, nos portais das casas e nas paredes das ruas, preparando o público, e tornando possível um ato violento: a prisão de D. João VI no Paço por seu próprio filho, na Abrilada. O rei salvou-se talvez de uma morte certa fugindo para bordo de uma nau inglesa, e D. Miguel reinou por um momento à frente da canalha e dos seus sequazes, declarando guerra a todos os liberais, *negros e pedreiros livres*. Por fim não teve remédio senão apresentar-se a bordo da nau onde o pai se refugiara. Prenderam-no, levaram-no para outro navio, e pouco depois saía barra fora. Ia viajar...” (Owen, 1985, pp. 67-68).

### 3.3. O CERCO DO PORTO 1832-33

Depois do exílio de D. Miguel a situação política continuava instável. Em março de 1826, é nomeado um conselho de regência, devido o agravamento da saúde do rei. Este conselho de regência presidido pela infanta Isabel Maria, incluía ainda o cardeal patriarca, o duque de Cadaval, o conde das Antas e o marquês de Velada. Após a morte do rei, a 10 de março, este conselho assume o poder, uma vez que a questão sucessória ainda se encontrava em aberto. D. Pedro, herdeiro do trono, era imperador do Brasil e o seu irmão, D. Miguel, encontrava-se em Viena exilado.

A infanta reconhece o irmão mais velho como rei de Portugal e envia uma delegação ao Brasil para que este assumisse o poder. “D. Pedro, no pleno uso das suas prerrogativas régias, outorgou uma constituição para Portugal (23 de abril), mandou proceder a eleições (30 de abril) e abdicou a favor da sua filha D. Maria da Glória (2 de maio). (...) A Carta Constitucional devolveia ao rei algumas das prerrogativas que lhe haviam sido retiradas em 1822, surgindo ao mesmo tempo como uma tentativa de compromisso entre liberais moderados e absolutistas” (Ventura, 1995, p. 107).

Numa tentativa de estabilidade política, uma vez que a facção absolutista criava cada vez mais caos no país, D. Pedro concorda em enviar “Maria da Glória (D. Maria II) para Portugal, (...) enquanto nomeava o irmão e futuro genro, como seu «lugar-tenente», confiando-lhe a regência (julho de 1827)” (Thomson, 2019: 105). D. Miguel regressa a Portugal e a 24 de fevereiro de 1828, assume a regência do país jurando a Carta a 26 do mesmo mês. No entanto, ao dar-se conta do apoio dos diversos setores da população portuguesa, dissolve as Câmaras e convoca Cortes “à maneira antiga, com representantes dos três estados. Nelas foi aclamado rei, título que assumiu a partir de junho de 1828. A monarquia absoluta regressa, mas não sem alguma resistência” (Ventura, 1995, p. 109).

Levantamentos liberais ocorrem em várias cidades do país. De março de 1828 até 1834, os liberais tentaram “afastar D. Miguel e promover a jovem

D. Maria II, e embora tivessem sucesso em manter a questão da usurpação de D. Miguel perante governos estrangeiros, não o tiveram nas suas tentativas reativas de o exonerar do trono. As suas ações apenas levaram ao aumento de medidas repressivas em Portugal” (Thomson, 2019, p. 111). Foram criados tribunais especiais que levaram à prisão, à deportação e condenação à morte de milhares de pessoas. O terror miguelista instalava o medo e a opressão. No Porto, a morte no cadafalso dos doze liberais levou à fuga de muitos dos seus apoiantes. Em Owen (1985, p. 121) encontramos as seguinte Memórias de José Liberato Freire de Carvalho relativamente a estas mortes:

As datas de 6 de março de 1829 e de 7 de maio do mesmo ano são datas negras para o absolutismo: as execuções trespassaram de horror toda a gente sensível, mesmo a que pertencia ao partido realista. Todo quanto nesse dia pode sair da cidade, fugiu. Na Praça Nova onde se tinham erguido duas forcas, só se aglomerava a plebe – e nas janelas dos conventos dos Loios e dos Congregados viam-se os frades, que iam fazendo passar as bandejas com doces e vinhos finos aos convidados miguelistas presentes. Noutras janelas mulheres «de elevada condição fraternizando com os assassinos e aplaudido como *Bachantes* as cenas de sangue, de horror e crueldade.» (...) As cabeças dos enforcados, separadas dos corpos, foram expostas em altos postes em diferentes lugares do Porto, e outras em Aveiro, Vila da Feira, e Coimbra. Muitas vezes ouvi contar a minha avó – que vivia aqui na Foz, na Cantareira – que durante muitos dias não pode abrir as janelas para não dar com esse espetáculo de horror. Outra, a do Brito e Cunha, foram-na pôr defronte a casa: a mulher suou sangue e nunca mais saiu à rua.

O único lugar onde D. Miguel nunca foi reconhecido como rei, foi na Ilha Terceira, onde os liberais resistiam, cabendo ao Batalhão de Caçadores 5 um papel fundamental na organização militar face à ofensiva miguelista.

D. Pedro, imperador do Brasil, abdica do trono do Brasil a favor do seu filho (7 de abril de 1831) e retira-se para a Europa à procura de apoio na reivindicação do trono para a sua filha D. Maria da Glória. Palmela desloca-

se de imediato a Londres, onde se encontrava o Duque de Bragança, e convida-o a assumir o comando das forças constitucionais. D. Pedro vai, então, juntar-se aos liberais que se encontravam nos Açores, e “onde já se encontrava a Regência presidida por Palmela, e ali assume ele próprio discricionariamente, nomeando o Conde de Vila Flor comandante da projetada expedição ao continente” (Dória, 1961, p. 157) e assume formalmente o cargo de regente em nome da rainha D. Maria II.

Assim, a 27 de junho de 1832 parte dos Açores o Exército Libertador, com cerca de 7500 homens, desembarcando na praia de Arnosa de Pampelido, a 8 de julho. De acordo com o relato do Cerco do Porto por um portuense (sem nome, 2010, pp. 55-56),

O desembarque foi feito com tal destreza, e disposição das tropas foi tão rápida, que às seis horas da tarde aquelas posições estavam ocupadas, e às nove da noite o Exército Libertador achava-se desembarcado sem a mais leve resistência, (...) o Vice-Almirante que acompanhou ao Senhor D. Pedro no Escaler, levando a bandeira que as Senhoras do Faial haviam bordado, e oferecido ao mesmo Augusto Senhor, este encontrando o Batalhão de Voluntários da Rainha em coluna na Praia, tomou em suas mãos a bandeira, e com expressões dignas de ocasião e do Corpo a quem as dirigia, a entregou aquele Batalhão.

No Monumento a D. Pedro IV presente na Praça da Liberdade, este momento encontra-se representado no painel esquerdo do pedestal.

Após o desembarque, as tropas liberais dirigem-se para a cidade do Porto, indo D. Pedro apelar-se à Praça Nova (atual Praça da Liberdade) onde se dirigiu aos habitantes:

Leais Habitantes da Cidade do Porto – A impressão agradável que em mim tem feito o interesse verdadeiro que tendes tomado pela justa Causa da Minha Augusta Filha, e pelo triunfo da Carta Constitucional, corresponde à ideia que Eu havia formado da vossa lealdade e do vosso patriotismo; e a adesão que manifestais hoje aqueles dois

sagrados princípios e à Minha Imperial Pessoa, penhoram por extremo o Meu Coração. (sem nome, 2010, p.58)

Começava assim mais um conturbado período para a cidade do Porto. A cidade é cercada pelas tropas miguelistas e de outubro de 1832 a agosto de 1833, entre ataques e contra-ataques vai sofrer privações, fome, guerra, peste. Após reze meses de cerco, a ofensiva liberal coloca termo ao cerco.

No entanto o confronto entre liberais e miguelistas continuou a Sul do país até à rendição de D. Miguel e a assinatura da Convenção de Évora Monte.

Confrontado com a perspectiva de uma intervenção estrangeira, os generais de D. Miguel propuseram a paz. Terceira e Saldanha encontraram-se com o comandante-chefe miguelista, José António Lemos, em Évora Monte, e, após um dia de negociações, a Concessão de Évora Monte foi aceite por D. Miguel e assinada pelos responsáveis militares. A Guerra dos Dois Irmãos terminava. (Thomson, 2019, p. 126)

## **4.PORTO: UMA CIDADE COM CORAÇÃO REAL! UMA PROPOSTA PARA A INFÂNCIA**

Este capítulo aborda as questões metodológicas partindo do desenho de investigação, faz-se caracterização da amostra, explicita-se o procedimento de elaboração dos instrumentos de recolha de dados, explica-se o procedimento e o roteiro pedagógico, apresentando-se depois os resultados e a sua discussão.

### **4.1. METODOLOGIA**

#### **4.1.1.Desenho Do Estudo**

O presente estudo decorre em contexto de projeto de mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, no qual se procedeu à elaboração, implementação e análise de uma proposta de intervenção pedagógica ao nível da educação histórica e patrimonial. De acordo com Fortin (2003, p. 240) “Cabe ao investigador determinar o tipo de instrumento de medida que melhor convém ao objetivo de estudo, às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas.” Neste sentido, considerou-se pertinente a construção de um modelo de investigação que permitisse verificar se as atividades desenvolvidas com este grupo de alunos trariam mudanças significativas ao nível do conhecimento sobre a temática em

estudo. Optou-se, por conseguinte, por uma metodologia *quasi-experimental*, constituindo-se um grupo experimental e um grupo de comparação/controlo (não aleatório) ilustrada pela figura abaixo.

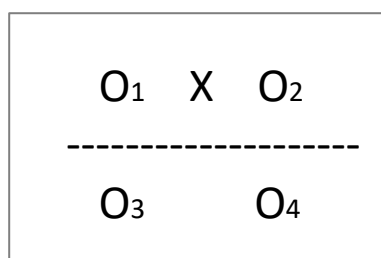


Figura 4 –Método Quasi-Experimental. Fonte: Campbell & Stanley (1963)

No caso concreto do estudo apresentado, *O1* e *O2* correspondem ao grupo experimental, *O3* e *O4* ao grupo controlo, *X* representa a intervenção realizada com o grupo experimental, ou seja, o trabalho pedagógico de educação histórica e patrimonial, e a linha tracejada traduz a escolha da amostra por conveniência (amostra não aleatória).

Seguindo esta metodologia, foram utilizados, como instrumentos de recolha de dados um Pré-teste e um Pós-teste, aplicados no início e no final da intervenção.

#### 4.1.2. Caracterização da Amostra

Este estudo envolveu 115 alunos de 6 turmas, do 4.º ano de escolaridade, do 1.º ciclo do ensino básico, e 3 colégios da cidade do Porto. A escolha da amostra recaiu numa seleção por conveniência. Pretendia-se que as três turmas do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes (CNSL) participassem na mesma experiência pedagógica, sendo para tal necessário constituir um grupo controlo o mais equivalente possível. Desta forma, após contactos

para pedido de colaboração, foi constituído o grupo de controlo, do qual fizeram parte 53 alunos de dois estabelecimentos de ensino com características semelhantes ao CNSL.

Do grupo experimental fizeram parte 62 alunos, com idades a rondar os 9 anos ( $M=9,12$  e  $DP=0,11$ ), sendo 52% da amostra do sexo masculino e 48% do sexo feminino.

*Tabela 1 – Distribuição da amostra por género*

GRUPO EXPERIMENTAL (GE)	GRUPO CONTROLO (GC)
3 turmas de 4º ano N=62	3 turmas de 4º ano N=53
Rapazes = 33	Rapazes = 29
Raparigas = 29	Raparigas = 24

Relativamente ao grupo de controlo, as idades rondavam também os 9 anos de idade ( $M=9,17$  e  $DP=0,18$ ), sendo a distribuição por género também semelhante, 55% do sexo masculino e 45% do sexo feminino.

*Tabela 2 – Distribuição da amostra por idades*

IDADES	GRUPO EXPERIMENTAL (GE)	GRUPO CONTROLO (GC)
9	54	45
10	8	7
11	0	1

### **4.1.3. Instrumento De Recolha De Dados**

Como instrumento de recolha de dados elaborou-se um questionário<sup>1</sup>, com 25 questões num total de 51 itens de resposta, que pretendia identificar os conhecimentos prévios dos alunos relativamente ao assunto em estudo. Este instrumento foi aplicado aos dois grupos (experimental e controlo), em dois momentos (pré e pós teste). Atendendo à faixa etária das crianças, este questionário foi construído tendo em conta o lado apelativo do seu *layout* com recurso a imagens ilustrativas, bem como, o recurso a questões de resposta curta, preenchimento de lacunas, respostas de escolha múltipla, de seleção e de verdadeiro/falso. Pretendia-se aferir o conhecimento dos alunos relativamente a monumentos, acontecimentos históricos, figuras históricas, datas, locais e conceitos ligados ao movimento liberal do início do século XIX.

### **4.1.4. Procedimento**

Metodologicamente, a implementação do projeto em contexto formal de aprendizagem foi estruturada em três momentos.

Numa primeira fase, procedeu-se à revisão bibliográfica, sobre a temática do património, da educação patrimonial, da educação em história e da historiografia do Liberalismo do início do século XIX. Percorreram-se as ruas da cidade para levantamento de elementos patrimoniais e visitaram-se monumentos. Selecionaram-se os objetos patrimoniais a explorar tendo em conta os acontecimentos históricos do meio local e a sua relação com o movimento liberal do século XIX. Definiram-se os objetivos de ação, a

---

<sup>1</sup> Apêndice A

metodologia e os procedimentos, construíram-se os instrumentos de recolha de dados e deu-se início à elaboração dos materiais pedagógicos.

Numa segunda fase, com início em janeiro de 2019, foram constituídos dois grupos de alunos de quarto ano de escolaridade: um grupo experimental – do qual fizeram parte três turmas, num total de 62 crianças, alunos do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes (CNSL); e um grupo de controlo – constituído por 53 crianças, alunos de três turmas de dois colégios do Porto com características idênticas às do CNSL. Após a constituição destes dois grupos, aplicou-se um pré-teste de conhecimentos sobre a temática em estudo, e deu-se início à implementação das atividades com o grupo experimental.

Numa terceira fase, após conclusão do trabalho realizado com o grupo experimental, foi aplicado um pós-teste aos grupos experimental e controlo, a partir do qual se fez a análise comparativa dos resultados e a avaliação do processo.



Figura 5 -- Cronograma de ação

## 4.2. ROTEIRO PEDAGÓGICO

Tabela 3 – Desafios com História\_Roteiro de atividades

Desafios com História		Duração (1sessão = 2h30min.)
Desafio 1	Quem é este rei?	1 sessão
Desafio 2	Genealogia de D. Pedro IV	1 sessão
Desafio 3	Friso Cronológico	1 sessão
Desafio 4	Gravura	2 sessões
Desafio 5	Visita ao Património: Monumento a D. Pedro IV	1 sessão
Desafio 6	Jornal com História	2 sessões
Desafio 7	Visita ao Património: Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular	1 sessão
Desafio 8	Conta-me História: A transferência da Corta para o Brasil	1 sessão
Desafio 9	Revolução de 1820	1 sessão
Desafio 10	Monarquia Absoluta vs Monarquia Constitucional	2 sessão
Desafio 11	As Guerras Liberais	1 sessão
Desafio 12	Porto: cidade com Coração Real (percurso pelo património)	1 sessão
<b>Organização da exposição</b>		
<b>Porto: Cidade com Coração Real</b>		
Apresentação do projeto à Comunidade Escolar		

#### 4.2.1.Desafio 1: Quem É Este Rei?<sup>2</sup>

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> Património histórico e cultural O passado do meio local</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Quem está representado no Monumento a D. Pedro IV, a sua localização e os elementos que o constituem.</p>	<p><b>Visão geral</b> Na cidade cruzamo-nos diariamente com elementos que nos remetem para o passado do meio local. Muitas das vezes nem nos apercebemos da sua presença, ou desconhecemos o seu valor patrimonial. No centro da cidade encontra-se o monumento a um rei. Por que razão encontramos aquele monumento naquele lugar que relação estabelece com a cidade?</p>
	<p><b>Conceitos/vocabulário</b> Monumento e estátua equestre, património e história local</p>
<p><b>Desafio:</b> Descobrir a resposta às perguntas: Quem está representado nesta estátua equestre? O que tem na mão direita? Onde se localiza?</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b></p> <p>Levantamento das ideias prévias sobre o monumento a D. Pedro IV. Apresentação do desafio: consultar o site da DGPC e pesquisar as informações relativas ao monumento.</p>	<p>Imagem de pormenor da estátua equestre a D. Pedro IV e folha de registo.</p>
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p>	

<sup>2</sup> Folha de Registo- Apêndice B

<p>Pesquisa em grupo de informações relativas ao Monumento a D. Pedro IV:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Localizar no espaço e no tempo a sua construção;</li> <li>• Identificar os elementos e as partes que o constituem.</li> </ul>	<p>Tablets e computadores com acesso à internet.</p>
<p><b>3.º Momento/conclusão</b></p> <p>Comunicação oral das descobertas realizadas durante o 2.º momento.</p> <p>Debate e síntese das ideias sobre o significado do património em presença no meio local.</p>	

Fonte: Estrutura adaptada de Amaral et al (2012, p. 15) a partir de plano de aula-oficina de Isabel Barca (2004)



Figura 6 - Questões-desafio 1 – folha de registo



Figura 7 - Desafio 1 – Atividades com os alunos

#### 4.2.2.Desafio 2: Genealogia De D. Pedro IV<sup>3</sup>

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado nacional Personagens da história nacional</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Reconhecer D. Pedro IV como neto de D. Maria I, filho de D. João VI e D. Carlota Joaquina, irmão de D. Miguel e pai de D. Maria II.</p>	<p><b>Visão geral</b> Depois de identificação de D. Pedro IV como sendo a personagem histórica representada na estátua equestre, levanta-se a questão “Quem foi D. Pedro IV?”. Nesta aula o desafio é descobrir a genealogia deste rei.</p>
	<p><b>Conceitos/vocabulário</b> Árvore genealógica ascendente e árvore genealógica descendente.</p>
<p><b>Desafio:</b> “Qual a árvore genealógica de D. Pedro IV?”</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b></p> <p>Levantamento das ideias prévias sobre a filiação de D. Pedro IV. Apresentação do desafio: testar a memória visual e identificar alguns familiares do rei.</p>	<p>Imagem de uma árvore genealógica simples (avós paternos e pais de D. Pedro IV) e folha de registo.</p>
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p> <p>Os alunos são desafiados de forma lúdica a identificar alguns familiares de D. Pedro IV. Na folha de registo as árvores genealógicas (ascendente e descendente) apresentam-se incompletas. Para as completar os alunos recebem as imagens</p>	<p>Imagens das árvores genealógicas (ascendente e descendente), folha de registo, cola e jogo “Quem é quem”.</p>

<sup>3</sup> Folha de Registo- Apêndice C

em falta, mas para as colocar nos lugares corretos têm de testar a atenção, memória e concentração. Cada árvore é projetada durante 2 minutos, após este tempo, abrem o envelope com as imagens em falta e tentam completar os espaços em branco com a imagem correspondente. Acabado o tempo definido para esta tarefa, as imagens são projetadas novamente e os alunos procedem à autocorreção.

Seguidamente, as imagens são coladas e procede-se à análise da genealogia.

Após esta análise, os alunos recebem um tabuleiro e um conjunto de cartas (imagens) e, a pares, jogam o jogo “Quem é quem”, explorando as personagens históricas selecionadas.

### **3.º Momento/conclusão**

Síntese das ideias sobre as personagens históricas pertencentes à família de D. Pedro IV.





Figura 8 - Desafio 2 – Atividades com os alunos

### 4.2.3.Desafio 3: Friso Cronológico<sup>4</sup>

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado nacional Personagens e acontecimentos da história nacional</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Identificar o Palácio Nacional de Queluz como local de nascimento e morte de D. Pedro IV. Reconhecer o Palácio Nacional de Queluz como Monumento Nacional e local de residência real.</p>	<p><b>Visão geral</b> Depois de conhecer a genealogia do rei D. Pedro IV o desafio é identificar, cronologicamente, alguns acontecimentos da sua vida.</p> <p><b>Conceitos/vocabulário</b> Monumento Nacional, friso cronológico</p>
<p><b>Desafio:</b> Descobrir o local de nascimento e morte de D. Pedro IV e construir um friso cronológico.</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b></p> <p>Levantamento das ideias prévias sobre o local de nascimento e morte do rei em estudo. Apresentação do desafio: ordenar cronologicamente os acontecimentos apresentados.</p>	<p>Projeção da imagem de uma aguarela do quarto D. Quixote e folha de registo.</p>
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p> <p>Individualmente, os alunos são desafiados a completar uma tabela associando os anos apresentados aos acontecimentos dados. Para esta tarefa devem recorrer à</p>	<p>Friso temporal, círculos com os anos, imagens ilustrativas de acontecimentos, tablets e computadores com acesso à internet,</p>

<sup>4</sup> Folha de Registo- Apêndice D

<p>folha de registo do desafio anterior (desafio 2).</p> <p>Após terminar o tempo para a sua execução, faz-se a correção em grande grupo e explora-se o website do Palácio de Queluz.</p> <p>Em seguida, em grupos, distribuem-se algumas imagens e respetivos acontecimentos (retirados do mini-site D. PedroIV). Cada grupo tem como tarefa fazer corresponder os acontecimentos aos respetivos anos. Para finalizar é construído o friso cronológico.</p>	<p>folha de registo, cola.</p>
<p><b>3.º Momento/conclusão</b></p> <p>Síntese das ideias sobre a vida de D. Pedro IV.</p>	

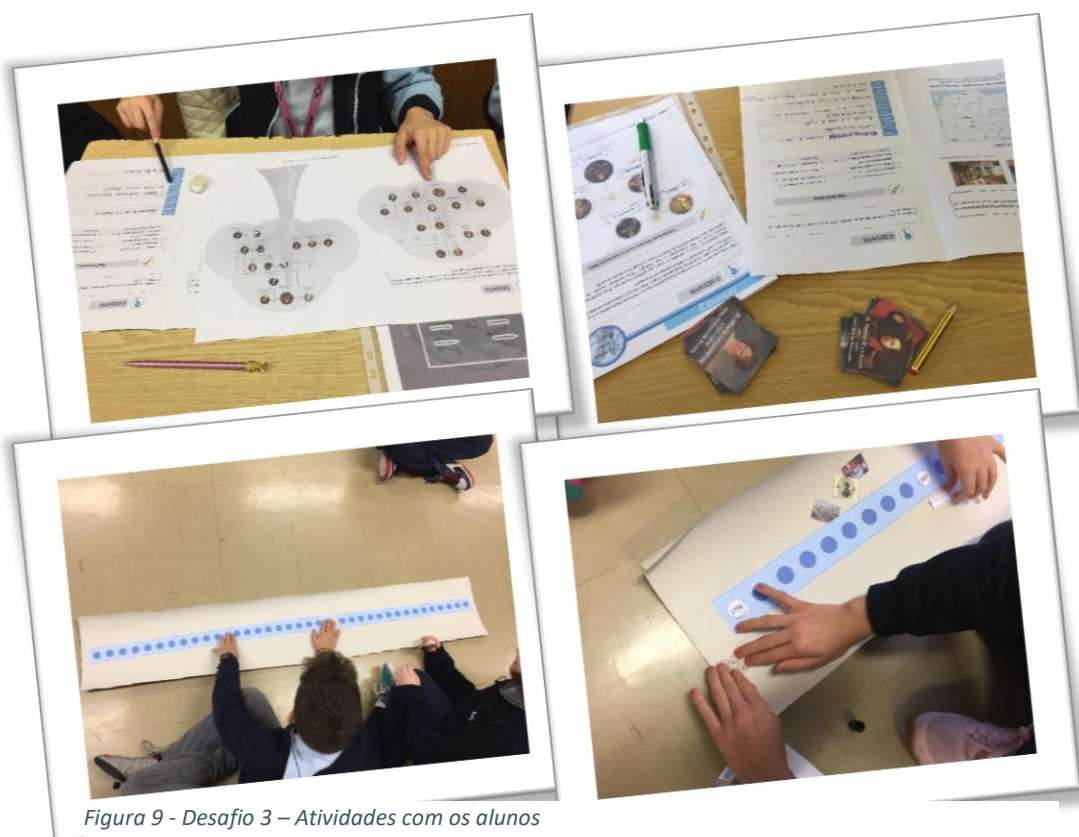


Figura 9 - Desafio 3 – Atividades com os alunos

#### 4.2.4. Desafio 4: Gravura<sup>5</sup>

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado local A arte como representação do passado</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Gravura da época (1867) representativa do Monumento a D. Pedro IV como património artístico</p>	<p><b>Visão geral</b></p> <p>Após um maior conhecimento sobre a vida da personagem histórica representada no monumento localizado na Praça da Liberdade, dá-se início à reflexão sobre a arte como representação do passado a partir de uma gravura da época. Os alunos são desafiados a aliar a expressão artística ao estudo do património histórico e cultural presente no meio local.</p>
	<p><b>Conceitos/vocabulário</b> Gravura como património artístico</p>
<p><b>Desafio:</b> “Desafia o artista que há em ti.”</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b></p> <p>Montagem de um puzzle de uma gravura da época. Levantamento das ideias prévias sobre a imagem. Apresentação do desafio: reproduzir a gravura.</p>	<p>Puzzle, cola e folha de registo.</p>
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p> <p>Os alunos são desafiados a reproduzir a gravura alusiva ao monumento em pares. Cada elemento recebe uma parte (estátua equestre ou pedestal) em formato A3 que deve reproduzir.</p>	<p>Imagens A3 da gravura, material de desenho.</p>

<sup>5</sup> Folha de Registo- Apêndice E

### 3.º Momento/conclusão

Síntese das ideias sobre a arte como representação do passado.

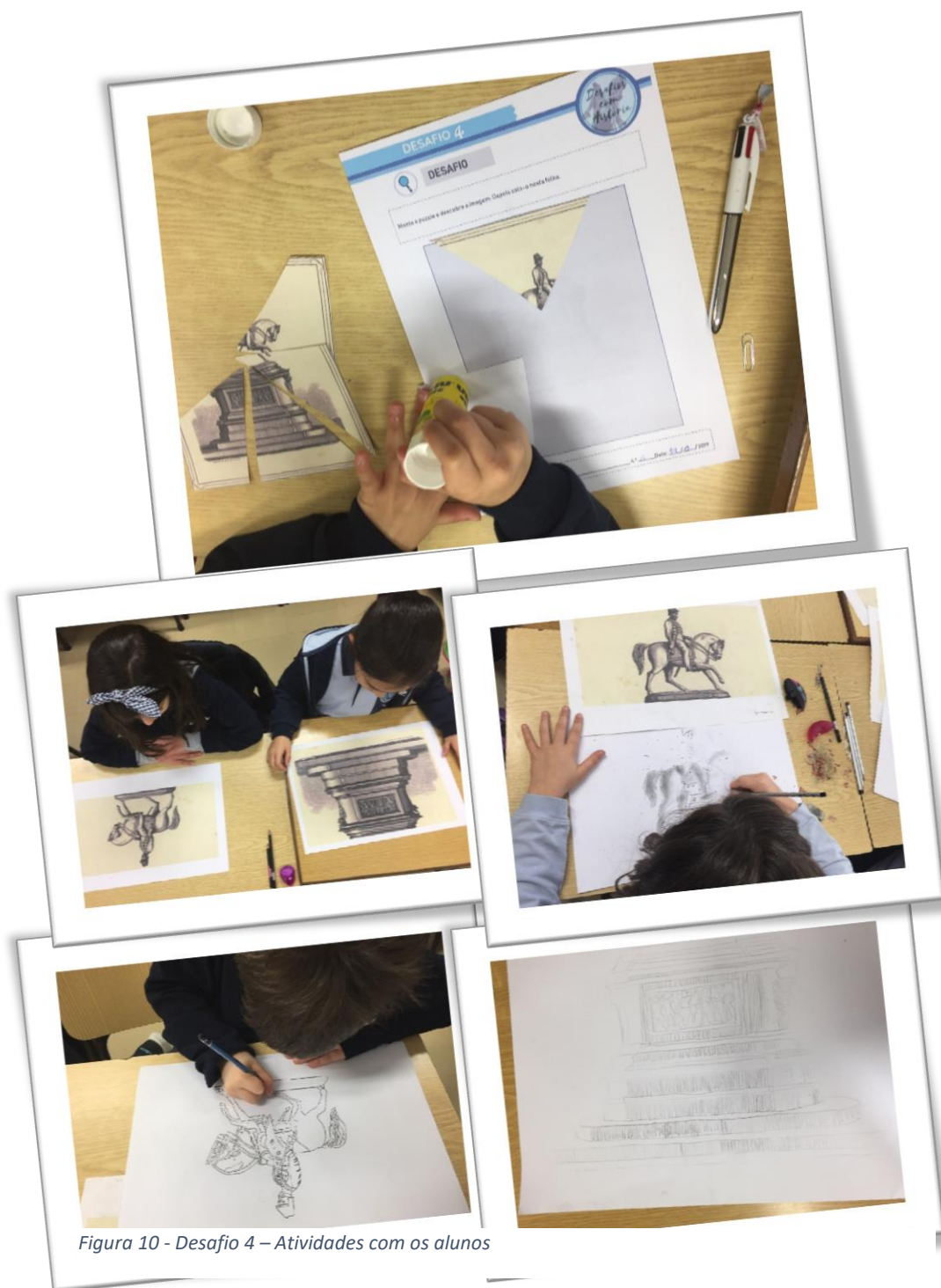


Figura 10 - Desafio 4 – Atividades com os alunos



Figura 11 - Desafio 4 – Atividades com os alunos

**4.2.5. DESAFIO 5: VISITA AO PATRIMÓNIO\_Monumento A D. Pedro IV<sup>6</sup>**

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado local Personagens e acontecimentos da história local</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Elementos patrimoniais presentes no monumento a D. Pedro IV e sua relação com os acontecimentos da história local.</p>	<p><b>Visão geral</b> O monumento a D. Pedro IV, inaugurado a 19 de outubro de 1866, foi uma homenagem pública e oficial da cidade do Porto ao “Rei Soldado”. O contacto com este património é essencial de modo a permitir ao aluno a sua exploração e descoberta dos elementos que o constituem.</p>
	<p><b>Conceitos/vocabulário</b> Monumento comemorativo e história local</p>
<p><b>Desafio:</b> Visita ao Monumento a D. Pedro IV</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b></p> <p>Levantamento das ideias prévias sobre o local a visitar. Apresentação do desafio: observar, explorar e registar.</p>	
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p> <p>Num primeiro contacto, em presença física do monumento, os alunos são desafiados à observação, exploração e registo de forma livre. Seguidamente, têm</p>	<p>Bloco de apontamentos e folha de registo</p>

<sup>6</sup> Folha de Registo- Apêndice F

a tarefa de procurar alguns elementos e identificar a sua localização.

### **3.º Momento/conclusão**

Síntese das ideias sobre o valor patrimonial do Monumento e a sua relação com a história local.



Figura 12 - Desafio 5 – Atividades com os alunos

#### 4.2.6. Desafio 6: Jornal Com História<sup>7</sup>

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> Acontecimentos da história local Interpretação de fontes</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Narrativa histórica do desembarque do exército libertador e da entrega do coração de D. Pedro IV à cidade do Porto. A narrativa da entrada do Exército Libertador na cidade do Porto.</p>	<p><b>Visão geral</b> A visita ao monumento permitiu a observação e descoberta de elementos que despertaram a curiosidade dos alunos para a história local. A entrega da bandeira após desembarque do Exército Libertador e a entrega da urna com o coração à cidade presentes no pedestal fazem alusão a dois momentos da História Local importantes para a construção da identidade nacional.</p>
	<p><b>Conceitos/vocabulário</b> Fontes e vestígios materiais do passado, narrativa histórica</p>
<p><b>Desafio:</b> Escrever as notícias relativas aos acontecimentos históricos representados nos painéis presentes no pedestal do monumento.</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b></p> <p>Levantamento das ideias prévias sobre os acontecimentos históricos representados nos baixos-relevos em presença no pedestal. Apresentação do desafio: jogo de imaginação em que se transformam em jornalistas presentes nos momentos representados; dar as notícias.</p>	<p>Imagens dos baixos-relevos do pedestal do monumento a D. Pedro IV.</p>

<sup>7</sup> Folha de Registo- Apêndice G

<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p> <p>Em pares, os alunos recebem um dos documentos (<i>Chronica Constitucional do Porto</i> ou artigo do Tripeiro) para análise. Numa primeira fase, devem tentar interpretar os documentos e extrair as seguintes informações: o quê, quem, onde, quando e como.</p> <p>Em seguida, o professor projeta a <i>Chronica Constitucional do Porto</i> e auxilia os alunos na decifração de vocabulário incompreensível, na análise do conteúdo e na resposta às questões colocadas. Em grupo turma, procede-se à escrita da notícia.</p> <p>Na aula seguinte, o professor projeta o artigo do Tripeiro e auxilia de igual forma os alunos na decifração do documento e na escrita da notícia.</p>	<p>Folha de registo, primeiro número da <i>Chronica Constitucional do Porto</i> e artigo do Tripeiro “D. Pedro e Venerável Irmandade da Lapa da cidade do Porto” de Francisco Ribeiro da Silva.</p>
<p><b>3.º Momento/conclusão</b></p> <p>Síntese das ideias sobre os baixos-relevos como fonte da história local.</p>	

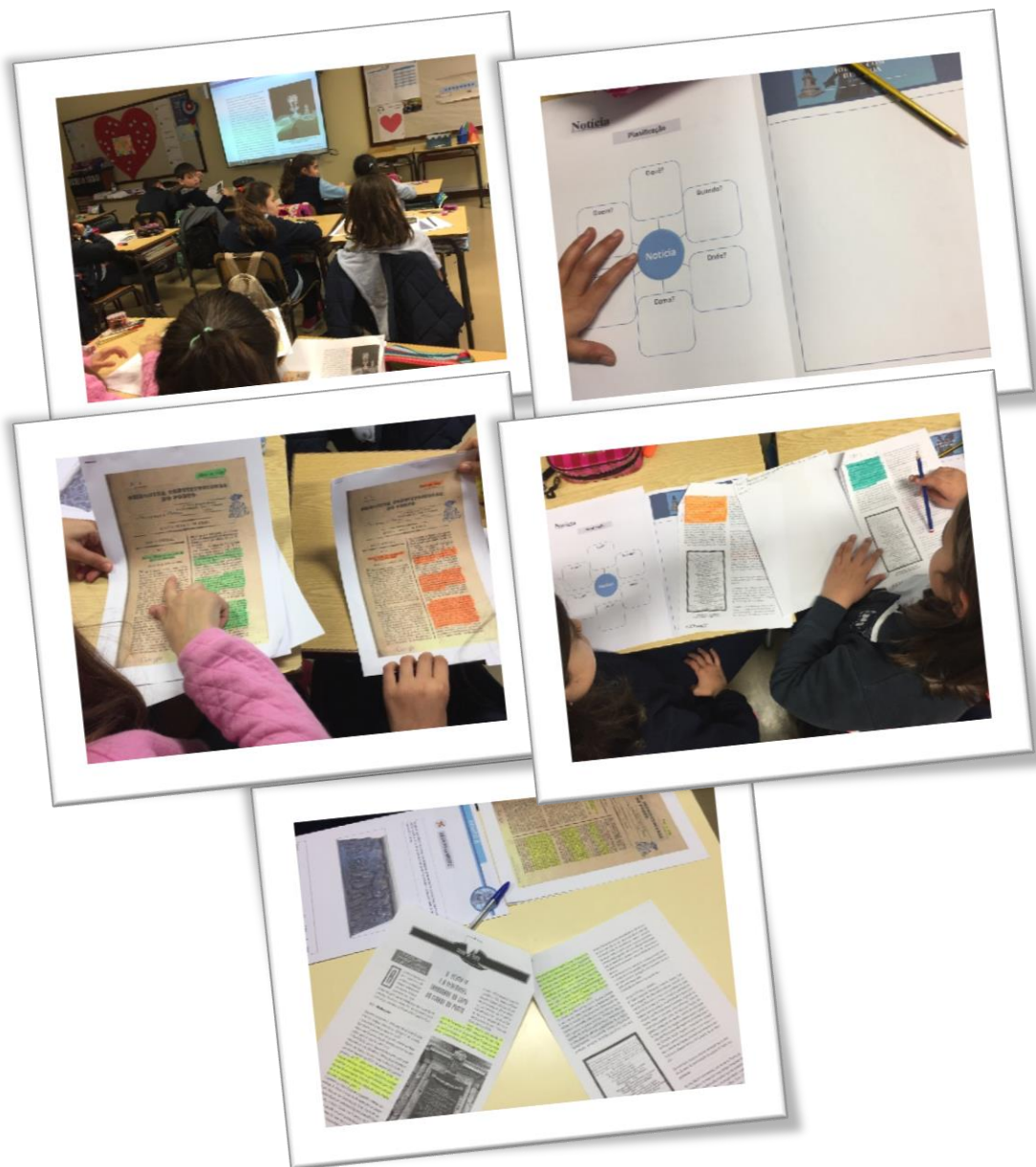


Figura 13 - Desafio 6- Atividades com os alunos

#### 4.2.7. DESAFIO 7: VISITA AO PATRIMÓNIO\_Monumento Ao Heróis Da Guerra Penínsular<sup>8</sup>

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado local e a evidência histórica Personagens e acontecimentos da história local e nacional</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Elementos patrimoniais presentes no monumento ao Heróis da Guerra Peninsular e sua relação com os acontecimentos da história local e nacional.</p>	<p><b>Visão geral</b> Para uma melhor compreensão dos acontecimentos que levaram D. Pedro IV a deixar o seu coração à cidade do Porto, é importante <i>recuar</i> no tempo. O Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular, um monumento emblemático da cidade, permite contextualizar e relacionar os acontecimentos locais com a História Nacional.</p>
	<p><b>Conceitos/vocabulário</b> Invasões francesas, evidência histórica</p>
<p><b>Desafio:</b> Visita ao Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b></p> <p>Levantamento das ideias prévias sobre o local a visitar. Apresentação do desafio: observar, explorar e registar.</p>	<p>Imagem do Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular</p>
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p>	

<sup>8</sup> Folha de Registo- Apêndice H

Num primeiro contacto, em presença física do monumento, os alunos são desafiados à observação, exploração e registo de forma livre. Seguidamente, têm a tarefa de procurar alguns elementos e identificar a sua localização.	Bloco de apontamentos e folha de registo
--	--

### **3.º Momento/conclusão**

Síntese das ideias sobre a relação entre o Monumento ao Heróis da Guerra Peninsular e a sua relação com a história local e nacional.



Figura 14 - Desafio 7 – Atividades com os alunos

**4.2.8. DESAFIO 8: CONTA-ME HISTÓRIA: A Transferência Da Corte Para O Brasil<sup>9</sup>**

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado nacional Personagens e acontecimentos da história nacional</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> As motivações e consequências da transferência da Corte para o Brasil em 1807.</p>	<p><b>Visão geral</b> Em 1807 Napoleão manda invadir Portugal que se recusava a cumprir o Bloqueio Continental a Inglaterra. Estrategicamente a família real e a corte retiram-se e embarcam para o Brasil. Que consequências advêm deste acontecimento?</p> <p><b>Conceitos/vocabulário</b> Invasões francesas e transferência da Corte para o Brasil</p>
<p><b>Desafio:</b> Completar o guião de análise do documentário</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b></p> <p>Levantamento das ideias prévias sobre a retirada da família real e da corte para o Brasil. Apresentação do desafio: descobrir as informações que completam o guião de documentário.</p>	<p>Imagem da pintura a óleo</p>
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p> <p>Num primeiro contacto, em presença física do monumento, os alunos são desafiados à observação, exploração e registo de forma livre. Seguidamente, têm a tarefa de procurar alguns elementos e identificar a sua localização.</p>	<p>Bloco de apontamentos e folha de registo</p>

<sup>9</sup> Folha de Registo- Apêndice I

### 3.º Momento/conclusão

Síntese das ideias sobre as mudanças ocorridas em Portugal

#### 4.2.9. Desafio 9: Revolução De 1820<sup>10</sup>

<b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado local Personagens e acontecimentos da História Local e sua implicação na História Nacional  <b>Conhecimentos a adquirir:</b> A Revolução Liberal de 1820 no Porto, seus antecedentes, intervenientes e consequências na História Nacional.	<b>Visão geral</b> As consequências das invasões francesas fizeram-se sentir no plano militar e económico do país, bem como na sociedade portuguesa que se dividia entre os ideais liberais e os da monarquia absoluta. A permanência da família real no Brasil, o Conselho de Regência vergado à vontade dos britânicos, e os enforcamentos de 1817, levaram à criação do Sinédrio e à Revolução Liberal de 1820. O que era o Sinédrio, como se formou e o que pretendiam os seus fundadores?
	<b>Conceitos/vocabulário</b> Revolução Liberal de 1820, Sinédrio, mudança política.
<b>Desafio:</b> Conhecer o Sinédrio e a revolução que implementou o Liberalismo em Portugal	
<b>Experiências de Aprendizagem</b>	<b>Recursos</b>
<b>1.º Momento/introdução</b>	

<sup>10</sup> Folha de Registo- Apêndice J

<p>Levantamento das ideias prévias sobre os motivos que estiveram na base da Revolução Liberal de 1820 e os seus intervenientes. Apresentação do desafio: descobrir as motivações que levaram à Revolução Liberal de 1820, os seus intervenientes e as consequências do dia 24 de agosto de 1820 para a História Nacional.</p>	<p>Folha de registo com as questões desafiantes.</p> <p>Vídeos da Escola Virtual:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Revolução Liberal de 1820;</li> <li>• Geografia de uma Revolução;</li> </ul>
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p> <p>Leitura, análise, interpretação e seleção das informações contidas no capítulo III do livro de José Maria Xavier D'Araújo sobre o Sinédrio e a Revolução Liberal de 24 de agosto de 1820. (trabalho de grupo)</p> <p>Discussão em grupo/turma sobre o trabalho realizado.</p> <p>Momento lúdico: Jogo da memória (Sinédrio).</p>	<p>Capítulo III do livro de José Maria Xavier D'Araújo <i>“Revelações e Memórias para a História de Revolução de 24 de agosto de 1820, e de 15 de setembro do mesmo ano”</i>.</p> <p>Folha de registo</p> <p>Cartas do Jogo da Memória (Sinédrio)</p>
<p><b>3.º Momento/conclusão</b></p> <p>Síntese das ideias sobre a narrativa histórica da Revolução de 1820 e a sua relação com a História Local e Nacional.</p>	



Figura 15 - Desafio 9 – Atividades com os alunos

**4.2.10. Desafio 10: Monarquia Absoluta Vs Monarquia Constitucional<sup>11</sup>**

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado nacional Acontecimentos da História Local e sua implicação na História Nacional</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Aprovada na sequência do triunfo da Revolução Liberal de 1820, a Constituição de 1822 marca a origem do parlamentarismo constitucional português. Diferenças entre a Monarquia Absoluta e a Monarquia Constitucional.</p>	<p><b>Visão geral</b></p> <p>Após a Revolução de 1820, D. João regressa a Portugal e assina a primeira constituição portuguesa. Dá-se assim a divisão dos três poderes (legislativo, executivo e judicial) e o fim (por enquanto) da monarquia absoluta. Qual a melhor? Que argumentos defendem as duas ideologias?</p>
<p><b>Desafio:</b> Visita ao Monumento a D. Pedro IV</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b> Levantamento das ideias prévias sobre as diferenças entre a Monarquia absoluta e a Monarquia constitucional. Descobrir as respostas às perguntas: “Quem faz as leis?”, “Quem faz cumprir as leis?”; “Quem julga?”</p>	<p>Folha de registo com as questões desafiadoras. <i>Site</i> do Parlamento (<a href="https://www.parlamento.pt/">https://www.parlamento.pt/</a>) Primeira Constituição Portuguesa de 1822</p>

<sup>11</sup> Folha de Registo- Apêndice K

Exploração breve do <i>site</i> do Parlamento Português e da história do parlamentarismo português.	Carta Constitucional de 1826
<b>2.º Momento/desenvolvimento</b> Preparação de um debate: Monarquia Absoluta vs Monarquia constitucional Debate	Folhas de registo (preparação do debate)
<b>3.º Momento/conclusão</b> Síntese das ideias sobre as diferenças entre a Monarquia absoluta e a Monarquia constitucional e sobre o debate.	



Figura 16 - Desafio 10 – Atividades com os alunos

#### 4.2.11. Desafio 11: As Guerras Liberais<sup>12</sup>

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado nacional e o passado local Acontecimentos da História Local e sua implicação na História Nacional</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Acontecimentos que estiveram na origem do Cerco do Porto. As evidências históricas e a sua relação com a História Local e Nacional.</p>	<p><b>Visão geral</b> A usurpação do trono por D. Miguel e a perseguição aos liberais, colocou os dois irmãos (e o país) em guerra. Na Ilha Terceira, única parte que não era dominada por D. Miguel, os liberais organizam-se para o tirar do poder. D. Pedro junta-se a eles e, a 8 junho de 1832, desembarca, na praia de Arnosa de Pampelido, à frente do Exército Libertador. A 9 de junho entra na cidade do Porto sendo cercado pelos miguelistas e dando início ao Cerco do Porto.</p> <p><b>Conceitos/vocabulário</b> Guerra civil; Cerco do Porto; D. Miguel, o Usurpador; D. Pedro, o rei Soldado</p>
<p><b>Desafio:</b> Descobrir o que esteve na origem do Cerco do Porto</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b> Levantamento das ideias prévias sobre os acontecimentos que estiveram na origem do Cerco do Porto. Leitura da BD e descoberta da resposta às questões desafio.</p>	<p>Folha de registo com as questões desafiadoras. Banda Desenhada</p>
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p>	

<sup>12</sup> Folha de Registo- Apêndice L

<p>Análise do vídeo “Caminhos da Memória. (Na Rede)” do historiador Joel Cleto e descoberta sobre o local de desembarque do Exército Libertador.</p> <p>Localização, observação e análise através do <i>Google Maps</i>.</p> <p>Observação de três gravuras e ordenação das imagens de acordo com a ordem de acontecimentos.</p> <p>Pintar, recortar e fazer uma composição de imagens sobre o Cerco do Porto.</p>	<p>Folhas de registo.</p> <p>Vídeo “Caminhos da História (Na Rede).</p> <p>Imagens para projetar.</p> <p>Imagens (D. Pedro IV, Marechal Saldanha e Batalhão de Voluntários da Rainha)</p> <p>Material de pintura, recorte e colagem.</p>
<p><b>3.º Momento/conclusão</b></p> <p>Síntese das ideias sobre o Cerco do Porto e a sua relação com o coração de D. Pedro IV.</p>	



Figura 17 - Desafio 11 – Atividades com os alunos

**4.2.12. DESAFIO 12: PORTO: UMA CIDADE COM CORAÇÃO REAL\_Percurso Pelo Património<sup>13</sup>**

<p><b>Dimensões a trabalhar:</b> O passado local Os lugares de memória</p> <p><b>Conhecimentos a adquirir:</b> Relação entre os lugares e os acontecimentos da História Local Conhecer a localização dos lugares de memória e o local dos acontecimentos históricos abordados ao longo do projeto.</p>	<p><b>Visão geral</b> O percurso pedagógico está quase a terminar, durante os desafios os alunos foram sendo desafiados a conhecer o património ligando à História local e nacional. Em forma de conclusão, são agora levados a percorrer a cidade entre o presente e a sua ligação ao passado, para no fim, descobrirem um património de inigualável valor, o Coração de D. Pedro IV.</p>
	<p><b>Conceitos/vocabulário</b> Acontecimentos históricos e lugares de memória</p>
<p><b>Desafio:</b> Um percurso para até ao Coração.</p>	
<p><b>Experiências de Aprendizagem</b></p>	<p><b>Recursos</b></p>
<p><b>1.º Momento/introdução</b>  Levantamento das ideias prévias sobre os locais a visitar e a sua relação com a História Local e Nacional.</p>	<p>Mapa do Percurso</p>
<p><b>2.º Momento/desenvolvimento</b></p>	

<sup>13</sup> Folha de Registo- Apêndice M

<p>Percurso Teatralizado:          Colégio – Bateria do Cemitério dos Ingleses (Largo da Maternidade) – Residência a Quartel General de D. Pedro IV durante o Cerco do Porto (Rua de Cedofeita) – Campo de Santo Ovídio (Praça da República) – Igreja da Lapa</p>	
<p><b>3.º Momento/conclusão</b>          Síntese das ideias sobre o percurso e os lugares de memória percorridos.</p>	



Figura 18 - Desafio 12 – Atividades com os alunos

**4.2.13. Porto: Uma Cidade Com Coração Real!** A exposição de um percurso pedagógico

Após a conclusão das atividades desenvolvidas, desafiaram-se os alunos a preparar uma exposição de modo a partilhar a experiência com toda a comunidade educativa. Assim, dividiram-se aleatoriamente os desafios pelas três turmas, ficando à responsabilidade de cada uma a apresentação de quatro desafios. Deu-se total liberdade para os alunos fazerem as suas propostas e desenvolverem as suas ideias em grupo. Para esta fase, foram mobilizadas diversas competências e conhecimentos adquiridos e aprofundados durante todo o percurso pedagógico.

Nesta fase, continuou a ser notório o entusiasmo dos alunos na construção do seu conhecimento. A partir das suas propostas foram construídos cartazes, jogos, um friso cronológico, vídeos, associações simbólicas divertidas (como o futebol para mostrar que a águia e o leão encimados no monumento da Rotunda da Boavista nada têm a ver com os clubes portugueses). A exposição foi ainda animada pelos “ardinas” do primeiro ano que apregoavam e distribuíam as notícias escritas no desafio 6, ligando deste modo o projeto do quarto ano com o projeto do primeiro ano (que abordava as profissões antigas na cidade do Porto).

Aos alunos coube ainda a tarefa de montagem da exposição, bem como de guias, apresentando aos seus familiares o percurso pedagógico realizado. Apesar de ao longo de todo o projeto haver grande receptividade, curiosidade, interesse e empenho nas tarefas, a fase final, que envolveu o processo de montagem e apresentação da exposição foi um momento de grande envolvimento dos alunos, sendo notório um sentimento de grande satisfação.



Figura 19 – Montagem da exposição



Figura 20 – Montagem da exposição

#### 4.2.14. Preferências Dos Alunos<sup>14</sup>

Terminado o projeto considerou-se importante conhecer a opinião dos seus intervenientes. Pediu-se então aos alunos que avaliassem as atividades realizadas: enumerando de 1 a 3 os desafios da sua preferência; indicando o que gostaram mais e o que gostaram menos; e avaliando, globalmente as atividades, numa escala de 1 a 5.

Relativamente aos desafios realizados, os alunos manifestaram as suas preferências de acordo com os dados apresentados pelo gráfico.

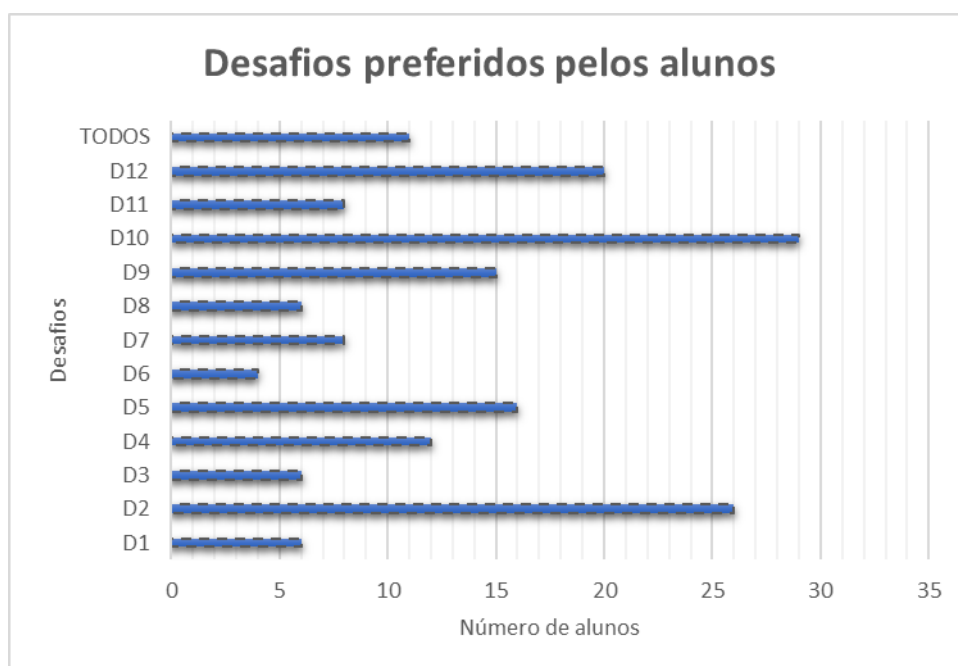


Figura 20 - Desafios preferidos pelos alunos

O Desafio 10 escolhido por 29 alunos, onde se realizou a o debate “Monarquia Constitucional vs Monarquia Absoluta” foi o desafio mais escolhido como preferido, seguido do Desafio 2, Genealogia de D. Pedro IV,

---

<sup>14</sup> Preferências dos alunos - Apêndice N

escolhido por 26 alunos. Em terceiro lugar nas preferências dos alunos surge o Desafio 12, onde se realizou o Percurso Teatralizado que finalizou as atividades.

É ainda de salientar que todos os desafios foram indicados nas preferências dos alunos, sendo o Desafio 6 apenas preferido por 4 alunos.

De salientar também que 11 alunos não conseguiram referir nenhum desafio por terem gostado de todos como mencionaram.

Relativamente ao que mais gostaram, os alunos fizeram referência ao debate, aos jogos (“quem é quem” e “jogo da memória”), às visitas de estudo e aos monumentos, ao percurso até à igreja da Lapa, aos trabalhos finais, aos trabalhos de grupo e à exposição. Já em relação ao que gostaram menos, referiram a escrita das notícias, a construção do friso cronológico e o primeiro desafio.

Globalmente os desafios tiveram uma classificação de 4,71 numa escala de 1 a 5, o que podemos considerar que foi do agrado dos alunos.

Tendo em conta esta avaliação final, e indo ao encontro daquilo que era perspectivado no decurso das aulas *Desafios com História*, o projeto teve um impacto positivo junto do grupo experimental e uma boa aceitação, revelando que as crianças desta idade também se interessam pela história local e pelo conhecimento do património da sua região. Foram vários os alunos a sugerir dar continuidade ao projeto nos anos subseqüentes.

### **4.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Após aplicação do pós-teste aos dois grupos que participaram no estudo, procedeu-se à contabilização do número de respostas corretas por item de resposta, optando-se por uma análise estatística simples numa primeira fase. Para uma primeira análise comparativa, calcularam-se as percentagens do número de respostas corretas obtidas pelos grupos (experimental e

controle) nos dois momentos de avaliação (pré-teste e pós-teste). Em seguida, identificaram-se os resultados do pós-teste em que se verificou uma diminuição de respostas corretas em comparação com o pré-teste, assinalando-se os resultados a vermelho. Seguidamente, identificaram-se os itens de resposta em que os resultados do pós-teste apresentavam percentagens iguais ou superiores a 90% de respostas corretas, como se apresenta na tabela seguinte.

Tabela 4 - Percentagem de respostas corretas por item de resposta, obtidas pelos GE e GC no Pré-teste e no Pós-teste

Item	Grupo Experimental N=62		Grupo Controlo N=53		Item	Grupo Experimental N=62		Grupo Controlo N=53	
	% de respostas corretas	% de respostas corretas	% de respostas corretas	% de respostas corretas		% de respostas corretas	% de respostas corretas	% de respostas corretas	% de respostas corretas
	Pré-Teste	Pós-Teste	Pré-Teste	Pós-Teste		Pré-Teste	Pós-Teste	Pré-Teste	Pós-Teste
1	2	100	53	72	27	8	92	32	34
2	0	95	4	4	28	58	90	57	62
3	0	98	15	28	29	6	76	8	21
4	79	68	68	62	30	3	29	4	2
5	15	60	32	45	31	45	82	43	51
6	8	82	30	53	32	45	82	47	55
7	8	90	11	28	33	23	35	15	21
8	0	61	0	2	34	53	81	58	57
9	15	56	53	60	35	34	66	40	43
10	40	79	30	30	36	6	42	2	17
11	56	71	21	32	37	68	90	28	36
12	23	53	26	26	38	19	56	9	30
13	19	56	23	28	39	15	42	38	60
14	55	90	60	57	40	26	69	42	42
15	29	55	23	17	41	21	74	34	45
16	84	94	68	87	42	11	79	15	15
17	21	81	13	19	43	0	45	2	2
18	58	73	53	58	44	0	37	4	4
19	31	71	62	42	45	16	79	23	23
20	10	66	47	40	46	0	5	0	0
21	37	76	38	23	47	21	60	15	19
22	6	29	28	0	48	34	73	60	60
23	42	65	58	53	49	52	94	62	62
24	19	32	25	21	50	31	95	58	55
25	37	87	60	55	51	26	92	28	25
26	47	90	51	66					

Verificou-se então que, comparativamente entre os resultados do pré-teste e do pós-teste, o grupo experimental aumentou o número de respostas corretas em 50 dos 51 itens de resposta enquanto o grupo

controlo aumentou o número de respostas em 27 itens, manteve, o mesmo número de respostas corretas, em 11 itens, e diminuiu o número de respostas corretas em 13 itens.

Ao analisar a tabela, constatamos também que, relativamente ao item 1, o grupo experimental obteve 100% de respostas corretas, o que significa que todos os alunos identificaram o D. Pedro IV como a personagem histórica presente na estátua equestre localizada na Praça da Liberdade, passando de 2% para 100% de respostas corretas.

Relativamente aos resultados do grupo experimental, verificamos ainda 13 itens de resposta com resultados iguais ou superiores a 90%, o que não se verifica no grupo de controlo, sendo a percentagem maior de respostas corretas, neste grupo, obtida no item 16 correspondente à localização do Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular (87%).

Quando analisadas as questões em que o grupo experimental obteve melhor desempenho, constatamos que estas se relacionam, direta ou indiretamente, com os locais visitados durante as aulas, nomeadamente, questões relacionadas com o Monumento a D. Pedro IV, o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular e a Igreja da Lapa e a questões relacionadas com a Revolução Liberal de 1820. Poderá haver aqui uma relação de causalidade entre o contacto direto com as fontes patrimoniais e o desempenho dos alunos. No entanto, não o podemos afirmar com toda a certeza, pois para tal teríamos de ter definidos outras variáveis para o estudo.

Apesar de encontrarmos diferenças já expectáveis entre os resultados obtidos no pré-teste e no pós-teste pelos dois grupos, considerou-se pertinente perceber se essas diferenças seriam estatisticamente significativas. Formulou-se, então, a hipótese de que as crianças que participaram das atividades de educação histórica e patrimonial apresentariam uma evolução significativa no número de respostas corretas entre o primeiro momento de avaliação e o segundo, contrariamente ao grupo controlo. Para tal recorreu-se ao *software* SPSS e, a partir das medidas

de tendência central (média) e dispersão (desvio padrão), realizou-se o teste *t* para amostras emparelhadas.

Tabela 5 – Médias e desvios padrão

		Média	N	Desvio Padrão
Par 1	Grupo Experimental pré-teste N=62	32,46	52	115,520
	GE pós-teste	84,54	52	299,125
Par 2	Grupo controle pré-teste N=53	34,19	52	121,360
	GC pós-teste	37,65	52	133,587

Tabela 6 - Teste *t* para amostras emparelhadas

		Teste de amostras emparelhadas							
				Diferenças emparelhadas					
		Média	Desvio Padrão	Média	95% Intervalo de Confiança da Diferença		t	gl	Sig. (bilateral)
					Erro Padrão da	Inferior			
Par 1	Grupo Experimental N=62 - GE Pós-teste	-52,077	184,671	25,609	-103,490	-,664	-2,034	51	<b>,047</b>
Par 2	Grupo controle N=53 - GC pós-teste	-3,462	13,367	1,854	-7,183	,260	-1,867	51	,068

Nesta análise, verificamos, então, que existem evidências estatísticas para se afirmar que o grupo experimental apresenta mudanças significativas do pré-teste para o pós-teste, uma vez que o valor de significância, num intervalo de 95% de confiança, é inferior a 0,05 ( $p= 0,047$ ). O mesmo não se verifica com o grupo controle, já que o valor de significância é superior a 0,05 ( $p= 0,068$ ).

#### 4.4. ROTA PORTO LIBERAL: UMA PROPOSTA EM CONTEXTO NÃO FORMAL DE APRENDIZAGEM

No âmbito do projeto *Porto: Uma cidade com Coração Real!* foi ainda apresentada, à instituição de acolhimento, uma proposta de atividades a serem implementadas, futuramente, em contexto de aprendizagem não formal.

##### a) Oficinas de férias

<b>Proposta</b> <b><u>Oficinas de férias</u></b>	
<b><u>Objetivo:</u></b>	As atividades propostas, de cariz lúdico-pedagógicas, pretendem contribuir para a dinamização da Rota Porto Liberal, numa perspetiva de valorização e salvaguarda do património a partir da infância.
<b><u>Destinatários:</u></b>	Crianças dos 8 aos 12 anos de idade
<b><u>Descrição:</u></b>	<p>As atividades que se propõem apresentam-se em forma de desafios, levando à descoberta do património histórico-cultural da cidade do Porto ligado ao movimento liberal do início do século XIX.</p> <p>Percorrendo os locais da Rota Porto Liberal a partir de tarefas lúdico-pedagógicas com recurso a diversas fontes (escritas, iconográficas, observação direta em contexto) desvendam-se as marcas do passado, os lugares, as ruas, os edifícios, os acontecimentos e o coração do Rei Soldado.</p> <p>Durante cinco dias as crianças têm a possibilidade de conhecer as marcas da memória, as estórias e a História de uma cidade com Coração Real.</p> <p>No primeiro dia, a Venerável Irmandade da Lapa é o local de descoberta a partir do qual se desvenda o coração de D. Pedro IV e a sua História.</p>

	<p>No segundo dia, percorre-se a cidade desde o Quartel de Santo Ovídio (palco da Revolução de 1820) até ao Museu Militar.</p> <p>No terceiro dia, explora-se a estátua equestre de D. Pedro e visita-se o Museu da Misericórdia do Porto (MMIPO).</p> <p>No quarto dia, o tema é as linhas defensivas liberais durante o Cerco do Porto e visita-se a Serra do Pilar.</p> <p>E para finalizar, no quinto dia, a partir de uma oficina artística as crianças são desafiadas a dar largas à sua imaginação, a criar uma ilustração a partir das suas observações, recolhas de dados e descobertas.</p>
<b><u>Número máximo de participantes: 12</u></b>	

PLANO SEMANAL DE ATIVIDADES		Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Receção 13:45 às 14:00		<b>Venerável Irmandade da Lapa</b>				
<b>HORÁRIO</b>	14:00	Um coração Real	O Porto Liberal	O Rei Soldado	O Cerco do Porto e as linhas de defesas liberais	Iconografia do Liberalismo
	18:00					
	<b>Local</b>	Venerável Irmandade da Lapa	Museu Militar	Estátua Equestre D. Pedro IV e MMipo	Serra do Pilar	Venerável Irmandade da Lapa

<b>METODOLOGIA</b>
<p>Pretende-se com o desenvolvimento destas oficinas dinamizar a Rota Porto Liberal e contribuir para a divulgação do património histórico e cultural ligado ao Movimento Liberal do século XIX na cidade do Porto, aproximando o público mais jovens dos lugares de memória e despertando o seu sentido de pertença.</p>

Metodologicamente estas atividades apresentam-se em forma de desafios que apelam à descoberta dos conhecimentos através de jogos, percursos e visitas, culminando numa oficina artística a partir da observação de iconografia da época.

Cada oficina é acompanhada de uma folha pedagógica com os desafios propostos permitindo a cada participante registar as informações recolhidas e avaliar as atividades realizadas.

Estrutura das oficinas:

**Primeira Oficina:**

- 1.º Momento: Acolhimento e dinâmica de grupo
- 2.º Momento: Diálogo e levantamento das expectativas dos participantes
- 3.º Momento: Levantamento das ideias prévias
- 4.º Momento: Introdução da atividade
- 5.º Momento: Desenvolvimento
  - Jogo desafio
  - Questões exploratórias sobre a vida de D. Pedro IV
  - Visita à Igreja da Lapa
- 6.º Momento: Conclusão e avaliação da atividade

**Segunda Oficina:**

- 1.º Momento: Acolhimento
- 2.º Momento: Introdução da atividade
- 3.º Momento: Desenvolvimento
  - Jogo desafio
  - Percurso: Irmandade da Lapa – Praça da República – Museu Militar – Irmandade da Lapa
- 4.º Momento: Conclusão e avaliação da atividade

**Terceira Oficina:**

- 1.º Momento: Acolhimento
- 2.º Momento: Introdução da atividade
- 3.º Momento: Desenvolvimento
  - Jogo desafio

- Percurso: Irmandade da Lapa – Praça da Liberdade – MMIPO– Irmandade da Lapa

4.º Momento: Conclusão e avaliação da atividade

**Quarta Oficina:**

1.º Momento: Acolhimento

2.º Momento: Introdução da atividade

3.º Momento: Desenvolvimento

- Jogo desafio
- Percurso: Irmandade da Lapa – Serra do Pilar – Irmandade da Lapa

4.º Momento: Conclusão e avaliação da atividade

**Quinta Oficina:**

1.º Momento: Acolhimento

2.º Momento: Introdução da atividade

3.º Momento: Desenvolvimento

- Jogo desafio
- Oficina artística (expressão plástica)

4.º Momento: Conclusão e avaliação da atividade

5.º Momento: Avaliação da semana

**b) PERCURSO PARA ESCOLA**

Proposta <u>Percurso para escolas</u>	
<b><u>Objetivo:</u></b>	As atividades propostas, de cariz lúdico-pedagógicas, pretendem contribuir para a dinamização da Rota Porto Liberal, numa perspetiva de valorização e salvaguarda do património a partir da infância.
<b><u>Destinatários:</u></b>	Grupos escolares (1.º e 2.º Ciclos)
<b><u>Descrição:</u></b>	

	<p>A atividade proposta para os grupos escolares apresenta-se em forma de percurso orientado também em modo de desafio, levando à descoberta do património histórico-cultural da cidade do Porto ligado ao movimento liberal do início do século XIX.</p> <p>Partindo da Venerável Irmandade da Lapa desvenda-se o coração de D. Pedro IV e a sua História, atravessa-se o antigo Campo de Santo Ovídio (palco da Revolução de 1820), finalizando na Praça da Liberdade com a exploração e descoberta dos elementos presentes no Monumento a D. Pedro IV.</p>
<p><b><u>Número máximo de participantes:</u></b> uma turma</p>	

### c) ATIVIDADES PARA FAMÍLIAS

<p><b>Proposta</b> <b><u>Atividades para famílias</u></b></p>	
<p><b><u>Objetivo:</u></b></p>	<p>As atividades propostas, de cariz lúdico-pedagógicas, pretendem contribuir para a dinamização da Rota Porto Liberal, numa perspetiva de valorização e salvaguarda do património a partir da infância.</p>
<p><b><u>Destinatários:</u></b></p>	<p>Famílias com crianças</p>
<p><b><u>Descrição:</u></b></p>	<p>As atividades para famílias propõem também a descoberta do património histórico-cultural da cidade do Porto ligado ao movimento liberal do início do século XIX.</p> <p>Estas atividades podem apresentar-se em diversas tipologias desde visitas orientadas aos museus parceiros da Rota Porto Liberal, oficinas criativas, percursos orientados, performances, destacando diversas temáticas e acontecimentos.</p>
<p><b><u>Número máximo de participantes:</u></b> 16</p>	

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto aqui apresentado teve como principal objetivo a divulgação do património ligado à implementação do Liberalismo em Portugal, a partir de uma proposta de Educação Histórica e Patrimonial. A cidade do Porto, palco de vários acontecimentos marcantes na história nacional, viveu no início do século XIX momentos de grandes privações, entre guerras (peninsular e civil) e revoluções (de salientar a Revolução de 1820) que espalharam a fome, a peste, a destruição, mas ao mesmo tempo afirmaram valores que ainda hoje pautam a nossa vida em sociedade, como a liberdade ou a igualdade perante a lei preconizadas na Constituição Portuguesa.

A primeira questão que se colocou relativamente aos conteúdos a abordar durante as atividades com os alunos, foi a sua relevância para crianças de 9/10 de idade. Será que esta temática é do interesse dos alunos? A experiência vem revelando que, relativamente, aos conteúdos de Estudo do Meio, o estudo da História constitui-se como um momento de grande interesse e curiosidade. Por norma, as crianças mostram entusiasmo e gosto pelo conhecimento relacionado com personagens e factos históricos, bem como, pela narrativa histórica em geral. O desafio que se colocou a seguir, foi selecionar o património material em presença no meio próximo, que permitisse a sua visita a partir da deslocação a pé. Depois foi necessário criar um fio condutor que permitisse relacionar o património com a narrativa e a construção do tempo histórico, relacionando-os entre si. Nesta fase foi necessária uma grande objetividade, de modo, a focar os assuntos de uma forma que não se tornasse excessiva, mas ao mesmo tempo não fosse redutora de mais. Definidos os conteúdos, procedeu-se à planificação dos

desafios tendo por base a teoria construtivista da aprendizagem, levando os alunos a construir o próprio conhecimento, a partir da descoberta, reflexão e sentido crítico perante as tarefas propostas.

Durante a implementação do projeto, as crianças foram evidenciando uma evolução positiva relativamente aos desafios propostos, o que se veio a confirmar com o resultado do pós-teste. Efetivamente, os resultados entre os momentos de avaliação (pré e pós testes) vieram confirmar uma evolução significativa no conhecimento efetivo dos alunos que participaram do projeto, contrariamente ao grupo de controlo.

Ainda durante a implementação e desenvolvimento destas atividades de educação histórica e patrimonial, foi muito positivo o envolvimento dos alunos, a motivação demonstrada e o entusiasmo revelado, que viria a culminar na construção das apresentações e na montagem da exposição final.

Esta abordagem pedagógica permitiu a utilização de diversas fontes e recursos e a mobilização de diversas competências e conhecimentos transversais, constituindo-se como momentos de aprendizagem efetiva e significativa. Partir do Património para o conhecimento do meio local faz todo o sentido, uma vez que o meio se transforma em recurso e fonte a ser explorado.

Mas será que o potencial da educação patrimonial se esgota na sua relação com a educação histórica? Durante as diferentes etapas em que este projeto se foi elaborando e concretizando foram surgindo alguns questionamentos relativamente ao papel da Educação Patrimonial, na sociedade atual.

Em Portugal ainda não existe um Plano Nacional de Educação Patrimonial, com diretrizes e orientações que permitam uma ação

concertada de políticas comuns. A investigação que se vem desenvolvendo tendo o património como elemento agregador, centra-se ainda nas questões relacionadas com o ensino da História, contribuindo para a reflexão em torno das potencialidades do património para o conhecimento histórico e para a construção do tempo histórico, bem como nos fatores de segunda ordem preconizados nos estudos pioneiros. Contudo, deverá a Educação Patrimonial ser o centro de uma reflexão mais profunda, deixando de ser um satélite que órbita a Educação Histórica, constituindo-se como um astro principal na investigação? Quais as principais funções da Educação Patrimonial? De que forma a noção de património é construída e que fatores contribuem para esta construção? Que valor é atribuído ao(s) património(s)? Que relação se estabelece com o(s) património(s) locais?

Enquanto que no Brasil e em Espanha a Educação Patrimonial já se encontra enraizada e preconizada numa política nacional com diretrizes e orientações, em Portugal esta reflexão ainda se mantém no nível académico, no qual se destacam os seminários nacionais e internacionais promovidos pelo CIEd (Centro de Investigação em Educação – Universidade do Minho) e pelo CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultural, Espaço e Memória – Faculdade de Letras do Porto).

Contudo, a perceção da necessidade de uma estratégia europeia para o património levou à definição da Declaração de Namur, apresentada na 6ª Conferência de Ministros responsáveis pelo património cultural que se realizou de 22 a 24 de abril de 2015 (Cultural heritage in the 21st century for living better together. Towards a common strategy for Europe). Em 2017, o Conselho da Europa aprova a Estratégia para o Património Cultural europeu para o século XXI – Strategy 21. Nesta estratégia, “conhecimento e educação” é uma das três componentes prioritárias para a qual apresenta,

entre outras recomendações, as seguintes: k1- Incorporar a educação patrimonial nos currículos escolares; k9 – desenvolver programas de estudo e pesquisa que reflitam as necessidades do setor do património e a partilha de conclusões. Deste modo, perspectivam-se mudanças que se esperam significativas quanto à valorização da Educação Patrimonial. Aliás, no próximo ano de 2020, as Jornadas Europeias do Património serão dedicadas ao tema “Património e Educação”.

Espera-se que os politécnicos e as universidades contribuam, de forma ativa, para o desenvolvimento da reflexão em torno desta temática, equacionando a introdução explícita da Educação Patrimonial no currículo de cursos ligados à educação e à formação de professores.

Para finalizar, resta referir que este projeto não se esgota com a finalização deste processo, pelo contrário, torna-se motor de novas abordagens e de uma procura contínua de melhoria de práticas pedagógicas e novos desafios.

## BIBLIOGRAFIA

ABUD, Kátia M. (2003). A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. São Paulo: História, vol. 22, n.º1, pp. 183-193.

ALVES, Luís A. & RIBEIRO, Cláudia (2014). Uso do cinema na didática da história: do cinema educativo ao cinema didático. In ALVES, Luís Alberto, GARCÍA, Francisco García & ALVES, Pedro – Aprender del Cine: narrativa y didáctica. Madrid: Icono 14, pp. 149-177.

AMARAL, C. et al (2012). Sim, A História é Importante! O trabalho de fontes na perspectiva da Educação Histórica. Porto: Porto Editora.

ASHBY, R.; LEE, P. y SHEMILT, D. (2005). Putting principles into practice: teaching and planning. En Donovan, M. S. y Bransford, J. D. (Eds.), How students learn: History in the classroom. Washington DC: The National Academies Press, pp. 79-178.

BARCA, I. (2001). *O Pensamento Histórico dos Jovens*. Braga: CEEP, Universidade do Minho.

BARCA, I. (2004). A Aula-Oficina em História: do projeto à avaliação. In Barca (org.) Para uma Educação Histórica de Qualidade. Braga: CIEd, Universidade do Minho, pp. 131-144.

BARCA, I. (2007). Investigar em educação histórica, da epistemologia às implicações para as práticas de ensino, *Revista Portuguesa de História*, n.º39 (pp. 53-66).

BARCA, I. (2009). Investigação em Educação Histórica em Portugal: esboço de uma síntese. In I. Barca (org.). Educação Histórica Investigação em Portugal e no Brasil. Braga: CEEP, Universidade do Minho, pp. 11-26.

BOLÉ, L. (2014). D. Maria II – A Rainha Insubmissa. Lisboa: A esfera dos livros.

BURKE, Peter (2004). Testemunha ocular: história e imagem. São Paulo: EDUSC.

CABRAL, G. Read (s/d). Glórias e Primores de Portugal. Lisboa: Typographia da Casa Editora Alcino Aranha & C.a.

CAMPBELL, D.T. & J. STANLEY (1963). Experimental and quasi-experimental designs for research. Boston: Houghton Mifflin Company.

CIPOLINI, A. (2008). Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – um estudo sobre a utilização do cinema na educação. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

COELHO, Sérgio V. (2009). História do Porto – Tempestade Napoleónica – Das invasões francesas aos preparativos da Revolução. Matosinhos: QN – Edições e Conteúdos, S. A.

COOPER, Hilary (2004). O Pensamento Histórico das crianças. In BARCA (Org.). *Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica Para uma Educação Histórica de Qualidade*. Braga: Universidade do Minho p.55-74.

DÓRIA, António A. (1961). Movimentos Políticos do Porto no Século XIX. Porto: Câmara Municipal do Porto.

FORTIN, M. (2003). O Processo de Investigação: Da Concepção à Realização. Loures: Lusociência.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1976). História de Portugal – Volume II (Das revoluções Liberais aos Nossos Dias). Lisboa: Palas Editores.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1991). História de Portugal – Sínteses da cultura portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MARTELO, David (2009). O Exército Português durante a Guerra Peninsular. In Oliveira, Valente de (coord.) – O Porto e as Invasões Francesas – 1809 - 2009 (volume IV). Porto: Público e Câmara Municipal do Porto, pp. 41-53.

MATTOSO, José (1993). História de Portugal (O liberalismo 1807 – 1890) – Quinto Volume. Lisboa: Editorial Estampa.

OLIVEIRA, Valente de (2009). O Porto e as Invasões Francesas – Catálogo da Exposição Comemorativa do Bicentenário das Invasões Francesas no Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto.

OWEN, Hugh (1985). O Cerco do Porto. Lisboa: A Regra do Jogo, Edições Lda.

PINTO, H. (2012) Interpretação de Fontes Patrimoniais em Educação Histórica. *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n. 1, pp. 187-218.

PINTO, H. (2016). Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

REIS, A. do Carmo (1991). *Invasões Francesas – As Revoltas do Porto contra Junot*. Lisboa: Editorial Notícias.

SARDELICH, Maria E. (2006). Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. In: *Cadernos de Pesquisa*, vol. 36, nº 128, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, pp. 451-472.

SELVAGEM, Carlos (1991). *Portugal Militar – Compêndio de História Militar e Naval de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sem nome (2010). *O Cerco do Porto em 1832 para 1833. Por um portuense*. Porto: Universidade do Porto Editorial.

SERÉN, Maria do Carmo (2009). *O Porto e as Invasões Francesas – Catálogo da Exposição Comemorativa do Bicentenário das Invasões Francesas no Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, pp. 85-100.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1984). *História de Portugal (1807-1832) – Volume VII*. Viseu: Editorial Verbo.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1986). *História de Portugal (1832-1851) – Volume VIII*. Viseu: Editorial Verbo.

SERRÃO, Joel & MARQUES, A. H. de Oliveira (2002). *Nova História de Portugal (Volume IX) – Portugal e a Instauração do Liberalismo*. Barcarena: Editorial Presença.

SILVA, E. O. (2010). Relações entre imagens e textos no ensino de História. *Saeculum: Revista de História*, n. 22, pp. 173-188.

SORIANO, Luz (1889). *História do Cerco do Porto*. Porto: A. Leite Guimarães - Editor.  
THOMSON, R. B. (2019). *Miguelistas e Liberais*. Lisboa: Bertrand Editora.

VENTURA, A. (1995). Da revolução vintista à guerra civil (1820-1834). In MEDINA, J. (direção) História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Amadora: Ediclube, Edição e Promoção do Livro, Lda, pp.99-123.

VICENTE, António P. (2009). A ação do General Manuel Gomes de Sepúlveda e a Junta de Bragança. In Oliveira, Valente de (coord.) – O Porto e as Invasões Francesas – 1809 - 2009 (volume IV). Porto: Público e Câmara Municipal do Porto, pp. II – 28.

## Webgrafia

Estratégia para o património cultural europeu para o século XXI - Strategy 21 (2015). <http://www.arp.org.pt/noticias/estrategia-para-o-patrimonio-cultural-europeu-para-o-seculo-xxi-strategy-21.html>. Acesso a 25 de agosto de 2019.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### Questionário Pré-teste e Pós-teste

P.PORTO

ESCOLA  
SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO

Escola \_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Sexo: Feminino

Masculino

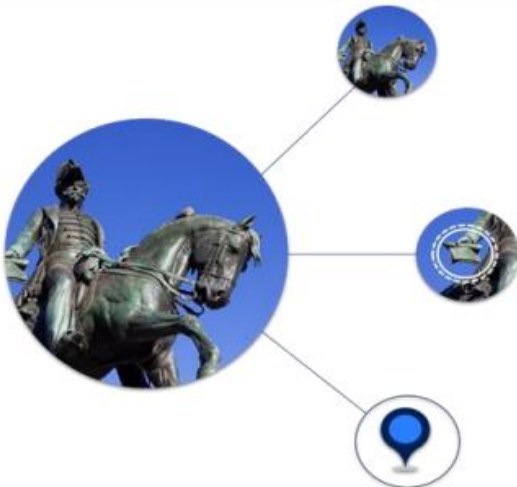
#### Questionário (Pós-Teste)

Na cidade do Porto podes encontrar vários monumentos, ligados à História local e nacional. Todos os dias passas por marcas do passado e talvez nem te apercebas e não conheças o seu significado. Neste questionário propomos-te desafiar os teus conhecimentos sobre o património histórico e cultural desta cidade. Se tiveres dúvidas, ou não souberes as respostas, não há qualquer problema. Nesse caso deves responder **"não sei"**.

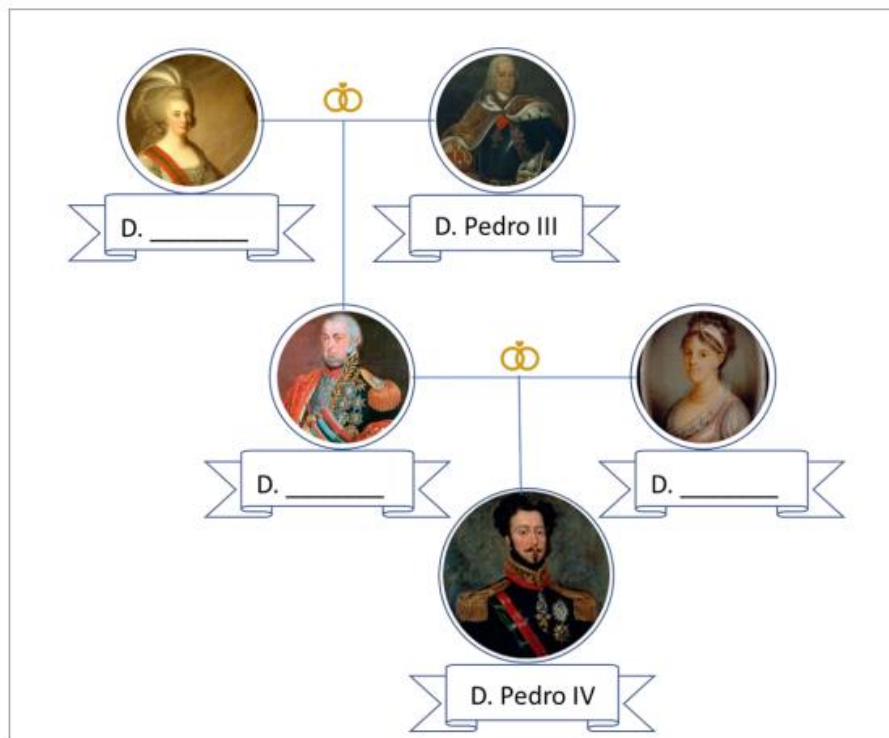
Obrigada pela tua colaboração!

#### Parte 1: Quem é este rei?

1. Observa a imagem e responde às perguntas.

	<p>1.1. Quem está representado nesta estátua equestre?</p> <input type="text"/>
	<p>1.2. O que tem na mão direita?</p> <input type="text"/>
	<p>1.3. Onde se localiza? (Circunda a letra que representa a tua resposta.)</p> <p>a) Praça D. João I</p> <p>b) Praça da Liberdade</p> <p>c) Praça Gonçalves Zarco</p> <p>d) Junto à Sé do Porto</p> <p>e) Não sei</p>

2. Completa com os nomes em falta a árvore genealógica de D. Pedro IV.



3. A imagem abaixo é uma aguarela de Ferdinand le Feubure, de 1850, e representa o quarto onde D. Pedro IV nasceu e morreu.



3.1. Em que palácio podes visitar este quarto?

3.1. Como é denominado?

4. Completa com o cognome.

D. Pedro IV, o \_\_\_\_\_

5. Observa os elementos que fazem parte do monumento a D. Pedro IV e identifica a suas posições no pedestal. (Coloca em cada retângulo a letra correspondente à tua resposta.)

A - Face lateral direita    B - Face lateral esquerda    C - Face frontal    D - Face posterior



A  
D. PEDRO IV  
A  
CIDADE DO PORTO  
1866

6. Completa a frase assinalando com X a resposta que consideras estar correta.

A estátua assente em base de bronze representa D. Pedro IV, a cavalo, vestido com a farda do...

... Batalhão de Voluntários da Rainha.

... Regimento de Caçadores nº 5.

... Corpo de Voluntários Académicos.

**Parte 2: Os antecedentes e o Cerco do Porto**

**O que aconteceu?**

7. Observa a imagem e responde às perguntas. (Circunda a letra que representa a tua resposta.)



7.1. Este monumento localiza-se na:

- a) Rotunda da Boavista
- b) Rotunda do Castelo do Queijo
- c) Praça do Marquês
- d) Não sei

7.2. Denomina-se:

- a) Monumento aos Heróis da 1.ª Grande Guerra
- b) Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular
- c) Monumento aos Heróis da Guerra Colonial
- d) Não sei






7.3. A Águia derrubada pelo Leão representa, simbolicamente, a vitória:

- a) dos sportinguistas sobre os benfiquistas
- b) dos ingleses sobre os franceses
- c) dos franceses sobre os ingleses
- d) Não sei




8. Em qual das invasões a cidade do Porto foi ocupada pelos franceses? (Assinala com X a tua resposta.)

- Primeira
- Segunda
- Terceira
- Não sei

9. Que general francês comandava as tropas de Napoleão que ocuparam o Porto?

			
<b>Junot</b>	<b>Soult</b>	<b>Massena</b>	<b>Não sei</b>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10. Qual destes edifícios serviu de residência oficial ao general francês durante a ocupação francesa da cidade?


<b>Edifício do atual Museu Nacional Soares dos Reis</b>
<input type="checkbox"/>

<b>Edifício da atual Reitoria da Universidade do Porto</b>
<input type="checkbox"/>

<b>Edifício do atual Centro Português de Fotografia</b>
<input type="checkbox"/>
<b>Não sei</b>
<input type="checkbox"/>

11. Observa a imagem da pintura a óleo de Nicolas Delerive, pertencente ao Museu Nacional dos Coches. Esta pintura intitulada "Embarque da Família Real para o Brasil" representa o momento da História de Portugal em que a Corte parte para o Brasil.



11.1. Em que ano a Família Real embarcou para o Brasil?

11.2. O que motivou esta decisão?

11.3. Quem ficou à frente do governo do Reino?

- A nobreza
- Junot (general francês)
- Beresford (general inglês)
- Não sei

**12. Lê o texto com atenção.**

Durante a ausência da família real na metrópole, o descontentamento generalizou-se. Entretanto, influenciados pelos ideais da Revolução Francesa (1789), um grupo de militares, magistrados e burgueses defendiam a instauração de um Regime Político Novo. No Porto, um grupo preparava, secretamente, uma revolução.

**12.1. Responde às perguntas assinalando a hipótese que consideras correta.**

<b>12.1.1. Os ideais da Revolução Francesa são:</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>a) Liberdade, Igualdade e Fraternidade</li><li>b) Liberdade, Igualdade e Autoridade</li><li>c) Autoridade, Igualdade e Fraternidade</li><li>d) Não sei</li></ul>
<b>12.1.2. O grupo secreto criado no Porto defendia:</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>a) o Absolutismo</li><li>b) o Liberalismo</li><li>c) ambos</li><li>d) Não sei</li></ul>
<b>12.1.3. Este grupo ficou conhecido como:</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>a) Coliseu</li><li>b) Rivoli</li><li>c) Sinédrio</li><li>d) Não sei</li></ul>
<b>12.1.4. No dia 24 de agosto de 1820, na cidade do Porto, triunfou a:</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>a) Revolução Absolutista</li><li>b) Revolução dos Cravos</li><li>c) Revolução Liberal</li><li>d) Não sei</li></ul>
<b>12.1.5. Esta revolução teve lugar:</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>a) no Campo de Santo Ovídio (atual Praça da República)</li><li>b) na Praça Nova das Hortas (atual Praça da Liberdade)</li><li>c) no Campo do Olival (atual Jardim da Cordoaria)</li><li>d) Não sei</li></ul>

13. Lê o texto com atenção.

Com o triunfo da Revolução liberal de 1820 foi possível desencadear o processo eleitoral para eleição, ainda que por sufrágio indireto, das Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes. Processo que terminou a 25 de dezembro de 1820. Estas Cortes tinham como função fundamental a elaboração do primeiro texto constitucional português. Não foi, no entanto, a sua única tarefa. Designaram um novo governo, denominado de Regência, que foi substituir a Junta Provisional do Governo do Reino, que dirigia o país desde a Revolução de 1820. Para além disto, legislaram sobre os mais diversos assuntos relacionados com a gestão do Reino, como por exemplo: a abolição da Inquisição, da Censura Prévia, da Lei de Morgadio e ainda estabeleceram a Liberdade de Imprensa.

Fonte: <http://ahpweb.parlamento.pt>, (consultado em 01/02/2019)

13.1. Completa a frase com o ano em falta:

A primeira Constituição portuguesa foi aprovada a 23 de setembro de .

14. Assinala com X a coluna que corresponde à tua resposta.

	Monarquia Absoluta	Monarquia Constitucional	Não sei
O rei reconhece a divisão dos poderes: o poder Executivo para o rei e os ministros; o poder Legislativo para as Cortes e o poder Judicial para os tribunais.			
O rei reúne em si todos os poderes: poder Executivo, poder Legislativo e poder Judicial.			

15. Lê as seguintes afirmações e assinala com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) e **NS** (Não sei).

D. João VI regressa a Portugal em 1821 e, a 1 de outubro de 1822, jura fidelidade à Constituição.

D. João VI deixa o seu filho D. Pedro como regente do Brasil.

A rainha, D. Carlota Joaquina, e o infante D. Miguel apoiam da Monarquia Constitucional.

16. A imagem abaixo apresentada é uma pintura, de François-René Moreau, pertencente à coleção do Museu Imperial, localizado na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Intitulado "A Proclamação da Independência", este quadro representa o momento que ficou conhecido na História como o "grito do Ipiranga".

16.1. Completa o balão de fala com o as palavras que D. Pedro terá proferido nesse momento.



17. Após a morte de D. João VI em 1826, sucedeu-lhe no trono D. Pedro IV, já então imperador do Brasil. (Circunda a letra que representa a tua resposta.)

17.1. Que documento outorgou D. Pedro em 1826?

- a) A Carta Constitucional
- b) A Constituição de 1822
- c) Não sei

17.2. D. Pedro IV abdicou do trono de Portugal a favor de:

- a) D. Carlota Joaquina, sua mãe
- b) D. Maria da Glória, sua filha
- c) D. Miguel, seu irmão
- d) Não sei

18. Completa com o cognome.

D. Miguel, o \_\_\_\_\_

19. Assinala circundando a letra com a hipótese que completa corretamente cada frase.

19.1. D. Miguel ficou com esse cognome porque:

- a) foi nomeado rei pelo seu irmão D. Pedro.
- b) reuniu as Cortes e proclamou-se rei absoluto.
- c) reuniu as Cortes e aceitou a Constituição.
- d) Não sei

19.2. Em 1828, D. Miguel instala o Regime Absolutista e:

- a) persegue os defensores do liberalismo.
- b) persegue os defensores do absolutismo.
- c) aceita o liberalismo.
- d) Não sei

20. Em 1831, D. Pedro abdica do trono do Brasil, a favor do seu filho D. Pedro II (imperador do Brasil) e regressa a Portugal para assumir o Comando do Exército Libertador. De que ilha partiu esse exército?

- a) Ilha Terceira
- b) Ilha da Madeira
- c) Ilha de Porto Santo
- d) Não sei

21. Observa a imagem e responde às perguntas:

	<p>21.1. Como se denomina este monumento comemorativo?</p> <input type="text"/>
	<p>21.2. Que acontecimento assinala?</p> <input type="text"/>
	<p>21.3. Onde se localiza? (Circunda a letra que representa a tua resposta.)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>a) Praia da Luz</li><li>b) Praia dos Ingleses</li><li>c) Praia da Memória</li><li>d) Não sei</li></ul>

22. Como ficou conhecido o Exército Libertador?

23. Em qual destes edifícios esteve, inicialmente, aquartelado durante o Cerco do Porto?



Edifício do atual Museu Nacional Soares dos Reis



Edifício da atual Reitoria da Universidade do Porto



Edifício do atual Centro Português de Fotografia

Não sei

24. Lê o texto com atenção.

Finalmente, o Porto ficou de todo e inteiramente livre; as suas linhas de defesa não precisaram mais de ocupar a vigilância e os braços dos leais, e constantes cidadãos defensores; e cada um, portanto, foi entregar-se a seus domésticos trabalhos, e a gozar com sua amável família da paz ganhada à custa de tantos e penosos sacrifícios.

Fonte: SILVA, Francisco Ribeiro da — “Introdução” in O Cerco do Porto em 1832 para 1833/ por um portuense, p. 170

24.1. Que exército acabou por sair vitorioso das lutas entre os liberais e os absolutistas? O exército de D. Pedro IV ou de D. Miguel?

**Parte 3: D. Pedro IV e a cidade do Porto**

**Como mostrou D. Pedro a sua gratidão às gentes do Porto?**

25. Lê o texto com atenção.

A 26 de maio de 1834 é assinado o Tratado de Évora Monte, no Alentejo, pondo fim à guerra civil. A 30 de agosto do mesmo ano, D. Pedro jura a Carta Constitucional em nome de D. Maria II. A 18 de setembro, as Cortes decretam a maioridade da rainha D. Maria II, com 15 anos de idade. No dia seguinte, a rainha preside pela primeira vez ao Conselho de Ministros. Poucos dias depois, a 24 de setembro de 1834, D. Pedro IV morre no Palácio de Queluz, no mesmo quarto, onde havia nascido 35 anos antes.

(Circunda a letra que representa a tua resposta.)

25.1. O que deixou D. Pedro IV em testamento à cidade do Porto?

- a) O coração.
- b) A coroa.
- c) A espada.
- d) Não sei

25.2. Que igreja guarda a oferta deixada em testamento por D. Pedro IV à cidade?

- a) Igreja da Trindade
- b) Igreja do Carmo
- c) Igreja da Lapa
- d) Não sei

25.2.1. Identifica, nas imagens abaixo, essa igreja.



Não sei



APÊNDICE B  
Folha de registo – Desafio 1

DESAFIO 1





O DESAFIO

Na cidade do Porto podes encontrar vários monumentos, ligados à História local e nacional. Todos os dias passas por marcas do passado e talvez nem te apercebas e não conheças o seu significado. Neste desafio propomos-te conhecer melhor um desses monumentos.


Observa a imagem e desafia os teus conhecimentos respondendo às questões.

**Nota:** Se tiveres dúvidas, ou não souberes as respostas, não desanimes. Este desafio vai ajudar-te a descobrir e a conhecer um pouco mais da História da cidade.





Quem está representado nesta estátua equestre?




O que tem na mão direita?



Onde se localiza este monumento?



Responde às questões

Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019

116

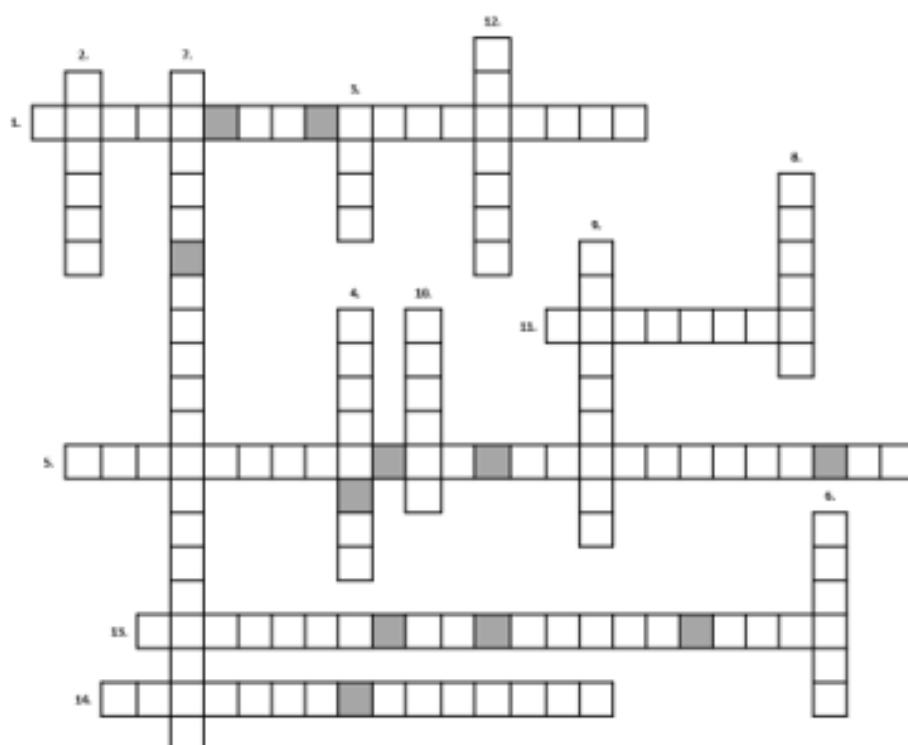


## DESAFIO de GRUPO

Consultem o site da Direção-Geral do Património Cultural  
(<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73484>)  
Em Outras Designações/pesquisas cliquem em (Ver Ficha em [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)) e consultem as informações.



Preençam o crucigrama e completem as informações



**Horizontais:**

1. Praça onde se localiza este monumento.
5. Nesta estátua, o Rei Soldado enverga a farda do..
11. Objeto entregue ao comandante de voluntários da Rainha.
13. Nome do cantoneiro responsável pelo pedestal.
14. Nome do escultor.

**Verticais:**

2. Material da estátua equestre.
3. Nome da pedra que serve de base à estátua (pedestal).
4. Nome do rei homenageado neste monumento escultórico.
6. Animal de quatro patas representado nas estátuas equestres.
7. Documento presente na mão direita.
8. Objeto segurado com a mão esquerda.
9. Na face frontal do pedestal, localiza-se a pedra de armas dos..
10. Na face posterior do pedestal, localiza-se a pedra de armas da..
12. Órgão do corpo humano entregue à Câmara Municipal do Porto.

Inscrição gravada na face frontal do pedestal:

\_\_\_\_\_

Propriedade:

\_\_\_\_\_

Época de construção:

\_\_\_\_\_

Local e preço da fundição da Estátua Equestre:

\_\_\_\_\_

Data de inauguração da estátua: \_\_\_\_\_



### Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Sim

Mais ou menos

Não

Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



## APÊNDICE C

### Folha de registo – Desafio 2

#### DESAFIO 2



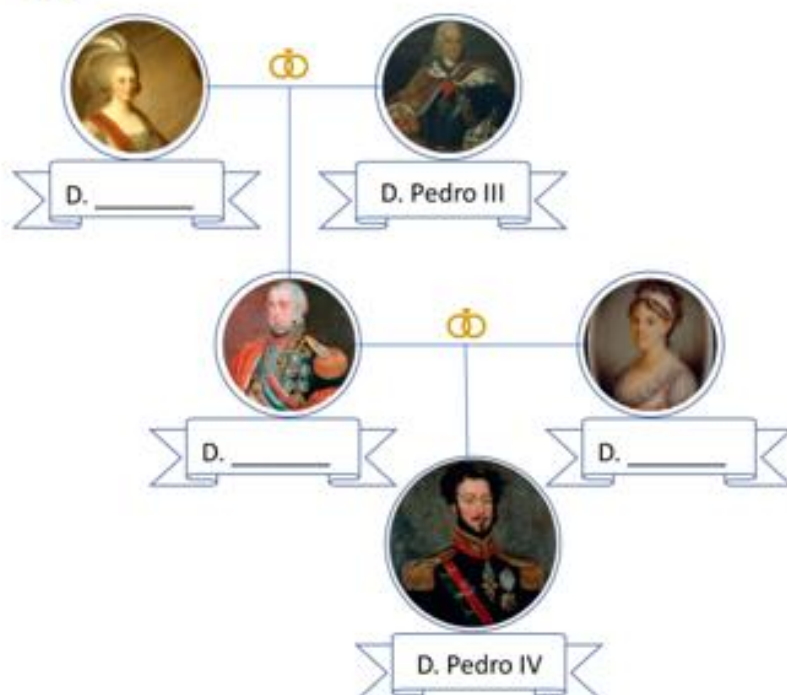
#### O DESAFIO

Durante o desafio 1 ficaste a conhecer melhor o monumento a D. Pedro IV que podes visitar na Praça da Liberdade, ao fundo, da Avenida dos Aliados. Mas será que sabes quem foi este rei e conheces a razão pela qual a cidade lhe prestou homenagem?

Neste desafio vais ficar a conhecer a árvore genealógica do rei que ficou conhecido na História como o "Rei Libertador" e "Rei Soldado". Para começar desafia os teus conhecimentos: De quem é filho D. Pedro IV? Que rainha de Portugal foi sua avó?



Completa as etiquetas com os nomes em falta

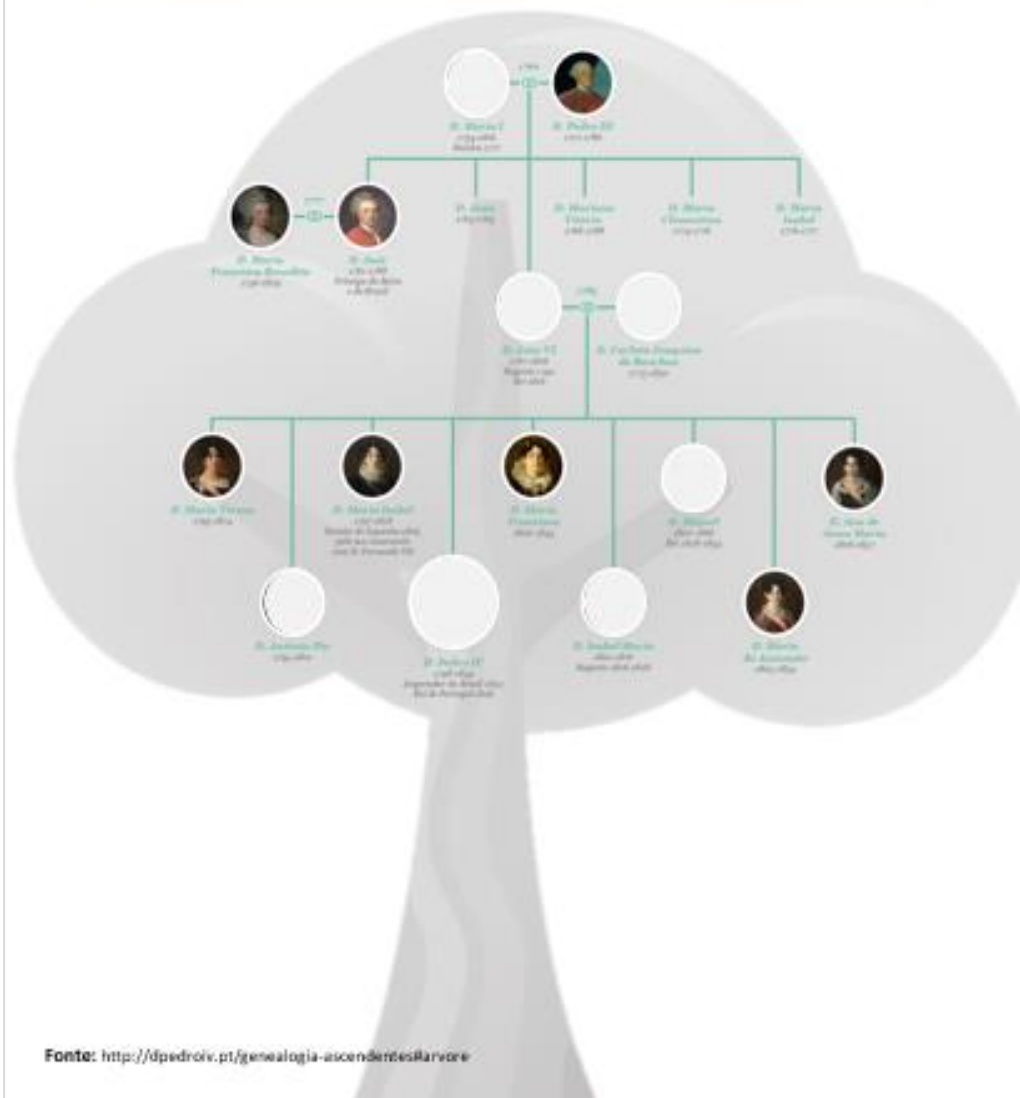


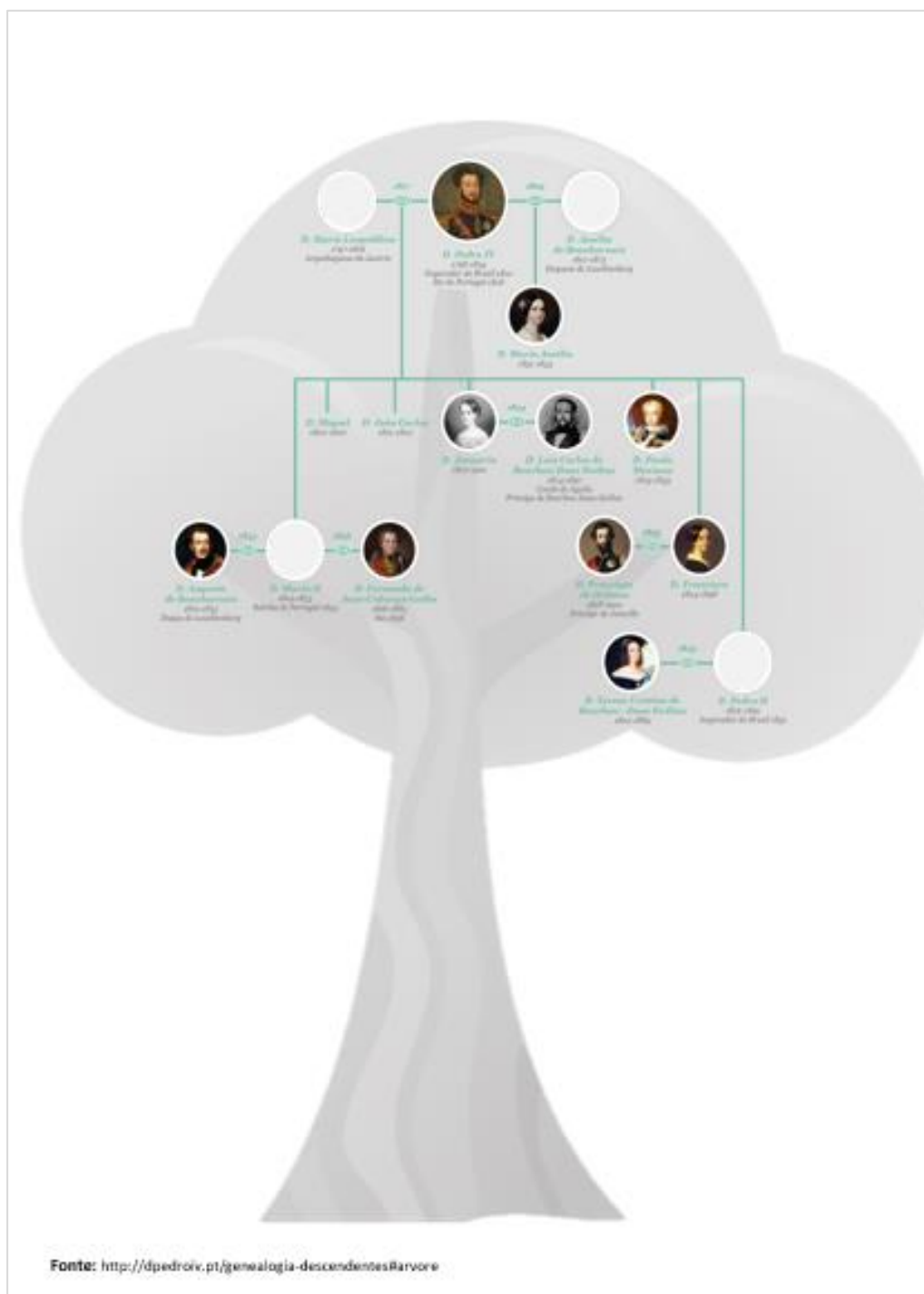
Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019



## DESAFIO

Algumas imagens saíram dos seus lugares e ficaram baralhadas. Depois de observares as árvores genealógicas (ascendente e descendente) de D. Pedro IV, consegues voltar a colocar essas imagens nos seus devidos lugares?







## DESAFIO de GRUPO

**Jogo:** Descobre Quem é Quem

**Objetivo:** Descobrir a pessoa misteriosa do adversário

2 jogadores

**Regras**

1. Coloca no tabuleiro de jogo as 9 imagens viradas para cima, pela mesma ordem do adversário, para que possas ver todas as opções.
2. Baralha as cartas "pessoa mistério" e tira uma. Guarda-a virada para baixo de modo a escondê-la do adversário.
3. Observa as imagens e pensa em perguntas que podem ser respondidas com "sim" ou "não".
4. Façam perguntas alternadamente.
5. Vira as imagens que não correspondam às características da pessoa mistério.
6. **Quando achares que sabes quem é a pessoa mistério, tenta adivinhá-la.** Se o teu palpite estiver certo ou se o teu adversário errar (quando tenta descobrir a tua carta mistério) ganhas o jogo.
7. Quando alguém tenta adivinha a pessoa misteriosa e erra, o outro jogador deve dizer a resposta certa.



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Sim Mais ou menos Não

Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



## APÊNDICE D

### Folha de registo – Desafio 3

#### DESAFIO 3



#### O DESAFIO

Agora que já conheces a família de D. Pedro IV, desafiamos-te a conhecer um pouco mais da sua vida. Mas antes disso, vamos testar os teus conhecimentos.

Sabias que D. Pedro IV nasceu e morreu no mesmo quarto? Sabes como é denominado esse quarto e em que palácio o podes visitar?

A imagem abaixo é uma aguarela de Ferdinand Le Feuvre, de 1850, que representa o quarto onde D. Pedro IV nasceu e morreu.



#### Responde às questões



Figura 3 – Quarto onde nasceu e morreu D. Pedro IV, aguarela de Ferdinand Le Feuvre, 1850

Em que palácio podes visitar este quarto?

\_\_\_\_\_

Como é denominado?

\_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019



### Toma nota:

D. Pedro IV nasceu no dia 12 de outubro de 1798, no **Palácio Nacional de Queluz**, no **quarto D. Quixote**, onde viria a morrer, vítima de tuberculose, a 27 de setembro de 1834.



Figure 2 - Palácio Nacional de Queluz, Sintra



Figure 3 - Quarto D. Quixote, Palácio Nacional de Queluz



### Localização Geográfica



Se quiseres saber mais sobre o Palácio Nacional de Queluz, visita os seguintes sites:

- [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6108](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6108)
- <https://www.parquesdesintra.pt/parques-jardins-e-monumentos/palacio-nacional-e-jardins-de-queluz/>



## O DESAFIO

Consulta as árvores genealógicas do desafio anterior e ordena, cronologicamente, os acontecimentos.



## Regista na tabela

<ul style="list-style-type: none"><li>• Casamento com D. Leopoldina</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Nascimento de D. Pedro IV</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Morte de D. Pedro IV</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• D. Pedro IV, Rei de Portugal</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• D. Pedro é aclamado Imperador Constitucional do Brasil</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Nascimento de D. Maria da Glória</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Abdica do trono do Brasil em benefício de seu filho, D. Pedro II (do Brasil)</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Casamento com D. Amélia de Beauharnais</li></ul>

1798	
1817	
1819	
1822	
1826	
1829	
1831	
1834	



## DESAFIO de GRUPO

### Construção de um friso cronológico

#### Material

- Friso temporal (para recortar e colar);
- Círculos com os anos a destacar (para colar no friso temporal);
- Folha com informação de acontecimentos (organizada em retângulos);
- Tesoura;
- Cola;
- Marcadores.

#### Instruções

1. Preparem a linha de tempo e coloquem nos lugares corretos os anos destacados.
2. Recortem os retângulos com a informação dos acontecimentos e coloquem-nos em cima da mesa de modo a facilitar a leitura.
3. Consultem o site <http://dpedroiv.pt/cronologia/>.
4. Pesquisem, no friso cronológico, os anos destacados e ordenem os retângulos com as informações dos acontecimentos.
5. Depois de ordenarem todos os acontecimentos, coleem (no friso temporal) os acontecimentos corretamente ordenados.
6. Para finalizar, ilustrem a gosto.



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



APÊNDICE E  
Folha de registo – Desafio 4

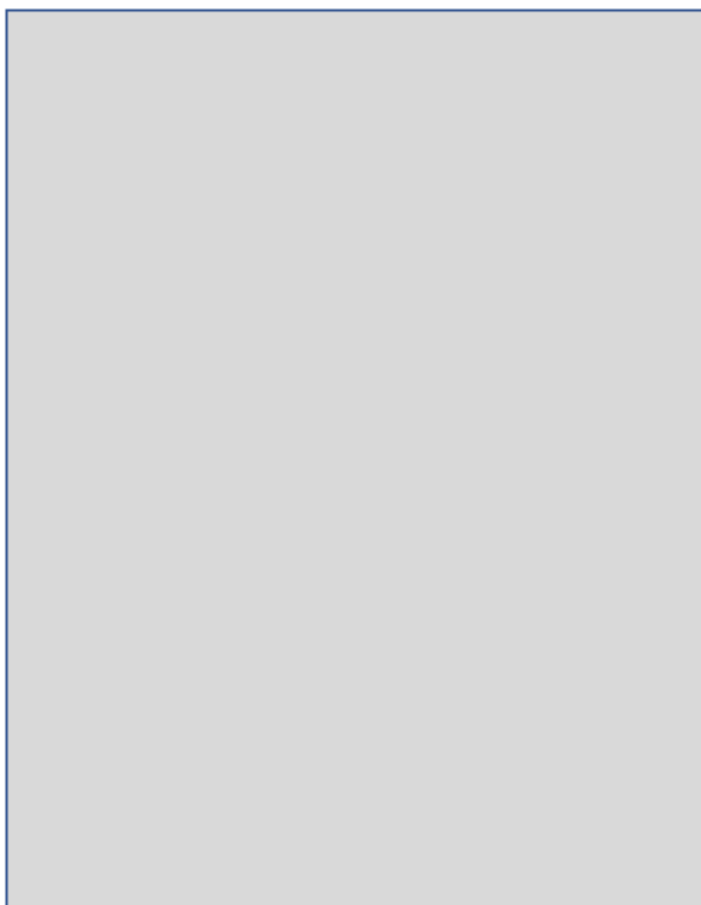
DESAFIO 4



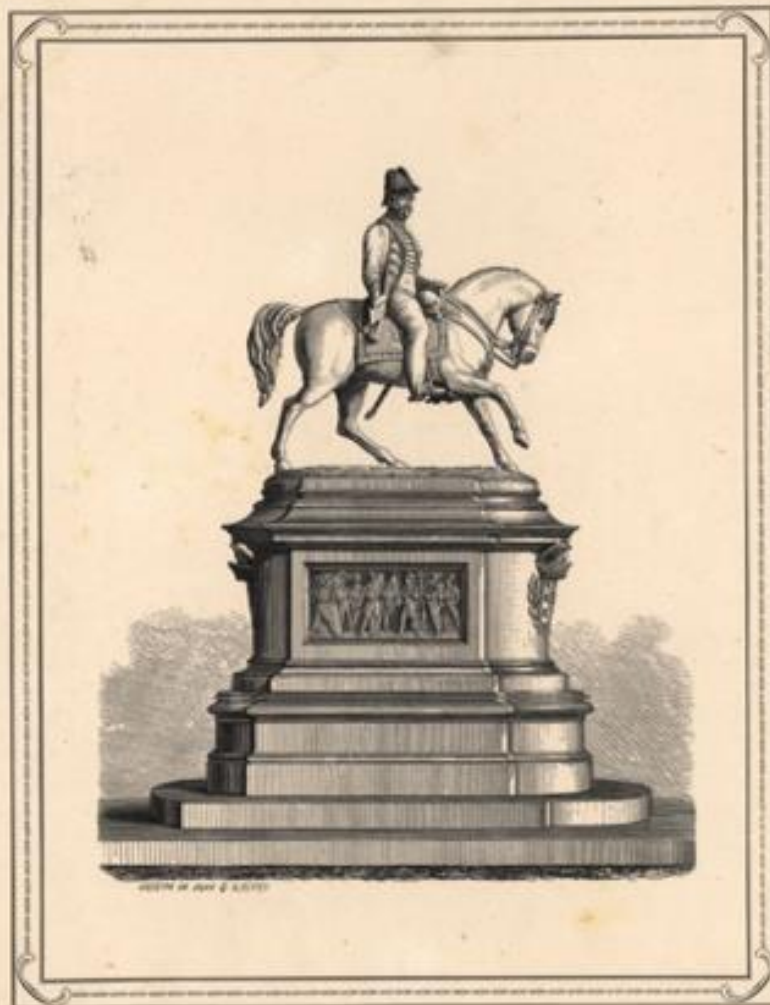
DESAFIO



Monta o puzzle e descobre a imagem. Depois cola-o nesta folha.



Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019



ESTATUA EQUESTRE  
do  
**IMPERADOR D. PEDRO IV**

Monumento inaugurado na cidade de Paris, no anno de 1856, e erguido por iniciativa do comar municipal da mesma cidade, esculpido por uma commissão de scultores portuguezes

*(Desenho de Antonio Teixeira)*

*Reprodução de Carlos Costa*

*Desenho de Antonio Teixeira*



**Toma nota:**

**ESTATUA EQUESTRE DO IMPERADOR D. PEDRO IV [VISUAL GRÁFICO]: MONUMENTO INAUGURADO NA INVICTA CIDADE DO PORTO, NO ANNO DE 1866... / NOGUEIRA DA SILVA & ALBERTO**

**AUTOR(ES):** Silva, Francisco Augusto Nogueira da, 1830-1888; Alberto, Caetano, 1843-1924, co-autor; Castro, Irmão & C.a, ed. com.; Tipografia de Castro & Irmão

**PUBLICAÇÃO:** Lisboa: Castro Irmão, ca 1867] (Lisboa; Rua da Boa-Vista: Typographia de Castro Irmão)

**DESCR. FÍSICA:** 1 gravura: madeira, p&b; 23,4x18 cm (linha ext. da esquadria da imagem, sem letra)

**Fonte:** Biblioteca Nacional de Portugal [<http://purl.pt/4201>]



## DESAFIO de GRUPO

Escolhe um par, para o próximo desafio.

Utilizando as técnicas de desenho abordadas nas aulas de expressão plástica, serão capazes de reproduzir esta gravura?

Desafia o artista que há em ti!

Bom trabalho!



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



## APÊNDICE F

### Folha de registo – Desafio 5

I



DESAFIO 5

# Visita ao Património

Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019

Agora que já sabes quem é este rei e a localização do monumento em sua honra, chegou a hora de visitares a estátua equestre de D. Pedro IV e poderes explorá-la livremente. Mas também temos mais desafios para ti!



## DESAFIO

Depois de explorares livremente o monumento, observa, com atenção, os elementos que o constituem, identifica a suas posições no pedestal e descobre que farda enverga o "Rei Soldado".

(Coloca em cada retângulo a letra correspondente à tua resposta.)

**A** - Face lateral direita    **B** - Face lateral esquerda    **C** - Face frontal    **D** - Face posterior



A  
D. PEDRO IV  
A  
CIDADE DO PORTO  
1846

(Assinala com X tua resposta.)

A estátua assente em base de bronze representa D. Pedro IV, a cavalo, vestido com a farda do...

- ... Batalhão de Voluntários da Rainha.
- ... Regimento de Caçadores nº 5.
- ... Corpo de Voluntários Académicos.



### DESAFIO de GRUPO

Observem com atenção as imagens em baixo-relevo localizadas nas faces laterais. Reparem nas placas que se encontram por baixo de cada uma. Estas placas foram colocadas em 1914 "Em Memória dos Mártires da Liberdade". Registem os seus nomes.



**Face direita:** Entrega da pequena uma, contendo o coração do monarca, à Câmara Municipal do Porto.

---

---

---

---

---

---

---

---



**Face esquerda:** D. Pedro, após o desembarque do Mindelo, a dar a bandeira bordada pelas senhoras do Fial ao comandante do batalhão de voluntários da rainha.

---

---

---

---

---

---

---

---



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



## APÊNDICE G

### Folha de registo – Desafio 6

#### DESAFIO 6A



#### DESAFIO de GRUPO

Imaginem que são jornalistas que estão presentes no momento representado neste alto-relevo. Leiam o texto, em anexo, que vos ajudará a perceber o acontecimento retratado e escrevam a notícia.



Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019

## DESAFIO 6B



### DESAFIO de GRUPO

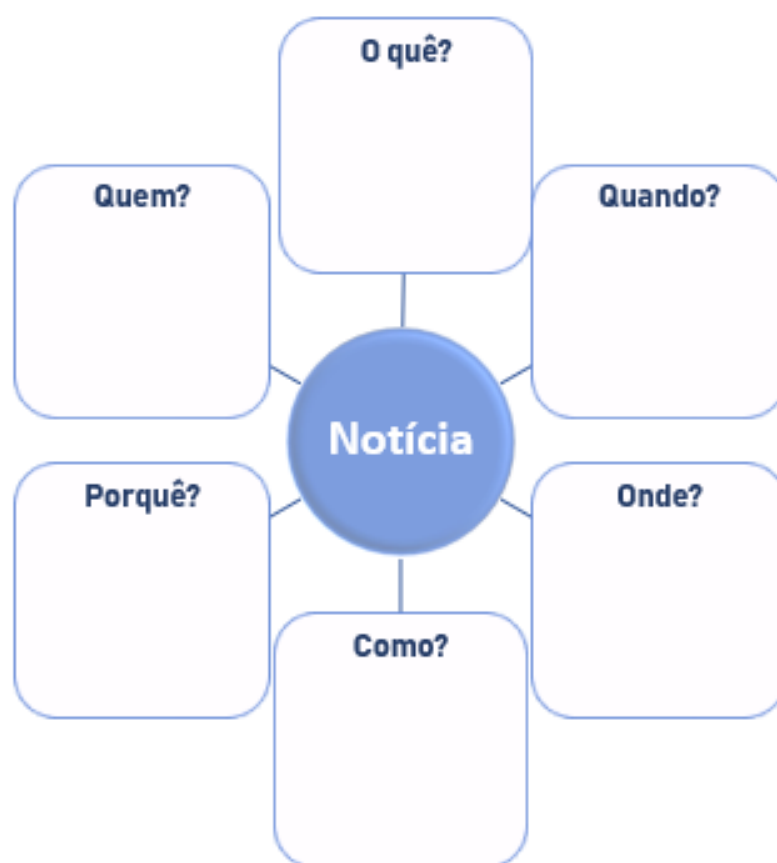
Imaginem que são jornalistas que estão presentes no momento representado neste alto-relevo. Leiam o texto, em anexo, que vos ajudará a perceber o acontecimento retratado e escrevam a notícia.

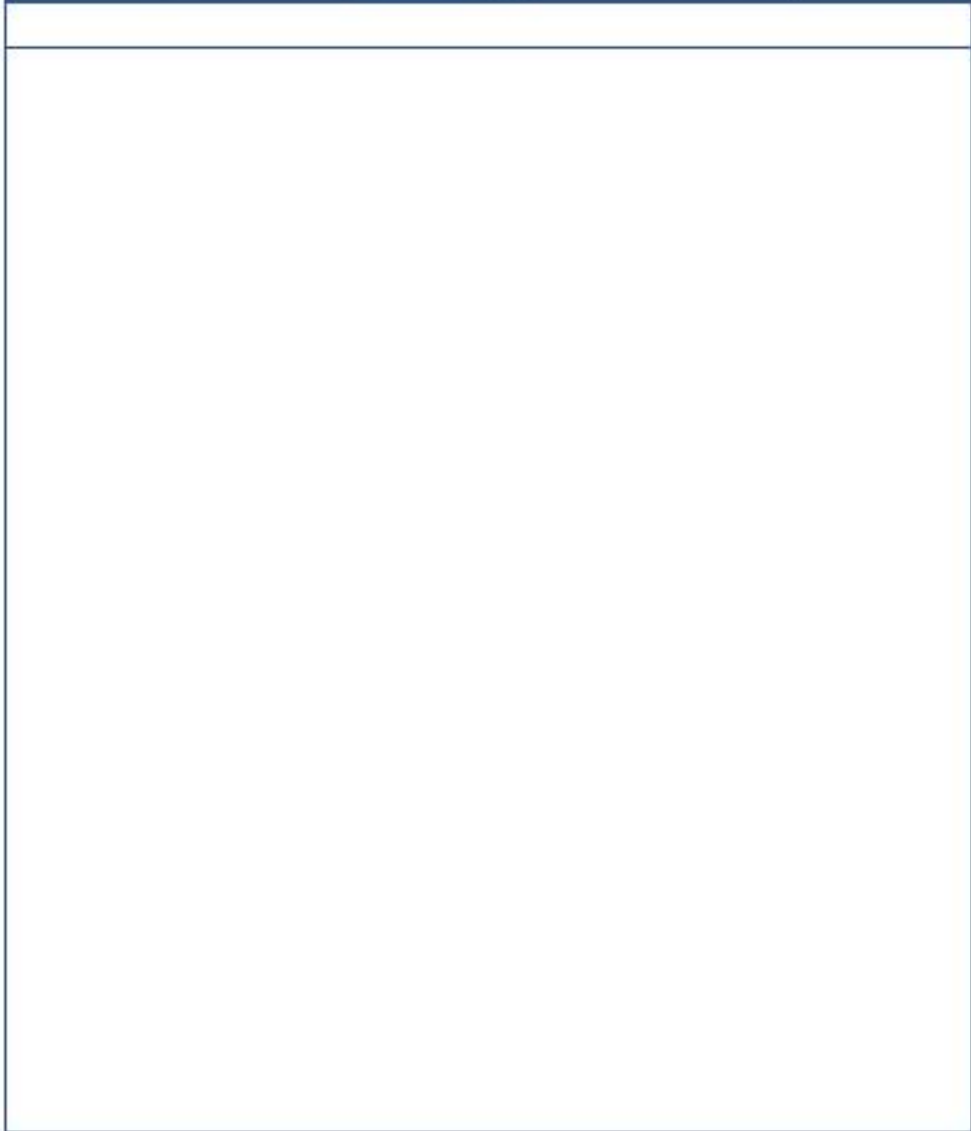


Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019

# Notícia

## Planificação







### Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Sim

Mais ou menos

Não

Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?





9 DE JULHO DE 1832

## D. PEDRO IV À FRENTE DO EXÉRCITO LIBERTADOR CHEGA À CIDADE DO PORTO

*Ontem, 8 de julho, após o desembarque do Exército Libertador, D. Pedro Duque de Bragança, entregou a bandeira bordada pelas senhoras do Faial, ao Batalhão de Voluntários da Rainha.*

*Hoje, S. M. I. entrou na cidade do Porto pelo meio dia, entre fervorosas demonstrações de júbilo e foi aprear-se aos Paços do Concelho, na Praça-Nova, donde os habitantes, esta manhã, fizeram desaparecer os horrosos patibulos que, por 4 anos sucessivos estiveram a sacrificar os defensores da Monarquia Constitucional. Os presos políticos foram igualmente soltos pelos habitantes.*

*Depois, D. Pedro deslocou-se para o Palácio dos Carrancas, onde vai ficar aquartelado.*



8 DE FEVEREIRO DE 1835

## ENTREGA DO CORAÇÃO DE D. PEDRO À CIDADE DO PORTO

*Ontem, 7 de fevereiro, o Coronel Baltazar de Almeida Pimentel procedeu à entrega oficial do Coração de D. Pedro IV, Duque de Bragança, à Câmara Municipal do Porto. Na véspera da sua morte, a 23 de setembro de 1834, o monarca declarou deixar o seu coração à heroica cidade do Porto, «theatro da minha verdadeira glória...» como referiu.*

*Cumpridos os rituais fúnebres e passado o tempo conveniente, D. Maria II tratou de dar execução ao desejo do pai. Assim, na passada quarta-feira, dia 4, saiu do Tejo, no navio de guerra Jorge IV, a urna com o coração. Este navio chegou ontem à Ribeira do Porto onde o aguardavam as autoridades Administrativas, Militares e Religiosas da cidade.*

*Entre as dez mil a doze mil pessoas presentes no local encontrava-se a Irmandade da Lapa preparada para receber o coração do Rei Soldado. A chave da urna ficou em poder da Câmara do Porto.*

APÊNDICE H  
Folha de registo – Desafio 7



DESAFIO 7

## Visita ao Património

Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019



Toma nota:

## MONUMENTO AOS HERÓIS DA GUERRA PENINSULAR

A propósito da comemoração do centenário do final da guerra peninsular é constituída, **em 1909**, uma comissão que lança um concurso para a construção de um momento comemorativo. José Marques da Silva ganha, com Alves de Sousa, o concurso e a edificação segue muito lentamente e com atropelos. A conclusão do monumento ficou a cargo da sua filha, Maria José Marques da Silva Martins e marido, David Moreira da Silva, depois do falecimento do arquiteto Marques da Silva.

### Dados sobre a obra

**Autores:** José Marques da Silva e Alves de Sousa; continuidade: Maria José Marques da Silva, David Moreira da Silva, Henrique Moreira e Sousa Caldas

**Estado da obra:** construída

**Localização:** Porto

**Requerente:** Comissão do Centenário da Guerra Peninsular

**Tipo de construção:** monumento

**Data do projeto:** 1909

**Data de início da obra:** 1915

**Data de conclusão da obra:** 1952

Fonte: <http://arquivoatom.up.pt/index.php/monumento-aos-herois-da-guerra-peninsular>



## DESAFIO

Durante a visita ao monumento descobre as repostas das questões que se seguem.



Este monumento localiza-se na:

- a) Rotunda da Boavista
- b) Rotunda do Castelo do Queijo
- c) Praça do Marquês

Denomina-se:

- a) Monumento aos Heróis da 1.ª Grande Guerra
- b) Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular
- c) Monumento aos Heróis da Guerra Colonial



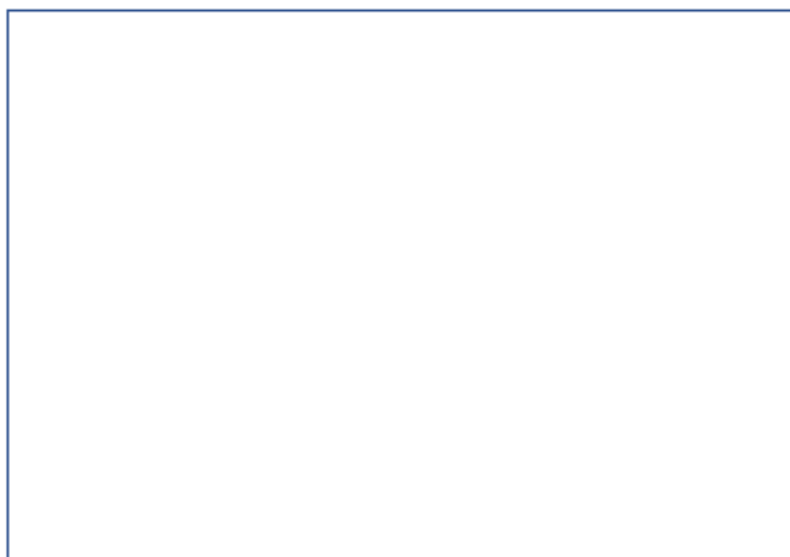
A Águia derrubada pelo Leão representa, simbolicamente, a vitória:

- a) dos sportinguistas sobre os benfiquistas.
- b) dos ingleses sobre os franceses.
- c) dos franceses sobre os ingleses.



## DESENHA

Observa o monumento e desenha livremente.



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Sim

Mais ou menos

Não

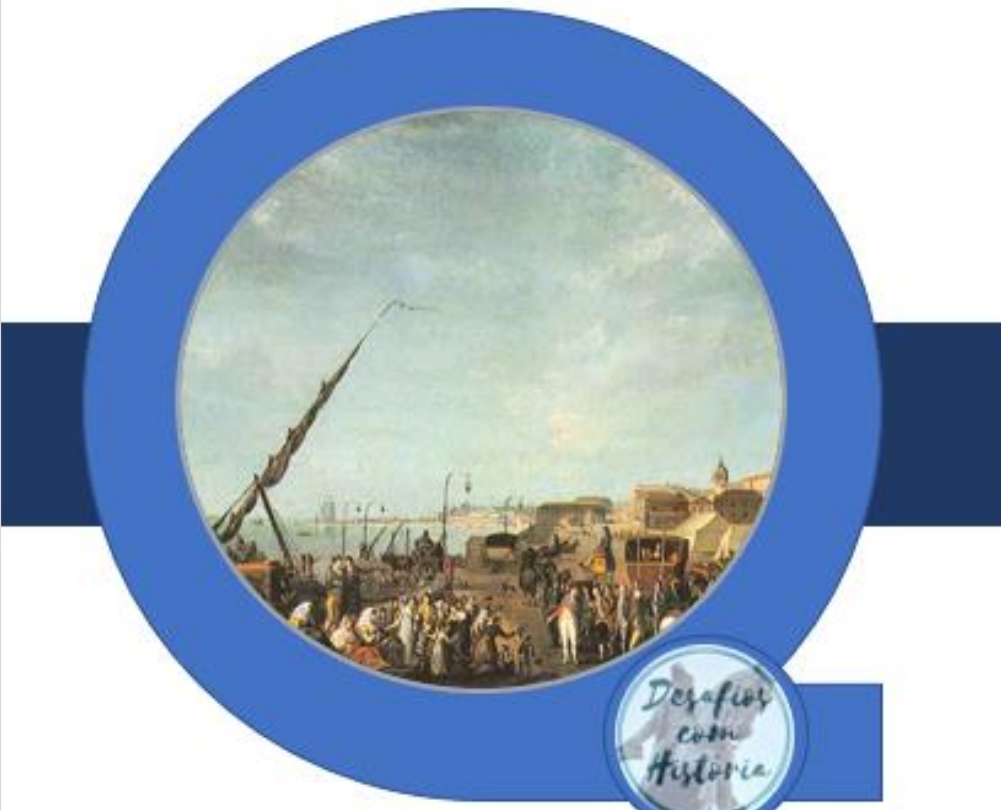
Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



## APÊNDICE I

### Folha de registo – Desafio 8



Desafios  
com  
História

**DESAFIO 8**

# Guião de Documentário

Conta-me História: A transferência da Corte para o Brasil

**Ficha Técnica**

<b>Título Original</b> Conta-me História	<b>Realização:</b> Márcio Loureiro
<b>Intérpretes</b> Luís Filipe Borges Prof. Fernando Casqueira	<b>Produção:</b> EYEWORKS
	<b>Autoria:</b> Nuno Dionísio
	<b>Ano:</b> 2012
	<b>Duração:</b> 50 minutos

Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019



## DESAFIO

Vais assistir a um documentário sobre a transferência da Corte para o Brasil. Este documentário explica os motivos desta decisão e relata os acontecimentos históricos do início do século XIX que foram decisivos para a História do nosso país. Neste desafio propomos-te encontrar as respostas para as questões que se seguem. Bom trabalho!

1. Em que ano a Família Real embarcou para o Brasil? (Assinala com X a resposta correta.)

- 1806  
 1807  
 1808

1.1. Nessa altura, D. João era...

(Assinala com X a opção que completa corretamente a afirmação.)

- ... Rei de Portugal.  
 ... Príncipe Regente.

1.2. Em que data foi a partida? \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

2. O que motivou essa decisão? (Risca os nomes que não estão corretos.)

As tropas de Junot/Soult/Massena estavam às portas da cidade de Lisboa.

3. Para explicar as razões da sua saída D. João...

(Assinala com X a opção que completa corretamente a afirmação.)

- ... mandou afixar um decreto pelas ruas da cidade.  
 ... fez uma comunicação ao povo no cais de embarque.

4. Quantas pessoas embarcaram para o Brasil? R: Cerca de \_\_\_\_\_ pessoas.

\_\_\_\_\_

5. Em que data se deu a Revolução Francesa? \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

6. Os ideais da Revolução Francesa são:

- a) Liberdade, Igualdade e Fraternidade
- b) Liberdade, Igualdade e Autoridade
- c) Autoridade, Igualdade e Fraternidade

7. Que exigências fez Napoleão a Portugal?

- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

8. Complete a frase:

O Tratado de Fontainebleau foi assinado entre a \_\_\_\_\_ e a \_\_\_\_\_.

9. Quem ficou à frente do governo do reino? R: \_\_\_\_\_

10. Por que razão D. Carlota Joaquina e as mulheres que iam embarcadas usavam uma espécie de turbante na cabeça? R: \_\_\_\_\_

11. Quando a corte chegou ao Brasil e as pessoas viram a D. Carlota Joaquina e as mulheres de turbante, o que pensaram? R: \_\_\_\_\_

12. Quantos dias durou a viagem? \_\_\_\_\_ dias

13. O que significavam as letras FR colocadas nas portas da cidade do Rio de Janeiro, assinalando as residências confiscadas à população?

FR: \_\_\_\_\_

14. Quantas vezes foi Portugal invadido pelas tropas de Napoleão? R: \_\_\_\_\_ vezes

15. A primeira invasão foi com o general Junot, que ficou a governar o país, mas não durou muito tempo, poi o general inglês Arthur Wellesley, duque de Wellington, desembarca no Porto para comandar as tropas luso-britânicas.

15.1. Em que data Arthur Wellesley chega a Portugal? \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

16. Quando se dá a segunda invasão? R: \_\_\_\_\_

16.1. Em qual das invasões a cidade do Porto foi ocupada pelos franceses?  
(Assinala com X a resposta correta.)

Primeira

Segunda

Terceira

16.2. Que general francês comandava as tropas de Napoleão que ocuparam o Porto? (Assinala com X a resposta correta.)



17. O que eram as Linhas de Torres? (Assinala com X a resposta correta.)

Muralhas, como a Muralha da China.

Um misto de obras defensivas e deformações naturais do terreno.

18. As Linhas de Torres localizavam-se a Norte do rio Tejo e eram constituídas por:

- \_\_\_\_\_ linhas defensivas;
- \_\_\_\_\_ fortificações;
- \_\_\_\_\_ bocas de fogo.

19. Com a chegada da Corte ao Brasil, o Rio de Janeiro passa de posto colonial a centro de decisão do império. Verdadeiro ou falso? R: \_\_\_\_\_

20. Completa as frases.

Após a derrota definitiva de Napoleão em 1814, os embaixadores das grandes potências europeias redefiniram o mapa político da Europa no Congresso de \_\_\_\_\_

Depois desse congresso foi criado \_\_\_\_\_

21. D. Maria morre a \_\_\_\_\_

22. Quando é que D. João é aclamado rei? R: \_\_\_\_\_

23. Completa as frases.

A pressão para o rei voltar começa a ser cada vez maior. No Porto dá-se a Revolução Liberal em \_\_\_\_\_

Nas Cortes a 30 de janeiro de 1821 é exigido \_\_\_\_\_

24. A primeira Constituição Portuguesa foi aprovada a 23 de setembro de \_\_\_\_\_



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Sim

Mais ou menos

Não

Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



## APÊNDICE J

### Folha de registo – Desafio 9

#### DESAFIO 9



#### O DESAFIO

Segue com atenção os vídeos da Escola Virtual (Revolução Liberal de 1820 e Geografia de uma Revolução) e assinala as opções corretas.



#### Responde às questões

1.1. Os ideais da Revolução Francesa são:

- a) Liberdade, Igualdade e Fraternidade
- b) Liberdade, Igualdade e Autoridade
- c) Autoridade, Igualdade e Fraternidade

1.2. O grupo secreto criado no Porto defendia:

- a) o Absolutismo
- b) o Liberalismo
- c) ambos

1.3. Este grupo ficou conhecido como:

- a) Coliseu
- b) Rívoli
- c) Sinédrio

1.4. No dia 24 de agosto de 1820, na cidade do Porto, triunfou a:

- a) Revolução Absolutista
- b) Revolução dos Cravos
- c) Revolução Liberal

1.5. Esta revolução teve lugar:

- a) no Campo de Santo Ovídeo (atual Praça da República)
- b) na Praça Nova das Hortas (atual Praça da Liberdade)
- c) no Campo do Olival (atual Jardim da Cordoaria)

Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019



## DESAFIO de GRUPO

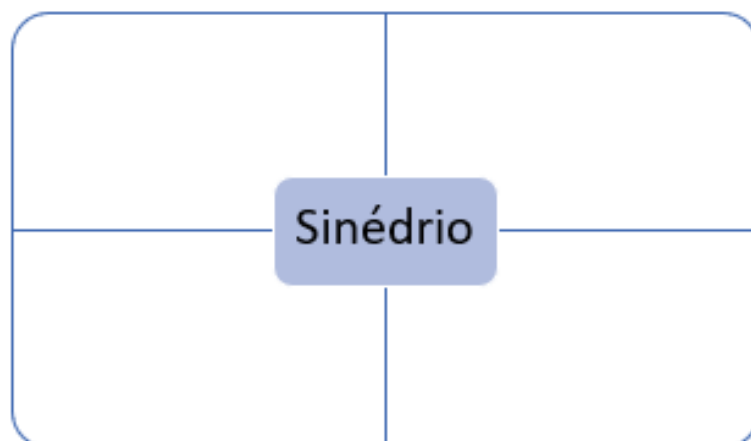
No capítulo III do livro "Revelações e Memórias para a História da Revolução de 24 de agosto de 1820, e de 15 de setembro do mesmo ano" o seu autor, José Maria Xavier D'Araújo, um dos sócios do Sinédrio, revela-nos a Instituição do Sinédrio, Fernandes Thomaz, e os primeiros Fundadores.

Em grupo, analisem esse documento e identifiquem a finalidade do Sinédrio.

### Vocabulário:

- **Jurisconsulto:** pessoa que tem a tarefa de interpretar a lei, o Direito para a sua exata aplicação;
- **persista:** continue;
- **anarquia:** oposição ao conceito de autoridade;
- **compacto:** forte;
- **prol:** a favor;
- **privado:** amigo;
- **convieram:** concordaram;
- **conviria:** interessaria;
- **movimento anárquico:** movimento desordenado, sem leis.

### 2. Finalidade do Sinédrio:





Toma nota:

## Revolução 1820

Causas:

Objetivos:

Consequências:

3. A imagem abaixo apresentada é uma pintura, de François-René Moreau, pertencente à coleção do Museu Imperial, localizado na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Intitulado "A Proclamação da Independência", este quadro representa o momento que ficou conhecido na História como o "grito do Ipiranga".

- 3.1. Completa o balão de fala com o as palavras que D. Pedro terá proferido nesse momento.





## DESAFIO de GRUPO

### Jogo da Memória

(3 jogadores)

1. Recortem as cartas de memória com os principais sócios do Sinédrio.
2. Baralhem as cartas e disponham-nas viradas para baixo, organizadas em seis filas de quatro cartas e uma de duas.

**Objetivo do jogo:** Encontrar o maior número de pares de cartas possível.

#### Regras:

1. Comecem por decidir a ordem de cada jogador.
2. O primeiro jogador vira duas cartas de modo a encontrar duas cartas iguais.
3. Se conseguir formar um par, continua a jogar; se não conseguir formar par passa a vez ao jogador seguinte.
4. O jogo prossegue até que todos os pares sejam encontrados.
5. Ganha o jogador que conseguir encontrar mais pares.



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



# APÊNDICE K

## Folha de registo – Desafio 10

DESAFIO 10

Desafios  
com  
História



O DESAFIO



Completa os espaços em branco com a opção que te parece correta: O Rei; Os Tribunais; juízes; As Cortes; deputados eleitos; O Governo; Rei e Ministros.

MONARQUIA  
ABSOLUTA

VERSUS

MONARQUIA  
CONSTITUCIONAL



 O Rei tinha todos os poderes.	 Os poderes são divididos em: Legislativo, Executivo e Judicial.
<p style="color: red; font-style: italic;">Quem faz as leis? <small>(PODER LEGISLATIVO)</small></p> <input style="width: 100%; height: 20px;" type="text"/>	<p style="color: blue; font-style: italic;">Quem faz as leis? <small>(PODER LEGISLATIVO)</small></p> <input style="width: 100%; height: 20px;" type="text"/>
<p style="color: red; font-style: italic;">Quem faz cumprir as leis? <small>(PODER EXECUTIVO)</small></p> <input style="width: 100%; height: 20px;" type="text"/>	<p style="color: blue; font-style: italic;">Quem faz cumprir as leis? <small>(PODER EXECUTIVO)</small></p> <input style="width: 100%; height: 20px;" type="text"/>
<p style="color: red; font-style: italic;">Quem julga? <small>(PODER JUDICIAL)</small></p> <input style="width: 100%; height: 20px;" type="text"/>	<p style="color: blue; font-style: italic;">Quem julga? <small>(PODER JUDICIAL)</small></p> <input style="width: 100%; height: 20px;" type="text"/>

Nome: \_\_\_\_\_4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019

156



#### Toma nota:

A história do parlamentarismo constitucional português começa com a Constituição de 1822, aprovada na sequência da Revolução Liberal de 1820. (...)

Preconizava-se o princípio da divisão tripartida dos poderes, em que o poder judicial deveria ser independente e o poder executivo assistido por um Conselho de Estado e que não podia "obrar senão por meio de ministros responsáveis".

Relativamente ao poder legislativo, pedia-se a instituição de um parlamento bicameral, sendo os representantes da nação eleitos pelas câmaras municipais, de acordo com "os nossos antigos usos", legislando as duas câmaras em concorrência com o executivo.

Com a Revolução de 1820, procurou-se que alguns destes princípios fossem assumidos como linhas de orientação política, intenção indicada, desde logo, pela vontade de convocação de cortes constituintes com vista à elaboração de uma Constituição escrita, como se pode constatar na proclamação lida a 24 de Agosto por um dos comandantes da tropa que fizeram o pronunciamento militar no Porto.

A Junta Provisória, então constituída, organizou as eleições para as Cortes.

#### As Cortes Gerais, Extraordinárias e Constituintes de 1821



Figura 1: Pormenor de estudos para a tela Cortes Constituintes de 1821, de Veloso Salgado.

É nas Cortes Gerais, Extraordinárias, e Constituintes, também chamadas de Soberano Congresso, cortes que elaboraram a [Constituição de 1822](#), que devemos procurar as raízes históricas da Assembleia da República.

Os representantes da nação foram eleitos através do sistema eleitoral consagrado na Constituição liberal espanhola de Cádiz de 1812, apenas com algumas adaptações à realidade portuguesa.

Tratava-se de um sufrágio indireto em que se deveriam formar juntas eleitorais de freguesia, de comarca e de província. Os cidadãos maiores de 25 anos (nalguns casos os maiores de 21 anos) com emprego, ofício ou ocupação útil, elegiam representantes que, por sua vez, escolhiam os eleitores de comarca. Estes reuniam-se na capital da província e elegiam os deputados às cortes constituintes, os quais não podiam ser menores de 25 anos, à razão de um por cada trinta mil habitantes.

Todo este intrincado processo eleitoral das primeiras eleições portuguesas ficou concluído no dia de Natal de 1820.

Esta assembleia constituinte, embora com a incumbência primeira de elaborar uma Constituição, designou desde logo um novo governo, a Regência, substituindo a Junta Provisória do Governo Supremo do Reino, que tinha dirigido o país desde o triunfo da revolução. Legislou igualmente de forma soberana sobre os mais variados assuntos de natureza política, económica e social e impôs ao Rei D. João VI o seu regresso do Brasil – onde se havia refugiado com a corte após as invasões francesas – para prestar juramento das Bases da Constituição.

Instituiu-se, assim, o primeiro sistema de governo parlamentar controlado por uma assembleia que veio a aprovar, em 23 de setembro, a Constituição de 1822.

Fonte: <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/monarquia.aspx>



Figura 2: Constituição de 1822

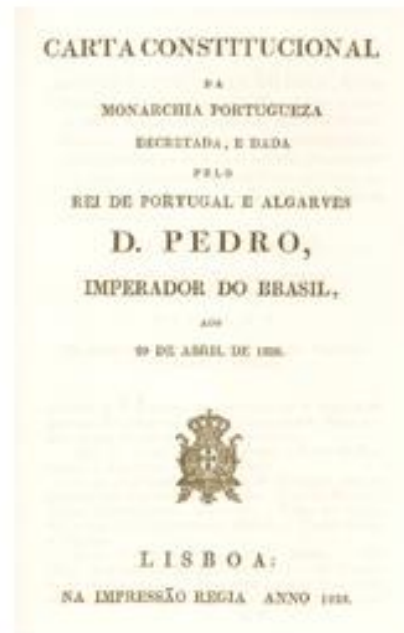


Figura 3: Carta Constitucional de 1826

Na Constituição de 1822 ficaram consagrados os princípios ligados aos ideais liberais da época: princípios democrático, representativo, da separação de poderes e da igualdade jurídica e respeito pelos direitos pessoais.

A Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa de 1826 foi a segunda Constituição Portuguesa. Teve o nome de Carta Constitucional por ter sido outorgada pelo rei D. Pedro IV e não redigida e votada por Cortes Constituintes eleitas pela Nação.



## DESAFIO de GRUPO

**MONARQUIA  
ABSOLUTA**

VERSUS

**MONARQUIA  
CONSTITUCIONAL**



Em grupo vão preparar um debate "Monarquia Absoluta *Versus* Monarquia Constitucional", para tal devem:

- escolher o coordenador de todos os elementos da atividade;
- escolher um elemento que registe os argumentos a favor das ideias a defender;
- escolher um elemento que apresente uma contra-argumentação adequada;
- respeitar o moderador e debater as ideias e os argumentos dos outros intervenientes;



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Sim

Mais ou menos

Não

Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



## DESAFIO 10



### MONARQUIA CONSTITUCIONAL



Os poderes são  
divididos em:  
Legislativo,  
Executivo e  
Judicial.



## DESAFIO 10



### MONARQUIA ABSOLUTA



O Rei tinha  
todos os  
poderes.





# MONARQUIA ABSOLUTA

VERSUS

# MONARQUIA CONSTITUCIONAL





A vertical line with seven horizontal arrows pointing to the right, serving as a template for writing or drawing.

## APÊNDICE L

### Folha de registo – Desafio 11


**DESAFIO 11**





**O DESAFIO**

Hoje és desafiado(a) a conhecer os acontecimentos que estiveram na origem do Cerco do Porto. Lê a Banda Desenhada sobre As Guerras Liberais e descobre as respostas às perguntas que se seguem.



**Responde às questões**

1. Após a morte de D. João VI em 1826, sucedeu-lhe no trono D. Pedro IV, já então imperador do Brasil. (Circunda a letra que representa a tua resposta.)
  - 1.1. Que **documento** outorgou D. Pedro em 1826?
    - a) A Carta Constitucional
    - b) A Constituição de 1822
  - 1.2. D. Pedro IV **abdica** do trono de Portugal a favor de:
    - a) D. Carlota Joaquina, sua mãe
    - b) D. Maria da Glória, sua filha
    - c) D. Miguel, seu irmão
  - 1.3. D. Miguel ficou com cognome de **USURPADOR** porque:
    - a) foi nomeado rei pelo seu irmão D. Pedro.
    - b) reuniu as Cortes e proclamou-se rei absoluto.
    - c) reuniu as Cortes e aceitou a Constituição.
  - 1.4. Em 1828, D. Miguel instala o **Regime Absolutista** e:
    - a) persegue os defensores do liberalismo.
    - b) persegue os defensores do absolutismo.
    - c) aceita o liberalismo.

Nome: \_\_\_\_\_4.º \_\_\_\_\_Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019

**1.5.** Em 1831, D. Pedro abdica do trono do Brasil, a favor do seu filho D. Pedro II (imperador do Brasil) e regressa a Portugal para assumir o Comando do Exército Libertador. De que ilha partiu esse exército?

- a) Ilha Terceira
- b) Ilha da Madeira
- c) Ilha de Porto Santo

Vê com atenção o vídeo Caminhos da História (Na Rede) e completa os espaços em branco.



**2.** Como se denomina este monumento comemorativo?

**2.1.** Que acontecimento assinala?

**2.2.** Onde se localiza? (Circunda a letra que representa a tua resposta.)

- a) Praia da Luz
- b) Praia dos Ingleses
- c) Praia da Memória

Observa as gravuras e enumera de acordo com a ordem dos acontecimentos.



Fig. 1 - Vista da praia de Armeaz de Duzepulido, onde desembarcou D. Pedro à frente do exército libertador. Gravura publicada na Ilustração Histórica do Rei D. Pedro IV, pelo Marquês de Resende, apresentada na Academia das Ciências de Lisboa em 1861 e gravada em 1867.

Palácio Nacional de Queluz | © PSML



Fig. 2 - Vista da cidade de Angra do Heroísmo na Ilha Terceira. Gravura publicada na Ilustração Histórica do Rei D. Pedro IV, pelo Marquês de Resende, apresentada na Academia das Ciências de Lisboa em 1861 e gravada em 1867.

Palácio Nacional de Queluz | © PSML



Fig. 3 - Vista da Serra do Pilar.

Gravura publicada na Ilustração Histórica do Rei D. Pedro IV, pelo Marquês de Resende, apresentada na Academia das Ciências de Lisboa em 1861 e gravada em 1867.

Palácio Nacional de Queluz | © PSML



## DESAFIO de GRUPO

Em grupo, pintem as imagens dos soldados do Batalhão de Voluntários da Rainha, do Marechal Saldanha e de D. Pedro IV e façam uma ilustração representativa do Cerco do Porto.



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



## APÊNDICE M

Folha de registo – Desafio 12



DESAFIO 12

# Percursos pelo Património

Nome: \_\_\_\_\_ 4.º \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019

# PORTO

Uma cidade com Coração Real!

## Legenda:

- A – Colégio de Nossa Senhora de Lourdes
- B – Baía do Cemitério dos Ingleses (Carco do Porto 1832/1833)
- C – Residência e Quartel General de D. Pedro IV (Carco do Porto 1832/1833)
- D – Campo de Santo Ovídio (Revolução Liberal 1820)
- E – Igreja da Lapa (Coração de D. Pedro IV)



## Avalia

Gostaste de participar nesta atividade?



Do que gostaste mais?

Do que gostaste menos?



## APÊNDICE N

Avaliação final das atividades: preferências dos alunos.

### 1. Preferências dos alunos:

<i>Desafios</i>	<i>Nº de alunos</i>
<i>Desafio 1: Quem é este rei?</i>	6
<i>Desafio 2: Genealogia (Jogo “Quem é quem”)</i>	26
<i>Desafio 3: Friso cronológico</i>	6
<i>Desafio 4: Gravura Monumento a D. Pedro IV</i>	12
<i>Desafio 5: Visita ao Património_ Monumento a D. Pedro IV</i>	16
<i>Desafio 6: Notícias (Entrega da bandeira; Entrega do coração)</i>	4
<i>Desafio 7: Visita ao Património_ Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular</i>	8
<i>Desafio 8: Documentário_ Transferência da Corte para o Brasil</i>	6
<i>Desafio 9: Revolução de 1820 (Jogo da memória)</i>	15
<i>Desafio 10: Monarquia Absoluta vs Monarquia Constitucional</i>	29
<i>Desafio 11: Guerra Liberal (banda desenhada)</i>	8
<i>Desafio 12: Percurso pelo património_Porto: uma cidade com coração Real</i>	20
<i>TODOS (Os alunos gostaram de todos, não conseguiram eleger nenhum em especial)</i>	11

### 2. O que os alunos gostaram mais:

<i>Referências</i>	<i>Nº de alunos</i>
Percurso	2
Debate	15
Jogos	3
Jogo “Quem é Quem”	9
Jogo da Memória	3
Visitas de estudo	4
Visita à Igreja da Lapa	3
Monumento a D. Pedro IV	3
Desafio 8	1
Trabalho final	1
Banda desenhada	1
Trabalhos de grupo	1
Fazer o filme sobre a visita	1
Exposição	1

### 3. O que os alunos gostaram menos:

<i>Referências</i>	<i>Nº de alunos</i>
Notícias	6
Documentário	3
Desafio 10	2
Três primeiros desafios	1
Friso cronológico	6
gravura	1
andar	1
“Quem é este rei”	5
Desafio 4	1

### 4. Sugestões

“Podíamos ter dois dias por semana.”
“Construir uma estátua em miniatura.”
“Foi ótimo! Continuem assim!”
“Eu queria continuar com o projeto ao longo do 2.º e 3.º ciclo.”
“Serem mais visitas.”
“Fazer muitos trabalhos em grupo.”
“Está tudo perfeito não é preciso nada mais.”
“Que o projeto não acabe.”
“Eu gostei de tudo.”
“Eu gostei, porque é divertido aprender sobre a nossa história de Portugal.”
“Fazer mais saídas do colégio.”
“Eu acho que devíamos ter mais dias de Projeto durante a semana.”
“Ter mais momentos onde as três turmas do 4.º ano estejam juntas.”
“Uma sugestão é fazer mais visitas.”
“Não dou sugestões, porque foi planeado incrivelmente.”
“Deviam fazer grupos de três.”



**NM**